



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante Reunião de Cúpula dos Chefes de Estado do Mercosul e Estados Associados

San Miguel de Tucumán – Argentina, 1º de julho de 2008

Meus queridos e queridas companheiras chefes de Estado do Mercosul, Excelentíssimos senhores e senhoras presidentes, Cristina Fernández de Kirchner, da Argentina; Tabaré Vázquez, do Uruguai; Hugo Chávez Frias, da Venezuela; Evo Morales, da Bolívia; Michelle Bachelet do Chile,

Senhoras e senhores ministros,

Senhoras e senhores chefes das delegações do Paraguai, Colômbia, Equador, México, Peru, Jordânia e Turquia,

Meu caro companheiro Carlos Chacho Álvares, presidente do Comitê de Representantes Permanentes do Mercosul,

Senhores representantes de organismos internacionais,

Representantes dos trabalhadores, do movimento social e do Parlamento do Mercosul,

Embaixadores e embaixadoras,

Meus amigos e minhas amigas,

As minhas primeiras palavras são para saudar e agradecer a nossa querida amiga Cristina Fernández de Kirchner, pelo trabalho desenvolvido durante a presidência Pro Tempore argentina. Sob sua liderança demos passos importantes em direção às metas traçadas para o Mercosul neste último semestre. O Mercosul é hoje fator fundamental do desenvolvimento de nossas economias e de nossa inserção internacional. Por isso, Cristina, receber a presidência Pro Tempore de suas mãos é um orgulho e um grande desafio.



Há alguns anos este bloco parecia desacreditado. Nossas economias passavam por dificuldades e muitos de nós experimentávamos sentimentos de frustração. Os parceiros menores sentiam, com razão, que não lhes chegavam os benefícios da integração. Resolvemos enfrentar as dificuldades dobrando a aposta no Mercosul. Com mais integração e com mais solidariedade, aprofundamos onde era possível aprofundar. Flexibilizamos (falha na gravação) onde isso ajudava as economias mais vulneráveis.

Hoje estamos colhendo os frutos das decisões tomadas ao longo desses últimos anos. O Mercosul demonstrou ser um instrumento fundamental para aumentar o comércio, fomentar os investimentos e gerar empregos. Permite aos nossos cidadãos se conhecerem melhor e se sentirem cada vez mais parte desse projeto comum.

Meus amigos e minhas amigas,

O comércio é elemento importante na integração. Nossas economias estão crescendo fortemente, impulsionadas, em boa medida, pelo aumento do intercâmbio dentro do Bloco. Os números mostram o salto qualitativo que já demos. As trocas do Brasil com os demais sócios do Mercosul vêm aumentando de forma exponencial: de 9 bilhões de dólares em 2002, para 29 bilhões de dólares em 2007. Incluindo a nossa querida Venezuela, esse comércio chega a 34 bilhões de dólares.

O Brasil está empenhado em diminuir o superávit que vem acumulando na região. O crescimento consistente das importações brasileiras, provenientes de nossos sócios, é um importante passo. Subiram 30% em 2007 e continuam a avançar em ritmo acelerado. Em 2008 nossas importações da Argentina já cresceram, nesse período, 37% comparadas com o ano passado. As importações procedentes do Paraguai subiram 87% nesse período, as do Uruguai, 37%, e as da Venezuela, 39%. Mais importante ainda é o crescimento da qualidade, com significativa participação de produtos manufaturados nas importações brasileiras. É sempre importante lembrar que a integração não se



esgota no comércio.

Por isso, estamos trabalhando para trazer novas dimensões ao Mercosul e permitir ganhos qualitativos que o comércio, sozinho, não pode proporcionar. Os acordos automotivos que o Brasil negociou com a Argentina e o Uruguai abrem caminho para ganhos de sinergia em escala regional. Vamos fazer do Mercosul um dos maiores pólos mundiais de produção de veículos. Estamos integrando cadeias produtivas em um dos segmentos industriais mais dinâmicos, com extraordinário potencial de geração de empregos e de difusão de tecnologias. Queremos levar essa lógica integradora para um maior número de setores, de forma que todos ganhem.

Por iniciativa argentina, estamos constituindo grupos de trabalho para estudar como integrar cadeias produtivas em setores estratégicos, tais como o de petróleo e o de gás. Vamos fazer com que a riqueza energética de nosso continente esteja à disposição de nossos cidadãos e do crescimento sustentável. O Fundo para a Convergência Estrutural do Mercosul tem papel decisivo nesse esforço, ao contribuir para superar as assimetrias dentro do Bloco.

Os recursos são ainda modestos frente à enormidade dos desafios, mas seu impacto já pode ser sentido, especialmente nas áreas de habitação, saneamento, transporte e capacitação tecnológica. Ver as fotos das primeiras casas populares construídas no Paraguai com recursos do Focem é motivo de orgulho para todos nós. É prova de que os benefícios do Mercosul estão chegando às pessoas que mais precisam. Tomamos, ontem, a decisão de criar o Fundo de Apoio a Pequenas e Médias Empresas. Ele permitirá a pequenos empreendedores se associarem em cadeias produtivas, com profundo impacto social no Mercosul.

Senhoras e senhores,

O Mercosul tem avançado muito além do campo econômico e comercial. Na busca do desenvolvimento econômico com justiça social, contamos com



instituições democráticas cada vez mais sólidas. A participação crescente do cidadão na discussão dos rumos do Bloco sinaliza o amadurecimento político de nossas instituições comuns. Nesses últimos semestres, multiplicaram-se as formas de participação da sociedade civil nas atividades de nosso Bloco. Quero trabalhar para aprofundar esse processo. Por essa razão, vou assinar decreto que institui no lado brasileiro o programa Mercosul Social e Participativo que resgatará, durante a Presidência Pro Tempore brasileira, o esforço de incrementar a relação com os movimentos sociais e as instituições da sociedade. As eleições diretas para o Parlamento do Mercosul representarão um maior compromisso de todos os setores de nossos governos com as deliberações e os objetivos de nosso Bloco. Penso que esses congressistas – e aqui estou vendo um deles – logo estarão trabalhando juntos em defesa de ideais e de projetos que atravessam fronteiras. Alguns dos problemas do Bloco exigem o fortalecimento de outras instituições, sobretudo de nossa estrutura em Montevidéu. Esse é um debate do qual não podemos e não devemos fugir.

Meus caros colegas,

É com muita honra que assumo novamente a presidência Pro Tempore do Mercosul, em nome do Brasil. Muitas tarefas nos esperam no semestre que está começando. Confio em que avançaremos com base no diálogo permanente e na vontade política de enfrentar decisões difíceis. Estamos determinados a fortalecer nossa união aduaneira. Para isso, assumimos o compromisso de, rapidamente, eliminar a dupla cobrança da Tarifa Externa Comum. Vamos afastar obstáculos na continuada expansão de nossas trocas comerciais e queremos superar entraves tributários a um maior intercâmbio na área de serviços. Estaremos atentos ao avanço da Agenda Social do Mercosul.

Vamos estimular o Banco de Preços de Medicamentos, que reforçará a capacidade de negociação de nossos governos. Queremos fortalecer o fórum de difusão de conhecimentos em agricultura familiar. Estamos empenhados na criação do Instituto Mercosul de Estudos Avançados, para articular a pesquisa



entre nossas instituições de ensino superior. Continuaremos prestigiando os canais de participação da sociedade civil e favorecendo a livre circulação de homens e mulheres quando, no outro lado do oceano, desencadeia-se odiosa perseguição aos latino-americanos, muitas vezes cercada de conteúdo racista. Nesse sentido, quero dar parabéns à decisão unânime do Parlamento do Mercosul de repúdio à diretriz aprovada pela União Européia.

Senhoras e senhores,

No momento em que o mundo se defronta com desafios graves, que exigem respostas coletivas e solidárias, é imperativo reforçarmos o diálogo e a coordenação econômica no nosso Bloco. Precisamos desenvolver estratégias que nos protejam da instabilidade nas economias desenvolvidas. O sistema de pagamento em moedas locais a ser implantado primeiramente entre Argentina e Brasil, já nesse segundo semestre, é passo necessário para resguardar nossa soberania financeira. Diante da alta do preço do petróleo, da crise de alimentos e do debate sobre as mudanças climáticas, cabe perguntar onde estaríamos sem o Mercosul. Estaríamos mais confiantes e solidários? Ou mais dependentes e isolados no contexto internacional?

Nossa integração nos faz mais fortes, respeitados e independentes. A criação de um pólo regional de biocombustíveis, por exemplo, garantirá a nossa segurança energética e reforçará nossa posição nas negociações sobre aquecimento global. Juntos estamos em condições de transformar nossas vastas riquezas naturais e potencialidades econômicas em mais bem-estar comum. Unidos temos melhores condições para reclamar justiça, igualdade e equilíbrio na arena internacional.

Daí minha convicção de que devemos redobrar esforços para concluir, o quanto antes, o processo de adesão da Venezuela ao Mercosul. Com igual convencimento, penso que nossos projetos de integração exigem aprofundar as negociações com os parceiros da América Latina e do Caribe.

Sediaremos em Brasília, no mês de setembro, reunião com os países



centro-americanos. Em Salvador, no dia seguinte à Cúpula do Mercosul, retomaremos o diálogo com os presidentes dos países-membros de mecanismos de integração da América Latina e Caribe.

O Mercosul é uma idéia que se confunde com os projetos e aspirações de desenvolvimento e integração de todo um continente. Não é por outra razão que, em seguida a esta Cúpula, seus membros e associados participarão de uma reunião da Unasul.

Minha cara companheira Cristina,

Em todos esses passos, temos contado com a liderança e a experiência da presidência argentina. É com plena confiança de que continuaremos a contar com essa indispensável contribuição que o Brasil assume a presidência Pro Tempore do Mercosul.

Meus amigos e minhas amigas,

Duas palavras, aqui, para terminar e bater o martelo nesta reunião. Primeiro, reforçar, companheiro Chávez, o que a Cristina disse aqui, ao deixar a Presidência. A reunião do Banco do Sul, no dia 27, teve uma boa decisão, eu acho que já está praticamente consagrado, apenas o companheiro Ali não pôde participar, por problemas, mas certamente o Banco do Sul já é um problema a menos na nossa agenda e nas nossas inquietudes.

A segunda coisa que eu queria dizer aos nossos participantes é que essa questão do alimento possivelmente seja mais séria do que nós a estejamos compreendendo. Neste momento, esse grupo de trabalho que o Chávez propôs, e que está acordado para discutir segurança alimentar, precisa, companheiros, não apenas ouvir as pessoas que participam, na área da agricultura, nos nossos países, mas preparar um documento para que haja o enfrentamento internacional sobre esse tema.

Nós não temos o direito de permitir que sejamos tratados como coadjuvantes num assunto em que nós somos os artistas principais. Nós temos tecnologia, nós temos o sol de que precisamos, temos a água de que



precisamos. Temos um problema energético porque, no passado, não foi feito o que precisaria ser feito para a integração energética do nosso continente. Temos condições de fazer com que essa integração aconteça. Por isso, foi constituído um grupo para discutir a questão da integração energética, porque nós precisamos cobrar as propostas concretas para que esse grupo comece a produzir propostas de políticas para que nós comecemos a trabalhar.

E queria dizer para vocês que os avanços tecnológicos que, certamente, os países que estão aqui, alguns têm, outros ainda não têm – por isso montamos o escritório da nossa Empresa de Pesquisa na Venezuela e queremos ajudar o Chávez a ser um grande produtor de soja, de pollo, de “maíz”. Ontem, ele me convidou para chupar uma laranja “dulce” aí, na praça, e agora eu fico sabendo que é limão. “Es uma vergüenza” o teu conhecimento de cítricos.

O dado concreto é que nós temos todas as possibilidades. O que precisamos é estabelecer, respeitando a soberania de cada país, respeitando a situação da liberdade de expressão de cada presidente... O que precisamos, neste momento, é ter um discurso comum para enfrentar um problema comum a todos nós. Nós passamos quase duas décadas “comendo o pão que o diabo amassou”, vendo os países ricos ficarem mais ricos e os nossos países ficarem mais pobres. A lógica que predominava aqui na América do Sul era a lógica de quem era mais amigo da Europa ou de quem era mais amigo dos Estados Unidos. Eu me lembro que a Argentina tinha um presidente, e o Brasil tinha outro, que ficavam disputando quem conversava mais com os governantes da Europa e dos Estados Unidos. Nós não precisamos disso.

Eu digo sempre, Cristina, que na história da Humanidade nenhum interlocutor respeita outro que não se respeita. Nós acumulamos essa experiência política. As pessoas que estão aqui, nesta mesa, são resultado de eleições democráticas e livres, se submeteram, com um programa muito claro, à vontade do povo, e ganharam as eleições.



O que nós precisamos, todas as vezes que pudermos – Chávez, companheira Cristina, companheiro Evo, companheiros do Uruguai, do Chile, do Paraguai – é falar em alto e bom som e deixar bem claro que a única possibilidade que nós temos de alcançar o padrão de desenvolvimento justo que queremos, é num clima de paz onde prevaleça a democracia, em que as decisões eleitorais sejam respeitadas, em que as instituições possam funcionar.

Eu falo, Evo, olhando para você, e posso repetir aqui no Mercosul, agora como presidente Pro Tempore, que a sua vitória na Bolívia foi a vitória mais significativa de toda a América Latina. Um povo que durante 500 anos foi segregado, foi tratado como se fosse de terceira categoria, eleger um dos seus presidentes da República, o mínimo que nós queremos, torcemos e exigimos é que a democracia seja cada vez mais sólida na Bolívia, e que o povo continue cada vez mais dono do seu destino, elegendo quem quiser eleger e garantindo que essa pessoa possa exercer a plenitude do seu mandato.

Nesta mesa, todos nós já fomos vítimas de momentos de crise. Eu olho para a cara da Michelle Bachelet e fico sabendo que o inferno astral dela foi na questão do transporte de Santiago. Fico olhando para o Chávez e vejo quantos problemas ele já enfrentou. Eu pensava que no Brasil não teria problemas e sei o que eu passei em 2005. Sei o que os companheiros do Paraguai enfrentaram, e sei o que a Cristina está enfrentando.

Nesse momento só existe uma coisa para nós. Primeiro, acreditar nas instituições democráticas que nós mesmos criamos. Segundo, acreditar na sabedoria do povo que nos elegeu. Terceiro, não perdermos nunca a paciência, porque tudo o que os adversários querem é que a gente “se quede nervioso”, para não ter tranquilidade para trabalhar. Cada um de nós tem um compromisso, esse compromisso foi vencedor e nós precisamos estar juntos para garantir que a democracia nunca mais deixe de existir, para que a gente não viva os anos duros da década de 60 e de 70 no nosso continente.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Com essas palavras, eu quero dizer a todos vocês: tentarei ser um presidente pelo menos igual ao que a Cristina foi nesse período.

Muito obrigado pela presença de todos.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de lançamento do Plano Agrícola e Pecuário 2008/2009
Curitiba – Paraná 02 de julho de 2008**

Meu caro amigo e governador do estado do Paraná, Roberto Requião,
Meu caro Reinhold Stephanes, ministro da Agricultura, Pecuária e
Abastecimento,

Meu caro companheiro Paulo Bernardo, ministro do Planejamento,
Orçamento e Gestão,

Meu caro Orlando Pessuti, vice-governador do estado do Paraná,
Desembargador José Antônio Vidal Coelho, presidente do Tribunal de
Justiça do Paraná,

Senador Neuto De Conto,

Deputados Federais Afonso Hamm e Carlos Melles,

Luiz Carlos Setim, vice-presidente da Comissão de Agricultura e
Reforma Agrária da Câmara dos Deputados,

Marcelo Almeida, Ratinho Júnior e Rodrigo Rocha Loures,

Senhoras e senhores deputados estaduais aqui presentes,

Meu caro Beto Richa, prefeito de Curitiba,

Demais prefeitos e prefeitas das cidades do interior que estão aqui
participando deste evento,

Nosso querido companheiro Valter Bianchini, secretário da Agricultura e
Abastecimento do Paraná, em nome do qual saúdo os demais secretários
estaduais,

Meu caro companheiro Márcio Lopes de Freitas, presidente da
Organização das Cooperativas Brasileiras,

Meu caro Fábio Meirelles, presidente da Confederação Nacional da
Agricultura,



Senhor Ágide Meneghetti, presidente da Federação da Agricultura do Paraná,

Senhor João Paulo Koslovski, presidente da Organização das Cooperativas do Paraná,

Senhoras e senhores agricultores, pecuaristas,

Nossos queridos empreendedores do campo,

Jornalistas aqui presentes,

Meus amigos e minhas amigas,

Primeiro, eu preciso fazer o registro da necessidade de compreendermos do que estamos participando aqui. O Reinhold Stephanes foi preciso. Aliás, eu acho que já participei, com este é o 7º Plano Safra de que participo, e acho que nós nunca tivemos tanta precisão em apresentar um programa para a agricultura brasileira. E isso é o resultado de como nós chegamos a esse Plano. Não é uma coisa que o Ministro da Agricultura, como habitualmente acontecia, procurava o presidente da República, ou procurava individualmente o Ministro do Planejamento, ou procurava individualmente o Ministro da Fazenda, ou procurava, quem sabe o Presidente da Comissão de Agricultura da Câmara e aí se estabelecia, em vez de uma negociação, uma verdadeira guerra entre aquele que queria dinheiro e aquele que não queria dar, entre aqueles que muitas vezes preferem fazer discursos eminentemente corporativos, e aqueles que querem construir uma política para o País.

Então, eu quero registrar o mérito de três pessoas, em primeiro lugar: Reinhold Stephanes, Guido Mantega e Paulo Bernardo. Segundo, registrar a participação dos deputados e senadores das Comissões de Agricultura no Congresso Nacional. Em terceiro, os empresários e os trabalhadores rurais que participaram desse acordo. Eu penso que houve uma compreensão simplista mas, eu diria, muito forte de todos nós. Nós compreendemos que estamos todos dentro de um barco, que tem gente que está na proa, tem gente que está



na popa, tem gente que está na cabine, tem gente que está em cima do mastro, tem gente que está no convés, tem gente que está na casa de máquinas e tem gente que está limpando o porão. Todos nós sabemos: a gente pode estar onde estiver, se o barco afundar, todos serão iguais embaixo d'água. Não haverá distinção de tamanho de propriedade, não haverá distinção do produto que está sendo plantado, não haverá distinção da renda ou da origem social de cada um, todos nós seremos defuntos. Essa foi a compreensão que permeou a sabedoria e a inteligência das pessoas que fizeram a negociação para que esse acordo pudesse ser anunciado hoje.

Eu me lembro de quantas vezes foram feitas manifestações em Brasília, e de quantos planos foram feitos para renegociar a dívida. Inventou-se 500 planos e, normalmente, acontecia pressão em ano político. Ano político é uma desgraça: aparecem salvadores da pátria para tudo quanto é lado. Acho que não cabe todo mundo no céu, então desce todo mundo para a Terra para fazer pressão, como se fosse possível inventar orçamento, inventar Estado, inventar dinheiro para atender as demandas dos momentos de campanhas eleitorais.

Este Plano, não. Ele não foi feito sob pressão. Ele foi feito sob a compreensão da necessidade e do significado que o Brasil tem, neste momento, da história da Humanidade e da história do planeta Terra. Se nós não compreendermos isso e não soubermos aproveitar as oportunidades que estão se apresentando para o Brasil, para a América Latina e, eu diria, para a África, nós corremos o risco de jogar fora a oportunidade e, daqui a 10 ou 15 anos, os nossos netos estarem com as mesmas “pendengas” que nós tivemos na década de 50, de 60, de 70, de 80, de 90, e na primeira década do século XXI.

Na verdade, este Plano nos orienta a assumirmos a responsabilidade de um desafio, um desafio pensando – e não quero que ninguém deixe de pensar na sua própria produção, no bem-estar da sua família – neste País. Vocês estão lembrados de quantas vezes alguém disse para nós que o Brasil seria o



celeiro do mundo. Quantas vezes a gente pensou que estivesse chegando lá e, de repente, a gente não chegava. Ficava a frustração que permeou, possivelmente, algumas gerações. Um dia, este País compreendeu que precisava investir em tecnologia, e lá pelos idos de 1973 um presidente, que talvez tenha sido o mais duro na repressão política da história deste País, criou a Embrapa. A Embrapa contribuiu com uma revolução, neste País, que hoje nos coloca como o principal conhecedor tecnológico na área de agricultura tropical.

Por isso, montamos um escritório em Gana, porque desconfiamos que a savana africana, em alguns lugares, é muito parecida com o cerrado brasileiro. Os senhores e as senhoras também ouviram, há 30 ou 40 anos, que o cerrado brasileiro não prestava para nada. Havia quem dissesse: “Por que não presta? Porque terra em que nasce árvore torta não presta para nada”. Nós ainda não tínhamos o conhecimento tecnológico para fazer um bom manejo da terra. Na hora que isso foi feito, nós fizemos uma revolução no Centro-Oeste brasileiro, onde está grande parte do cerrado. Nós trabalhamos com essa hipótese no continente africano e no continente latino-americano. Por isso, também montamos um escritório da Embrapa em Caracas para prestar assistência tecnológica a uma parte do continente latino-americano que vai de Caracas até a Guatemala, na divisa com o México. Essa é a idéia. Por que essa decisão de fazer com que a Embrapa saísse do território brasileiro? Porque o mundo – e isso é uma coisa boa – está comendo mais. Nós ainda não temos dimensão do que pode acontecer no mundo se 200 milhões de seres humanos continuarem tendo acesso à comida a cada ano. Nós temos mais chineses comendo, temos mais indianos comendo, temos mais latino-americanos comendo, temos mais africanos comendo, e temos muito mais brasileiros comendo. Tudo isso, que é tratado pela imprensa como se fosse uma crise e é vendido no mundo como se fosse uma crise, nós, brasileiros, sem nenhuma arrogância e sem nenhuma presunção precisamos encarar, o que para os outros é uma crise, como uma



extraordinária oportunidade de nos transformarmos verdadeiramente no celeiro do mundo, que tanta gente preconizou a vida inteira.

Precisamos ter consciência, também, de que o processo não é mágico. As coisas não podem acontecer... Eu digo isso com a minha experiência de chefe de Estado, mas transiro para vocês como chefes de família ou como empresários. O problema é o mesmo, ele só tem uma dimensão maior. Eu estava ouvindo aqui o Márcio falar. Ele já elaborou uma nova pauta de reivindicação. Eu nem parabeneizei o Sílvio, da Embrapa, nem o companheiro Guedes, que é o nosso “financeiro” para agricultura no Banco do Brasil... Nós acabamos de criar um PAC na Embrapa, e eu tomei a iniciativa de chamar o Sílvio e falar: Sílvio, nós precisamos fazer uma evolução na Embrapa. Ela precisa se espriar por dentro e por fora deste País, afinal de contas o Brasil precisa ser um grande exportador de conhecimento também, e não apenas um grande exportador de grãos.

Eu estava ouvindo o Márcio falar, e estava me lembrando do seguinte. Isso acontece na casa de vocês, aconteceu no ano passado e vai acontecer neste ano. Normalmente, a mulher que tem mais preocupação “se mata”, prepara aquela mesa de Natal, por mais humilde que seja, coloca todas as coisas que tem lá, mata o frango mais gordinho, prepara o peru não sei das quantas, vai comprar as suas castanhas, monta a mesa. Aí entra um filho: “mas falta isso, falta aquilo”. Ele nem degustou o que estava na mesa, e já está querendo comer o que vai ser comprado no ano que vem.

O que nós estamos fazendo hoje aqui... Eu tenho, meu caro Reinhold, uma revolução na agricultura brasileira. Eu sei que, pela primeira vez, o Ministério da Fazenda se senta com você para negociar, junto com o Ministério do Planejamento, sem que haja um antagonismo de você querendo tudo, e a Fazenda não querendo nada. Não. Você queria tudo e a Fazenda queria tudo, porque o objetivo era encontrar uma solução para a agricultura brasileira, para essas dívidas impagáveis, porque tem um erro no Estado brasileiro. Quando



um cidadão faz uma dívida de 10, e não pôde pagar; passaram-se 10 anos e ele não pôde pagar; passaram-se 15 anos ele não pôde pagar, primeiro, o Estado é incompetente por deixar a pessoa ficar devendo 20 anos sem pagar. Segundo, você fica colocando penduricalho em cima de penduricalho, em cima de uma dívida de 10. Se você não pôde pagar 10, isso vira 100 mil e você nunca mais via poder pagar. Portanto, você vira um cidadão ou uma cidadã com o nome sujo no Banco do Brasil, e o Guedes nunca mais vai querer emprestar dinheiro para as pessoas. Vamos limpar esse negócio, vamos tirar todos os penduricalhos, ver qual é a dívida real e dar um tempo para as pessoas poderem pagar. Assim, o Estado não finge que tem uma dívida, as pessoas não fingem que devem, e o Estado passa a ter uma dívida real, as pessoas passam a pagar o que é real e nós criamos condições de transformar o País em um país muito mais produtivo.

Nós temos, Requião, uma dívida ativa inscrita e não inscrita, de 1,2 trilhão. Acredita nisso? Qualquer governo pode dizer: “Tenho bastante grana, porque tenho uma dívida de 1,2 trilhão de reais”. O que acontece de fato? Só de pessoas que devem até 10 mil reais e estão devendo há mais de 5 anos são 2,6 milhões de processos na Justiça. Esses processos levam quatro anos na esfera administrativa e depois levam, praticamente, 12 anos no Poder Judiciário. Isso termina sendo uma estupidez. Eu acho – me desculpem se tiver advogado aqui – que essa dívida interessa a quem banca esses processos, porque não pode interessar nem ao agricultor e nem ao Estado, não pode interessar.

Sabem quantos processos nós temos na Justiça, meu caro Guedes? Onze milhões e 600 mil processos, por conta dessa dívida. Eu não sei se o Paulo já concluiu os estudos, mas eu penso que 80% dos devedores não devem dever 100 mil reais. Tem pequenas empresas que abriram, fecharam, e estão devendo lá. O cidadão nem existe mais enquanto empresa, mas a dívida está lá, ou a pessoa já morreu e não vai pagar. Vocês estão lembrados que eu



disse que nós vamos destravar este País, porque este País tem que aproveitar este momento para dar um salto de qualidade.

Imagine você o que significa, Requião, se a China resolver comprar carne do Brasil. Imagine o que significa se a Rússia abrir para todos os estados venderem a nossa carne bovina. O nosso rebanho, que parece grande, vai se transformar em um rebanho pequeno. E nós precisamos – neste momento da história, em que se fala de uma crise de inflação por conta dos alimentos – dar a resposta, não contendo a capacidade de consumo do povo ou a capacidade de produzir dos empresários e dos trabalhadores. Nós temos que aumentar a produtividade neste País. Incentivar a produtividade, criar condições para que as pessoas plantem e saibam que não vai acontecer mais o que acontecia há 10, 20 anos, quando o cidadão era motivado a plantar uma determinada cultura e, quando ele ia colher, todo mundo tinha plantado e ele era obrigado a jogar fora porque não tinha preço.

Se nós quisermos que o Brasil se transforme em uma agricultura definitivamente importante no mundo é preciso que as regras sejam estáveis, até para as intempéries. Por isso a nossa obsessão em criar um seguro agrícola consagrado, para que as pessoas saibam que vão ter oxigênio para respirar, chova ou não chova, tenha muito sol ou muita chuva. É isso o que motiva alguém a sair de casa para plantar uma semente.

O que está acontecendo neste momento? Vocês estão percebendo que nós estamos vivendo uma pequena, eu não diria guerra, mas um pequeno confronto na OMC, nas negociações da Rodada de Doha, e o Brasil tem uma posição muito clara. Eu mesmo, a cada ano falo com os 7 ou 8 principais dirigentes do mundo para ver se a gente combina um jeito de os países ricos – que muitas vezes gastam mais pagando para os agricultores não produzirem do que para os que produzem – flexibilizarem o seu mercado agrícola para que os produtos dos países em desenvolvimento possam entrar no seu mercado. Essa é a briga. Por outro lado, nós queremos que os Estados Unidos diminuam



o subsídio agrícola que dão para os seus agricultores, para que os produtos dos países emergentes e mais pobres também tenham facilidade de chegar aos mercados americanos. O que eles querem? Eles querem que a gente flexibilize nos produtos industriais, e nós estamos dispostos a flexibilizar desde que a flexibilização nos produtos industriais não signifique truncar um país que passou 20 anos sem crescer e começa a crescer agora, e nós também não queremos bloquear o crescimento da nossa indústria.

Esse é o desafio. Eu penso que até o dia 30 de julho, mais ou menos, deveremos ter um desfecho disso, e o Brasil trabalha com a idéia de fazer o acordo. Nós trabalhamos com a idéia de que o acordo saia agora e a gente resolva alguns problemas que o mundo está vivendo hoje. Vocês acompanharam a lei da imigração, aprovada pelo Parlamento Europeu, vocês estão acompanhando a lei da imigração feita pela Itália, e eu tenho claro que só tem um jeito de a gente evitar imigração: garantir a possibilidade de trabalhar e de viver no seu país de origem. Se não for assim, as pessoas vão migrar para outros países.

Eu tenho dito com muita clareza: este é um país santo. Nós recebemos estrangeiros aqui desde 1500. Nunca tivemos problemas. Nós só não deixamos entrar aqui os franceses e os holandeses, porque eles não quiseram entrar por bem, quiseram entrar na marra. Aí, nós tivemos uma pequena peleja e os colocamos para fora. Em 1850 chegou o primeiro contingente de alemães aqui, e nós devemos muito a eles. Em 1870 chegaram os italianos, e nós devemos muito a eles. Depois chegaram espanhóis, japoneses, poloneses, ucranianos e outros que vieram para cá contribuir. Toda essa gente ajudou este País a ser o que é. No começo havia uma certa coisa: “não podem se misturar, japonês não pode se casar com brasileiro, ucraniano não pode se casar com brasileiro, e não sei das quantas”. Hoje virou uma salada de frutas e é por isso que nós somos assim, porque nós não tivemos medo da mistura, e essa miscigenação criou esse povo extraordinário.



Estou dizendo isso pelo seguinte: a hora é agora. O governo vai fazer a sua parte. Este ano nós chegamos a 144 milhões de toneladas de grãos. A soja, ontem, bateu 590 dólares a tonelada. A gente também precisa ficar alerta. A gente não pode achar que não pode fazer acordo porque o preço está bom, pois o preço bom pode cair. Todo mundo está lembrado porque surgiu o Pró-Álcool no Brasil. Todo mundo sabe quanto estava o preço da tonelada de açúcar em 1973, e para quanto caiu. E aí, o que íamos fazer com toda a cana plantada? Vamos fazer o Pró-Álcool que, graças a Deus, foi uma decisão acertada. O que nós precisamos é ter consciência de que esse preço é volátil, sobretudo porque hoje nós temos uma especulação delicada na Bolsa de mercado futuro, meu caro Meirelles. Nós saímos de 13 bilhões para 260 bilhões de compras no mercado futuro de alimentos, e até pedi para que o Ministro da Fazenda juntasse uma equipe de pessoas, chamasse o Reinhold, para a gente ver quais os efeitos disso no preço dos produtos hoje.

Da mesma forma o petróleo, porque o mundo desenvolvido, companheiros, quando quer discutir o preço dos alimentos, está jogando a culpa em cima da cana-de-açúcar: “É esse tal de etanol do Brasil, esse tal de biodiesel”. Eu fui agora na FAO e eu disse para eles não apontarem seus dedos sujos de óleo e de carvão para o etanol limpo deste País. Eles não querem discutir quanto o petróleo tem de incidência no custo do fertilizante, eles não querem discutir quanto o petróleo tem de incidência no custo do frete, no custo da energia, eles não estão dispostos a discutir isso. E também não tem nenhuma explicação para o petróleo estar a 140 dólares o barril, nenhuma explicação.

Quando a gente pergunta para a Petrobras, para o nosso amigo Chávez, ou para quem tem petróleo, eles falam: “É o consumo da China, porque a China compra tudo”. É meia-verdade. A outra verdade é que a quantidade de petróleo vendido no mercado futuro é igual ao consumo da China. Portanto, não é uma China, são duas Chinas: uma real, que consome; e a outra fictícia,



que está especulando. Sobretudo agora, depois da crise imobiliária americana. Vejam que o FMI não está lá, eles não falam de ajuste fiscal, os bancos europeus que perderam bilhões e bilhões não aparecem na conta. Se fosse o coitado do Brasil, estaria todo mundo aqui querendo meter o bedelho, como se nós fôssemos um potinho de água benta, todo mundo querendo colocar o dedo. Lá eles vivem uma crise profunda e não se mexem. E o que está acontecendo? Os bancos que perderam dinheiro na especulação imobiliária estão agora tentando ganhar dinheiro especulando com o alimento e especulando com o petróleo. É esse discurso, Requião, que eu pretendo preparar para levar na semana que vem no G-8, em Tóquio, quando vou me encontrar com os países ricos.

Nós temos que nos preparar para enfrentar isso. Este lançamento do Plano é a primeira etapa. Amanhã, lançaremos o plano da agricultura familiar, em que também teremos uma palavra de ordem. A palavra de ordem para a agricultura familiar é dobrar a produção de cada pequena propriedade que tenha um produtor brasileiro. Chega de produzir cultura de subsistência: “Eu tenho uma terrinha, vou plantar mandioca, vou plantar um milhozinho”. Não, é para plantar o que puder plantar, para comer e para vender. Nós temos que dizer para os pequenos que é bom ganhar dinheiro, comprar uma televisão nova, comprar um carro novo, comprar roupa nova para o filho. Não está escrito na Bíblia que o pequeno tem que ser pobre, que ele não pode ganhar bem. Então, o governo vai cumprir essa tarefa. Amanhã nós vamos anunciar o financiamento de 60 mil tratores para a agricultura familiar. Nós queremos fazer uma revolução, porque quando o mundo precisar comer o Brasil tem que dizer: venha comprar, o Brasil tem para vender. Por isso, eu saio daqui convencido, Reinhold, que o que você anunciou hoje aqui é uma revolução nos hábitos brasileiros de anunciar safra agrícola.

Quero parabenizar o governador Requião pelas inovações e pelas políticas, afinal de contas ele tem um secretário da Agricultura – que ele tomou



de mim – que é uma das figuras mais extraordinárias que nós temos na agricultura familiar. Quero agradecer aos deputados e senadores que tanto contribuíram para que nós pudéssemos chegar a este momento que estamos vivendo hoje. Quero agradecer aos empresários que representam as Federações e Confederações, à OCB. Quero agradecer a colaboração de todos e dizer a vocês, gente: este País... O Lula só tem mais dois anos e 6 meses de governo. Pretendo ter 90 anos de vida. O dado concreto é que a gente não pode ficar debitando nas costas do governo a responsabilidade por tudo. Nós precisamos aprender a construir juntos para que seja uma coisa nossa. O Reinhold disse bem: o Programa não é um programa dele, é um programa do governo. Se der errado, tanto o presidente da República, quanto o Guido Mantega ou qualquer outro ministro, mesmo o da Cultura, vão sofrer a mesma pressão, porque o Programa é nosso, não é deles; como o programa da Embrapa não é do Sílvio, é do governo; como o programa de investimentos de 41 bilhões em ciência e tecnologia não é do Ministro da Ciência e Tecnologia, é do País. Nós encontramos um jeito de fazer com que a sociedade pudesse participar.

Eu quero terminar dizendo a vocês que o Brasil vive um momento ímpar na sua história. De vez em quando eu vejo uma ou outra pessoa – sempre uma minoria – torcendo para não dar certo. É como quando vão jogar aqui o Atlético e o Coritiba: o torcedor do Coritiba pede a Deus para que o Atlético jogue mal, e o do Atlético pede a Deus para que o Coritiba jogue mal. Eles não pensam: vamos fazer um bom jogo, ganhe quem ganhar, o importante é que o povo viva feliz. Governar o País também é assim. As pessoas não têm que torcer para as coisas não darem certo. Vocês acreditam que tem gente torcendo para que tenha inflação, para poder ter um discursinho e falar mal do governo? Vocês acreditam nisso? Porque estão há três anos sem ter o que falar. Se tiver uma inflaçõzinha: “Está aí a inflação”.

Eu me lembro de uma história, Requião, que me contaram um dia. Diz



que tinha um cara – não vou dizer qual o pensamento político dele – que, ao nascer uma criancinha, ele falava: “Essa menina vai ter um filho”. Passou 30 anos falando isso, até que a menina se casou, teve um filho, e ele falou: “Estão vendo, eu não falei?” Tem gente que fica torcendo para as coisas não darem certo.

Eu quero dizer a vocês: quem torcer para este País não dar certo vai, simplesmente, quebrar a cara. Se eu não fosse presidente da República, eu ia dizer que iria quebrar outra coisa, mas vai quebrar a cara. E por que vai quebrar a cara? Todos os investimentos que nós fizemos, de infra-estrutura, começarão a desovar agora. Eu duvido que em algum momento os prefeitos deste estado, independentemente do partido a que pertençam, tiveram a quantidade de recursos disponibilizados pelo governo federal, como têm agora: prefeitos do PSDB, do PFL, do PT, do PMDB, de tudo quanto é partido político. Segundo, nós estamos fazendo mais ferrovias nesses quatro anos do que tudo o que foi feito nos últimos 20 anos neste País. Terceiro, nós estamos determinados, não apenas a recuperar os portos que estamos recuperando, mas a fazer o que precisa ser feito. Quarto, nós estamos determinados a fazer no Brasil, Requião, mais quatro siderúrgicas novas. Nós não queremos mais que a Vale do Rio Doce seja apenas exportadora de minério de ferro. Nós queremos que ela exporte valor agregado de coisas produzidas neste País, de coisas que geram dinheiro e empregos neste País.

No ano que vem começaremos a explorar o petróleo do pré-sal, que não é pouca coisa. Nós estaremos fazendo uma refinaria no Maranhão, para gasolina *premium*, de 19 bilhões de reais, e ela vai refinar 600 mil barris/dia. Vamos anunciar outra em Fortaleza no ano que vem, de 11 bilhões de dólares, para (refinar) 300 mil barris/dia. Por quê? Porque não queremos ser exportadores de óleo cru. Queremos ser exportadores de derivados do petróleo com valor agregado. Nós nem queremos entrar na Opep...

Ao mesmo tempo, todo o processo de investimentos que está sendo



feito neste País vai começar a brotar no ano que vem. Vocês sabem que todas as vezes que a gente faz muito investimento, num primeiro momento, ele é demanda. Quando a gente está produzindo 10 fábricas de cimento, como estamos fazendo agora no Brasil, no momento da construção é consumo e demanda, porque se está comprando as coisas para construir a fábrica. Só vai virar oferta quando a fábrica estiver produzindo cimento. Então, todos os investimentos que nós fizemos na indústria e estamos fazendo agora, com este Plano Agrícola, na agricultura, certamente daqui a cinco ou seis meses isso passará a ser oferta. Na indústria, no ano que vem, será oferta.

Então, eu acho que o Brasil vive um momento que, eu acredito, os meus filhos e os meus netos vão viver em um país muito melhor do que aquele que eu herdei dos meus pais. E vocês têm muita responsabilidade com o futuro deste País.

Muito obrigado. Boa sorte e boa safra agrícola este ano.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de lançamento do Plano Safra Mais Alimentos**

Brasília – DF, 03 de julho de 2008

Meu caro companheiro José Alencar, vice-presidente da República,
Meu caro governador do Distrito Federal, José Roberto Arruda,
Meu caro governador do estado da Bahia, Jaques Wagner,
Meu caro companheiro Guilherme Cassel, ministro do Desenvolvimento
Agrário,

Reinhold Stephanes, ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento,
Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meu caro e querido Gregolin, secretário especial da Aqüicultura e Pesca,
que vamos logo, logo transformar em Ministério para poder pescar as tilápias
que você ainda não pescou,

Minha querida companheira Arlete Sampaio, ministra interina do
Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Meu caro Edson dos Santos, ministro da Secretaria Especial de Políticas
de Promoção da Igualdade Racial,

Nilcéa Freire, ministra da Secretaria Especial de Políticas para as
Mulheres,

Meus caros companheiros senadores e deputados federais aqui
presentes,

Eu quero cumprimentar o nosso líder do governo, Henrique Fontana, e
cumprimentando-o, estarei cumprimentando todos os companheiros
parlamentares aqui presentes,

Companheira Maria José da Costa, representante da Via Campesina,
Elisângela dos Santos Araújo, representante da Fetraf,
Manoel dos Santos, representante da Contag,



Produtores e produtoras rurais aqui presentes,
Embaixadores convidados para o nosso evento,
Companheiro Sílvio, da Embrapa,

Eu quero dizer a todos vocês que a Embrapa está prestando... Além do extraordinário trabalho aqui no Brasil, já inauguramos o nosso escritório em Caracas e já começamos a plantar os primeiros 30 mil hectares de soja. Queremos ver se em quatro anos a gente deixa a Venezuela auto-suficiente na produção das suas próprias sementes, e a Embrapa vai tentar ajudar naquilo que for possível. Também abrimos a nossa sede da Embrapa em Gana, na capital, cidade de Acra, onde nós já pesquisamos 17 países, indo a campo, e 10 à distância. Não sei como é que se pesquisa à distância, mas já pesquisamos 10 à distância. Nós trabalhamos com o otimismo de que a savana africana possa ter as mesmas características do cerrado brasileiro e, portanto o Brasil pode dar a sua contribuição para que haja uma revolução agrícola na África. A América Central também está querendo uma sede da Embrapa e isso tudo é muito bom. Logo, logo o Sílvio apresentará uma pauta de mais concursos, de mais contratações, de mais gente, e essas coisas vão ficando difíceis de serem feitas.

Quero agradecer ao Guilherme, ao Reinhold, ao Banco do Brasil, ao Lima Neto, ao Guido Mantega, ao Beca, do Ministério da Fazenda, que está aqui, aos companheiros do Planejamento que trabalharam para que a gente pudesse, no dia de hoje, apresentar possivelmente o mais sólido plano de safra para a agricultura brasileira, envolvendo a agricultura empresarial e a agricultura familiar.

Quero agradecer aos companheiros do Incra, que me dizem todos os dias que desapropriam terras, que me mandam assinar documentos, porque já chegaram a 35 milhões de hectares. Se chegarem a 35 milhões de hectares, é quase quatro vezes a área de plantio no estado do Paraná.



Quero agradecer à companheira Dilma pelo trabalho que a Casa Civil faz, no sentido de transformar tudo isso que nós colocamos aqui em medidas provisórias e projetos de lei.

Quero agradecer ao acordo que o governo conseguiu fazer, através do Guilherme, com a Anfavea e com o Sinfavea, para que a gente pudesse fazer com que os tratores e os implementos agrícolas chegassem mais baratos às mãos dos agricultores.

Tem um “quêzinho” ainda, Guilherme, que falta. Está aqui o companheiro do Paraná, Bianchini, o nosso secretário de Agricultura do Paraná. Lá, o governador Requião reduziu o ICMS. Obviamente que não tem ICMS no governo federal, e isso tem que ser uma decisão dos governos estaduais. Eu acho, companheiro Arruda, companheiro Jaques Wagner, que seria importante a gente contribuir para que o Confaz reduzisse um pouco o ICMS nesse acordo dos tratores, que estamos fazendo, porque eles chegariam mais baratos às mãos dos trabalhadores.

Eu penso que haverá disposição dos governadores... Eu vi a concordância dos dois que estão aqui e certamente haverá de outros, pelo menos de uma parcela, para a gente poder baratear o preço das máquinas que vamos financiar para os pequenos agricultores.

Eu deveria falar isso, parar e ir embora porque eu tinha um compromisso às 13 horas e já são 13h20, e ainda estou aqui. Eu queria apenas dizer uma coisa a vocês para que a gente refletisse. Ainda não existe uma conclusão lógica do que está acontecendo no mundo com relação aos alimentos. Essas coisas ainda estão na fase de os técnicos investigarem, de os economistas estudarem, de os homens ligados à agricultura e os ministros meditarem, e vai chegar um momento em que a gente vai saber concretamente o que está acontecendo com os alimentos. A única coisa que o Brasil não aceita – eu, particularmente, não aceito, e vou repetir o que disse na FAO – é que os dedos sujos de óleo e de carvão apontem para os biocombustíveis limpos do Brasil,



tentando culpar o nosso País.

Em segundo lugar, é importante que a gente faça apenas uma reflexão, sem encontrar culpados. Não queremos encontrar culpados, queremos apenas encontrar o diagnóstico correto para tomar as decisões corretas. O dado concreto é que eu já participei de vários fóruns internacionais e participei de situações em que ninguém quer discutir a incidência de um barril de petróleo, a 140 dólares, no custo do frete, no custo do fertilizante e no custo da própria energia produzida à base de combustíveis fósseis. Aqui no Brasil o custo do petróleo me parece que incide por volta de 30% no custo dos produtos agrícolas que nós produzimos.

Esse é um dado que nós poderemos... Eu acho que o petróleo vai ter um ajuste. Quando eu pergunto ao meu amigo Chávez ou ao meu amigo José Sergio Gabrielli... Nós sabemos que mais do que o consumo do petróleo que está aumentando, nós temos uma especulação muito grande do petróleo no mercado futuro. Dois meses atrás era simples dizer: a culpa é da China, a culpa é da Índia, estão crescendo demais e estão utilizando muito aço, muito óleo. Isso é apenas meia-verdade. Eu vou bater nessa tecla até alguém me provar que isso não é verdade.

A verdade é que nós temos hoje, no mercado futuro, especulando com o petróleo, a mesma quantidade de barris de petróleo que a China consome. Então, nós temos uma China real comprando petróleo e transformando em riquezas, e temos outra China irreal, que é a especulação possivelmente causada pelos fundos de pensão que quebraram a cara no *subprime*, na crise imobiliária americana, e que agora estão querendo uma coisa mais certa, que é o petróleo. Essa é uma coisa que ainda está em debate internacional.

A outra coisa importante é a questão dos alimentos, também no mercado futuro. Eu pedi para que o Guido montasse uma equipe no Ministério da Fazenda, não apenas do governo, mas que convocasse especialistas de outros setores para a gente pesquisar profundamente o que está acontecendo,



de verdade, com os alimentos em vários lugares do mundo. Entre os BRICs, o Brasil é o que tem a inflação mais controlada; outros países perderam o controle. No Brasil, nós estamos numa situação, eu diria, tranqüila. Obviamente que sempre aparece um ou outro que quer ganhar um pouco de dinheiro especulando também, inflacionando a expectativa inflacionária para poder, quem sabe, antecipar seus próprios preços. Tudo isso nós estamos olhando com muito cuidado e não há nenhum motivo para a gente perder meia hora de sono com isso. O que nós precisamos é estar alertas para não permitir que a inflação saia, efetivamente, de controle.

Dito isso, há um fato inusitado e muito importante: o povo pobre está comendo mais. E se o povo pobre está comendo mais, nós vamos ter que aumentar a produção. Se não aumentarmos a produção e tiver 10 pessoas para comprar um quilo de feijão no supermercado, e só tiver um quilo de feijão, obviamente que o dono do supermercado vai aumentar o preço daquele feijão que tem uma procura maior do que a oferta. Mas se tiver 10 saquinhos de feijão e apenas um comprador, certamente ele vai baixar o preço para que apareçam mais compradores.

Não tem muita explicação, Reinhold, uma tonelada de arroz sair de 300 dólares para 900 dólares, ou reais, em tão pouco tempo. A soja, anteontem, bateu 590 dólares a tonelada. O nosso feijão foi para 250 reais a saca, em pouco tempo. Tem vários fatores: seca; enchente; o estado do Paraná, que produziu 29% a menos... Muitas vezes um produtor vê um produto mais caro no mercado, deixa de plantar uma coisa e vai plantar outra. Tudo isso nós sabemos que existe e temos que ter um certo controle. Para isso, nós estamos aumentando a nossa política de preço mínimo, para garantir que as pessoas produzam. Se as pessoas não conseguirem o preço ideal no mercado, o governo banca um preço razoável para que elas não tenham prejuízo no plantio.

Por que nós queremos aumentar a produção agrícola no Brasil?



Primeiro, porque nós estamos convencidos de que a China, a Índia, a América Latina, o Brasil e a África vão comer muito mais. Nós não podemos continuar com a mesma produtividade, se as pessoas vão comer mais. Nós temos que plantar mais. Nós temos terra, sol, água, e outros países da América Latina e da África também têm. Não tem sentido um país como a Venezuela importar quase tudo o que come quando, na verdade, precisa produzir quase tudo o que come.

O Brasil, por ter a mais importante e o maior conhecimento na tecnologia da agricultura tropical, precisa prestar serviço aos outros países, oferecendo a nossa tecnologia para que eles se desenvolvam como nós, e possam produzir. Todo o mal que pode acontecer no mundo é o povo querer comer mais, e eu acho isso ótimo. Pode ser problema para outros países, mas para o Brasil não é problema. Pode ser problema para a Suíça, mas também não será problema porque eles têm dinheiro para comprar. Pode ser para o Japão, mas também não será problema porque eles têm dinheiro para comprar. Obviamente que pode ser problema para um país que não tem terras, que não tem o tempo que tem este País.

Para nós, é uma grande oportunidade. Para nós, é uma oportunidade extraordinária para utilizar, de forma muito objetiva, a capacidade total de produtividade que temos no nosso País. Não é mais aceitável ver, na televisão, um companheiro jogando uma sementinha no chão com a mão e puxando a terra com o pé. Essa idéia de cultura apenas de subsistência, em que um cidadão planta uma mandiocazinha, come aquela mandiocazinha... Isso tem que acabar. Nós temos que dar às pessoas a dimensão de sua capacidade produtiva. O mais humilde dos companheiros, no campo, tem que saber que quanto mais ele produzir na sua terrinha, mais ele vai ter acesso a bens que a sua família precisa.

A idéia é essa. A idéia é levar tecnologia e modernização à agricultura familiar. Se a gente planta um saco de feijão, vamos plantar 20. Se a gente



colhe, por hectare, dois, vamos colher quatro. Se a nossa média de leite por vaca é de 1,7 litro – nos Estados Unidos é de quase 5, e na Europa é de quase 10 –, por que a gente não aumenta a nossa produção de leite? Vamos tratar a nossa vaquinha com carinho, melhorar a ração, levar tecnologia e vamos produzir 5 ou 6 litros.

Na verdade, o que nós queremos é o que eu vi hoje de manhã. Olha aí, ó, que vaquinha bonita, que vaquinha bem-comportada! Na verdade, o que nós queremos é o seguinte: dar um salto de qualidade. Eu tenho dito ao Guilherme e ao meu amigo Rolf, presidente do Incra: não é mais suficiente a gente ficar desapropriando, colocando gente, se passam 10 anos e aquelas pessoas produzindo quase nada. É preciso levar, junto com a terra, a tecnologia, os financiamentos, porque todo mundo vai gostar.

Nas terras em que fui hoje, eu vi a cara do “japonezinho”, a alegria dele, e eu vi como ele começou, há pouco tempo: morava num barraco, foi construindo a sua casinha, foi pegando dinheiro emprestado, e hoje ele tem cinco hectares, onde planta uma série de coisas. Comprou um trator e já está pensando no que vai fazer com o dinheiro que ganhar com o dobro da produtividade que vai ter. Nós temos que levar isso a todos os lugares do mundo. Quando a gente produzir demais, o que estiver faltando... Aquilo que for alimento, a gente compra. Não tem explicação – a não ser por causa de uma chuva, por causa de uma seca muito forte – este País ver o feijão sair de um preço 10 para um preço mil em três ou quatro meses.

A Conab tem que se preparar para que a gente melhore a nossa capacidade de estoque. Obviamente que a gente não pode guardar o feijão, porque ele fica carunchado em pouco tempo, mas temos que ter maior rapidez. O Brasil pode, neste momento, mostrar ao mundo, que está há cinco anos consumindo o seu estoque regulador... De 2001 a 2007, o mundo teve um déficit de 175 milhões de toneladas de grãos, enquanto o Brasil, no mesmo período, teve um superávit de 149 milhões de toneladas de grãos.



O Brasil não vai aceitar essa conversa atravessada de que os biocombustíveis, o agro “não sei das quantas” são a causa da inflação nos alimentos. Vamos colocar “pão, pão, queijo, queijo” para a gente saber onde está o erro e vamos corrigi-lo. Enquanto a gente não tem um acordo político... Eu estou indo ao Japão, na reunião do G-8, só por conta disso. Eu tive uma reunião com a primeira-ministra da Alemanha. A Fundação Adenauer chamou companheiros do Brasil para saber o que falar, e falaram: “O trabalho com a cana é um trabalho insalubre e penoso”. E como eu viajei muito tempo falando mal do Brasil, eu sei que tem muita gente que ainda viaja. É chique. As pessoas se esquecem que eu viajei muito pelo Brasil e pelo mundo. Quantas vezes eu fui a Paris, Londres, Roma, Frankfurt como dirigente sindical. Eu falava: tem 25 milhões de crianças de rua no Brasil. Um dia, um cara falou: “Lula, espere aí. Se tivessem 25 mil crianças nas ruas, a gente não andaria”.

Eu penso que precisamos uniformizar os nossos discursos para a gente... “Estão desmatando a Amazônia”, é outro discurso que a gente não pode aceitar porque se tivermos um problema, será nosso. Nós vamos brigar, mas é importante lembrar que este País, que dizem que desmata, tem 69% da sua floresta original preservada. Os que hoje estão preocupados com o desmatamento estão carecas, tem 0,3% apenas. Então, nós temos que preservar porque queremos preservar, porque queremos tirar proveito da biodiversidade das nossas florestas. “Vamos internacionalizar o Aquífero Guarani, porque eles não sabem tomar conta”. Ninguém quer internacionalizar a Nasa. O remédio que eles deveriam estar querendo internacionalizar, quando descobrissem um remédio importante para uma doença, por que não transformam em patrimônio da humanidade e todo mundo tem acesso? E nós, muitas vezes, com os nossos discursos, damos razão a eles.

Então, é preciso que a gente tenha um discurso enquanto nação. Nessa questão da agricultura e nessa questão da preservação ambiental, nós temos defeitos. Mas quem, lá fora, tem menos defeito do que nós? Quem preservou



mais do que nós? E eles sabem perfeitamente bem que para a gente cuidar do planeta corretamente é preciso mudar o padrão de consumo que está estabelecido. Ou será que a América Latina e a África nasceram para ser pobres a vida inteira, e eles nasceram para ser ricos? Quem é que disse isso? Como é que eu vou negar para alguém da Amazônia levar o desenvolvimento para lá?

Obviamente que nós temos que ter o cuidado de levar o desenvolvimento, de preferência, de indústria limpa, de fazer corretamente o manejo da floresta. Tudo isso já está previsto em todas as políticas que nós aprovamos.

Agora, nós estamos com um problema grave: a questão energética e o petróleo a 140 é grave. E não falo pelo Brasil. Aqui, neste continente, tem dois países que têm muito petróleo, agora: a Venezuela e o Brasil. A Venezuela, certamente, muito mais. O Uruguai, agora, descobriu o gás, no Rio da Prata, o que eu acho muito importante. Mas nós temos problema energético, que vamos ter que consertar entre nós. E os países pobres, que dependem de petróleo? Como é que vão ficar? Esse assunto, ninguém quer discutir.

E a outra coisa é a questão do subsídio agrícola, ou seja, que os europeus, com os subsídios que impõem aos seus produtores, não permitem que os produtos de países pobres cheguem ao seu mercado. Então, fica uma coisa meio controversa, e nós queremos acertar isso.

Esse é o grande debate que nós temos que fazer. E nós temos que dizer ao mundo: primeiro, inflação de alimento aqui, neste país chamado Brasil, a gente vai combater é produzindo muito mais alimento, porque temos gente para produzir, temos tecnologia e temos conhecimento. E temos que produzir para nós e para ajudar outros companheiros, outros países que precisam.

A segunda coisa que temos que dizer é que cada país precisa pensar na matriz energética que melhor lhe convier, aquela que for mais importante para cada país. E eu falo isso de cátedra, porque a partir de setembro já vamos



começar a tirar o primeiro pouquinho de petróleo do pré-sal, lá do Espírito Santo. Em março, vamos lá no poço Tupi tirar mais um pouquinho. Logo, logo, vamos enfiar uma broca lá, tentar pegar um pouco lá da Venezuela e trazer para cá, já que tem muito lá, Embaixador.

Então, a América Latina tem condições de dar resposta, o Brasil tem condições de ajudar outros países a dar a resposta, e nós não precisaremos ficar vendo isso como um obstáculo. O que eles dizem que é crise, nós temos que dizer: é apenas uma oportunidade de fazermos, hoje ou amanhã, o que não fizemos ontem ou anteontem.

Gregolin, eu queria dizer a você, Guilherme, a você e ao Reinhold Stephanes, eu participei ontem, no Paraná, estou participando hoje, aqui, eu queria dizer para vocês o seguinte: nesses cinco anos, eu percebo, a olhos vistos, o crescimento da competência do governo em apresentar suas propostas. Acho que nós mudamos o padrão de relação, acho que os companheiros, quando reivindicam, reivindicam com razão, porque nós precisamos, a cada dia, a cada mês, a cada hora, aperfeiçoar as coisas que estamos fazendo. Eu sempre disse que o governo vai fazendo as coisas na medida em que pode fazer. Acho que já avançamos bastante, se compararmos com o que a gente era. Precisamos avançar muito para chegar perto daquilo que sonhávamos, mas acho que vamos conseguir. Vamos conseguir porque com este Programa bem-implementado e bem-fiscalizado, eu acho que vamos dar um salto de qualidade num curto espaço de tempo.

Quero dar parabéns a todos vocês que vieram aqui. Agora, o trabalho do Guilherme Cassel é visitar o Brasil para saber se as pessoas compraram os tratores que ele prometeu, se o crédito teve o tanto de juros que ele prometeu ao José Alencar, e nós queremos dobrar a produção de cada coisa que produzimos no País.

Que Deus abençoe a nós todos e, sobretudo, a quem produz neste País.
Um abraço.

(\$211A)



**Mensagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal
Asahi Shimbun por ocasião de sua visita ao Japão**

Neste ano, celebramos o centenário da chegada dos primeiros imigrantes japoneses ao Brasil e recordamos o quanto nossos povos construíram juntos neste período. Também este ano, se realiza, em Hokkaido, a Cúpula anual do G-8 com as principais economias emergentes. Nos próximos dias, Japão e Brasil vão unir-se aos principais líderes internacionais para buscar respostas coletivas para as questões urgentes que defrontam a comunidade mundial. São desafios que vão desde o aumento do preço dos alimentos, passando pela busca de fontes limpas e renováveis de energia, até o aquecimento global.

A participação do Brasil, África do Sul, China, Índia e México nessas discussões sinaliza que estamos perante fenômenos que requerem um grau de coordenação verdadeiramente global. Na busca de maior representatividade e legitimidade nos processos decisórios multilaterais, o Brasil juntou-se ao Japão na defesa de uma ampla reforma das Nações Unidas e, em especial, de seu Conselho de Segurança.

A complexidade dos problemas que temos pela frente não admite avaliações simplistas nem soluções unilaterais. Requer um maior equilíbrio entre os interesses de países industrializados e as aspirações das nações em desenvolvimento. Não há, por exemplo, uma única causa para a escassez de alimentos e a escalada dos preços agrícolas. Resulta de complexa conjunção de fatores, que inclui o aumento explosivo do preço do petróleo, a especulação financeira nos mercados de *commodities* e o impacto de fenômenos climáticos sobre as safras. É também manifestação dos efeitos nocivos dos subsídios e do protecionismo agrícola, que destruíram a capacidade de muitos países pobres de produzir seus próprios alimentos. Mas as causas desse fenômeno não são todas negativas. Não devemos esquecer que, graças à redução da



pobreza em muitas regiões do mundo, mais pessoas estão comendo mais e melhor.

Por isso, estou convencido de que a segurança alimentar mundial passa também por uma maior e melhor produção de alimentos e pelo desenvolvimento de vocações produtivas no setor agrícola. No Brasil, nos últimos dez anos, acumulamos recordes na produção de grãos. Em 2008, produziremos 142 milhões de toneladas e queremos tornar-nos verdadeiro celeiro mundial. Estamos desenvolvendo projetos de cooperação que habilitem países africanos e da América Central e do Caribe a realizar seu enorme potencial agrícola. Para isso, estamos propondo parcerias triangulares a países como o Japão.

Essas medidas só surtirão efeito se eliminarmos distorções ao comércio. De nada adianta fomentar a produção de alimentos nos países mais vulneráveis se eles não puderem exportar seus excedentes e ainda tiverem que competir com o orçamento dos países mais ricos. Por isso, o Brasil insiste em que a Rodada Doha enquadre definitivamente o setor agrícola nas regras da OMC e faça da agricultura um efetivo instrumento de desenvolvimento.

Também no tema da mudança do clima são os países mais pobres os mais vitimados pelas conseqüências de nossa inação coletiva. Para os países desenvolvidos, está colocado o desafio de adequar padrões de produção e de consumo às metas previstas no Protocolo de Quioto. O Brasil propõe que todos os países assumam responsabilidades na redução de emissões de gases de efeito estufa – desde que diferenciadas e segundo a contribuição de cada país para o atual quadro de aquecimento global. Sugerimos medidas de cooperação e de transferência de recursos e de tecnologia para os países menos industrializados. Somente assim poderão adotar padrões produtivos mais sustentáveis, sem abdicar de seu legítimo direito aos frutos do crescimento econômico e do bem-estar.

O Brasil já deu importantes passos nessa direção. Nossa matriz energética é das mais limpas do mundo, com participação de 47% de fontes



renováveis. Mas estamos conscientes da necessidade de preservar nossas florestas e de reduzir as emissões provenientes do desmatamento. Desde 2004, o ritmo de corte na Amazônia caiu 60%. Para tornar essa queda irreversível, o Governo brasileiro reforçou medidas de fiscalização e punição. É preciso, no entanto, fazer mais. Estamos implementando um plano de incentivo às atividades econômicas compatíveis com o manejo racional dos recursos naturais e a preservação dos biomas amazônicos. Além de ajudar a preservar o meio ambiente, melhorará a qualidade de vida dos 24 milhões de brasileiros que vivem na região.

Ao longo dos últimos trinta anos, o Brasil vem aperfeiçoando uma poderosa arma para combater vários desses problemas que afligem o mundo de hoje. Os biocombustíveis oferecem fonte renovável de energia, mais limpa e barata que os combustíveis fósseis. O etanol e o biodiesel ajudam a reduzir as emissões de gases de efeito estufa. Diversificam e democratizam o acesso à energia, sobretudo para países importadores de petróleo.

Os biocombustíveis não são todos iguais, nem podem ser adotados indiscriminadamente. Cada país deve levar em conta sua realidade e suas necessidades, para evitar que a produção de biocombustíveis afete a produção e os preços dos alimentos ou que ocupe terras necessárias à produção de comida.

No caso do Brasil, esses cultivos ocupam somente 3% de nossa área agricultável e 1% do território nacional. Representam 16% de nossa matriz energética, mas sem pôr em risco a segurança alimentar de nosso país. Pelo contrário, geram renda e milhões de empregos no campo, permitindo às populações rurais se alimentarem melhor. Tampouco afetam nossas florestas, que não têm terra nem clima adequado para sua produção.

O Brasil sediará conferência, em novembro próximo, para promover amplo debate sobre todos esses aspectos dos biocombustíveis. Não faz sentido descartá-los com base em generalizações infundadas, que prejudicarão países que não têm alternativa economicamente viável para gerar energia



limpa e barata.

Sei que podemos contar com o Japão nessa nova revolução tecnológica. Inspira-nos o exemplo do cerrado brasileiro, originalmente considerado um semideserto, inapto para a produção de alimentos. Graças à cooperação técnica em agricultura prestada pelo Japão a partir dos anos 1970, essa região é, hoje, um dos celeiros do país e uma das mais promissoras fronteiras agrícolas do planeta.

Precisamos multiplicar mundo afora iniciativas desse tipo. Com muita cooperação, trabalho conjunto e solidariedade, superaremos desafios que hoje parecem insolúveis.

Essa é a lição dos imigrantes japoneses que vieram construir vida nova no Brasil. E também daqueles brasileiros que fizeram a viagem inversa, levando o melhor de si para o Japão. Encararam um mundo novo e desconhecido com perseverança e com esperança num futuro melhor.

Se quisermos o mesmo para as próximas gerações, precisamos transformar boas intenções em ações corajosas. A multiplicação das dificuldades jamais deve ser motivo para desespero ou fatalismo. É razão para redobrarmos nossa determinação em agir com sentido de urgência e solidariedade. Essa é a inspiração que nos deixa a secular parceria entre nossos dois países. É a mensagem que o Brasil trará para a reunião de Hokkaido.

(\$212)



**Discurso do Presidente da República em exercício, José Alencar, durante
a posse dos membros do Conselho das Cidades - 3ª Gestão**

Brasília-DF, 08 de julho de 2008

Tenho o privilégio, aqui, de falar sentado, e não é porque eu esteja na interinidade, não. É a idade.

Quero cumprimentar nosso caríssimo e eminente ministro de Estado das Cidades, doutor Márcio Fortes de Almeida. Nós temos acompanhado a dedicação do Márcio Fortes no trabalho que realiza à frente desse importante Ministério, e gostaríamos de aproveitar esta oportunidade para que nossa primeira palavra seja de aplauso pelo trabalho sério, presente, que ele realiza em todo o País. Eu nem sei como ele arranja fôlego para estar presente em tantos lugares, como tenho visto e acompanhado. Parabéns, Márcio.

Quero cumprimentar a excelentíssima senhora deputada Angela Amin, ilustre presidente da Comissão de Desenvolvimento Urbano da Câmara dos Deputados, em nome de quem saúdo todos os parlamentares aqui presentes.

Cumprimento também o excelentíssimo senhor Elcione Diniz Macedo, ilustre secretário-executivo do Conselho das Cidades.

Quero cumprimentar também os excelentíssimos secretários e secretárias nacionais de Saneamento Ambiental, de Transporte e da Mobilidade Urbana, de Habitação e de Programas Urbanos.

Cumprimento os excelentíssimos senhores membros do Conselho das Cidades, que hoje tomam posse.

Cumprimento aqueles que estão concluindo o mandato e que prestaram relevantes serviços ao Conselho.

Cumprimento as demais autoridades aqui presentes.

Cumprimento os representantes profissionais da imprensa.



Senhoras e senhores,

O Conselho das Cidades é uma belíssima representação de administração compartilhada entre o poder público e a sociedade civil organizada, e um excelente exemplo de co-participação em programas e políticas públicas visando o bem-estar da população. Ganha o Brasil e ganham os brasileiros com essa união profícua que amplia e melhora ainda mais as políticas executadas pelo Ministério das Cidades nas áreas de habitação, saneamento ambiental, transporte e mobilidade urbana, e planejamento territorial. Isso significa buscar projetos, ações e diretrizes que respeitam as especificidades – características próprias dos conglomerados humanos – a partir da integração de objetivos para realizar uma gestão de forma integrada entre governo e cidadãos, estes representados por diversos e importantes segmentos comunitários.

Todos os senhores que hoje tomam posse no Conselho das Cidades têm uma missão da mais alta relevância, que é contribuir para a democracia e para uma vida melhor para todos os brasileiros. Estou seguro da capacitação de todos para o mister que os espera no Conselho das Cidades para a gestão democrática da Política Nacional de Desenvolvimento Urbano, órgão colegiado de natureza deliberativa e consultiva, que faz parte da estrutura do Ministério das Cidades.

Saúdo o eminente ministro Márcio Fortes pela posse dos membros do ConCidades e, aos ilustres empossados, meus votos de que o trabalho tenha excelentes resultados. Confio que o Brasil está muito bem representado neste Conselho. Parabéns a todos.

Eu gostaria, antes de terminar, de lembrar a todos vocês que estão empenhados no desenvolvimento e na qualidade de vida das cidades brasileiras: há muitos itens que precisam ser trabalhados e que são atribuição do Ministério das Cidades. Mas há um ao qual eu gostaria de me referir, que é



de importância também fundamental: é a questão ligada ao saneamento básico. Quando nós fazemos campanhas eleitorais, temos oportunidade de visitar o Brasil todo e irmos a muitas cidades, não só às capitais, às grandes cidades, como também às cidades menores. Em muitas delas a gente vê, com tristeza, esgotos a céu aberto atravessando às vezes até algumas praças, alguns largos nas cidades menores, onde as crianças brincam, jogam futebol. Alguns comendo biscoito e jogando bola, a bola cai no esgoto, o menino vai lá e pega a bola. Então, saúde pública começa com saneamento básico, e o saneamento desses esgotos sanitários é de importância fundamental.

Na semana passada estive visitando uma cidade de Minas em que o prefeito anunciou, no seu discurso, que havia apenas 2% de esgoto sanitário sendo tratado, e que ele vai inaugurar em breve – estão concluindo os serviços – três estações de tratamento de esgoto que irão fazer com que o município alcance 98% de esgoto tratado. Eu fiquei admirado com aquele número, porque praticamente não havia nada.

Há também a questão ligada aos esgotos, aos efluentes industriais. É muito comum uma fábrica ser instalada numa cidade e o próprio prefeito, ingenuamente, dizer assim: “Aqui nós não fazemos exigências maiores, não. Aqui não tem burocracia”. Não se trata de burocracia e nem de exigências maiores. Nós não podemos permitir que se instalem fábricas que lancem, nos cursos d’água, efluentes que possam matar a vida. Isso não pode continuar acontecendo e o Brasil tem que cuidar disso. Nós temos que começar esse cuidado pelo Ministério das Cidades. Não tem órgão mais adequado para estar em constante contato com os municípios brasileiros, com os prefeitos, com as autoridades de todas as cidades brasileiras, do que o Ministério das Cidades. Nós temos que buscar recursos para isso no Orçamento da União.

Há casos escabrosos. Eu me lembro de um tempo em que a Sudene começava – início ou metade dos anos 60 – e os governadores do Nordeste, que era a área da Sudene, vinham a São Paulo para encorajar empresários a



fazerem estabelecimentos industriais no seu município, no seu estado. Eu me lembro de um que eu até respeito, era um homem bom. Já faleceu e não vou citar o nome dele por isso. Em São Paulo, numa reunião de entidade representativa de classes produtoras, de industriais, ele começou o seu discurso assim: “Venham poluir o meu estado”. Naquilo, ele foi aplaudido de pé porque não iria fazer nenhuma exigência que fosse encarecer os investimentos das fábricas que optassem pelo seu estado. Isso tem 40 e poucos anos. Hoje, provavelmente – mesmo àqueles empresários desavisados que o aplaudiram –, ele não tivesse coragem de fazer uma proposta daquelas. Provavelmente ele dissesse: “No meu estado, nós vamos ajudá-lo a fazer o trabalho de tratamento dos efluentes industriais”.

Há uma cidade no meu estado denominada Rio Tinto. Por que o rio era tinto? Era tinto porque havia lá uma fábrica de tecidos que tingia os panos de várias cores: vermelho, azul, preto, amarelo, todas as cores. Cada cor passa pela tinturaria isoladamente, cada uma a sua vez. Então, havia cores que vendiam muito e a fábrica tingia somente aquela cor durante uma semana. Vamos dizer que a cor fosse amarela: o rio ficava amarelinho. Na outra semana era vermelha: o rio ficava vermelho. Então o rio passou a denominar-se Tinto, e Rio Tinto passou a ser o nome da cidade. Ninguém era capaz de condenar aquilo. Aquilo era natural, era o estágio de atraso em que nós vivíamos.

Nós não podemos mais transigir com a questão de saneamento. Isso é vida, é importantíssimo. De modo que, se não fosse por outra razão, apenas pela oportunidade de trazer uma palavra da Vice-Presidência da República... Lembrando que vice-presidente não manda nada. Quando a causa é boa, o vice-presidente coloca o seu gabinete à disposição e pede com empenho. Às vezes consegue alguma coisa. De modo que eu não podia deixar, Márcio, de trazer para vocês esta mensagem: ninguém precisa estar preocupado em perder uma fábrica pelo fato de exigir que ela faça o tratamento dos efluentes antes de serem lançados nos cursos d’água. Procurem fazer trabalho



educacional nesse campo para que a própria sociedade, como um todo, seja vigilante em relação a questões desse tipo.

Nós temos que começar a construir um novo tempo no Brasil. O Brasil está ingressando numa nova era, de grande enriquecimento. Esse enriquecimento há que ser retratado também, e principalmente, com o cuidado que o País tem com o meio ambiente. O Brasil está crescendo muito, vai bem, e o presidente Lula tem realizado um trabalho admirável no concerto internacional. O Brasil hoje é um país respeitado no mundo inteiro. Hoje ou ontem, no *Financial Times*, que é um dos jornais mais importantes da Inglaterra, há uma reportagem de várias páginas sobre o Brasil. É uma coisa admirável. Qualquer um de nós que tome conhecimento daquela matéria fica mais orgulhoso de ser brasileiro.

Nós estamos entrando numa verdadeira nova era, e é preciso que essa nova era seja retratada, espelhada num trabalho sério realizado a partir de cada cidade. Eu não tenho dúvidas de que o próprio governo da União estará absolutamente pronto a fazer qualquer coisa que signifique mais recursos para que cada município brasileiro possa alcançar esse desiderato da maior importância, que é o tratamento de efluentes industriais e o tratamento de esgoto sanitário.

Quero concluir, Márcio, parabenizando-o mais uma vez pelo trabalho que vem realizando. Quero levar o meu abraço de congratulações a todos os conselheiros que estão hoje cedendo lugar aos novos, e também trazer os votos de trabalho de grande e crescente sucesso para o Conselho das Cidades. E reitero: ainda que vice-presidente não mande nada, contem comigo como um aliado, um aliado das cidades. Mesmo eu sendo da roça, não há de ser nada.

Um grande abraço a vocês e boa sorte.

(\$22A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa**

Discurso do Presidente da República em Exercício



**Declaração conjunta emitida pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva e pelo primeiro-ministro do Reino Unido, Gordon Brown
Sapporo, Japão - 9 de julho de 2008**

O Brasil e o Reino Unido, duas das maiores potências comerciais do mundo, coincidem na avaliação de que um sistema global de comércio aberto trará prosperidade para todos os países do mundo e ajudará a tirar milhões de pessoas da pobreza. Nós acreditamos firmemente que, em uma época de incerteza econômica em escala global e altos preços de alimentos, o que precisamos fazer é abrir mercados e expandir o comércio, e não recorrer ao protecionismo.

Após meses de trabalho árduo e negociações minuciosas, estamos mais perto do que nunca de um acordo. Mas a janela de oportunidade para alcançar este acordo é pequena e está se fechando.

O tempo das negociações técnicas está chegando ao fim. As decisões-chave são, agora, de natureza política. Precisamos agir com firmeza imediatamente. Se não o fizermos, falharemos em relação às pessoas mais pobres do mundo e destruiremos os fundamentos para o crescimento econômico sustentado no futuro. O preço do fracasso seria grande demais.

A reunião ministerial da OMC convocada para o dia 21 de julho pelo Diretor-Geral oferece a todos nós a oportunidade de alcançar um acordo sobre os elementos básicos de um pacote que seja ao mesmo tempo equilibrado e voltado para o desenvolvimento. Não vamos perder a ocasião.





**Declaração à imprensa emitida pelo Presidente da República, Luiz Inácio
Lula da Silva, por ocasião da visita ao Vietnã**

Hanói – Vietnã, 10 de julho de 2008

Excelentíssimo senhor presidente da República Socialista do Vietnã,
Nguyen Minh Triet,

Senhoras e senhores ministros vietnamitas,
Companheiros da delegação brasileira,
Jornalistas do Vietnã e do Brasil,
Meus amigos e minhas amigas,

Quero, de início, agradecer a gentil acolhida do governo e do povo vietnamita. Em Hanói, minha comitiva e eu recebemos várias demonstrações de carinho. Esta é a primeira visita de um presidente brasileiro ao Vietnã. Por isso, estamos cumprindo uma agenda intensa. Participarei do encerramento de seminário empresarial. Estarei também com o Presidente da Assembléia Nacional, o Primeiro-Ministro e o Secretário-Geral do Partido Comunista.

É uma honra visitar este país e retribuir as visitas que nos fizeram o predecessor do atual Presidente, em 2004, e o Secretário-Geral do Partido Comunista, no ano passado.

O Vietnã tem história que causa respeito e admiração. O povo vietnamita sempre soube defender sua soberania e sua independência. Com a mesma perseverança com que conquistou sua independência, hoje o país se distingue pelo bom desempenho e por elevadas taxas de crescimento de sua economia.

O país se destaca tanto no âmbito regional quanto no plano multilateral. Ocupa, pela primeira vez, um assento rotativo no Conselho de Segurança das Nações Unidas. Tal como o Brasil, orienta-se pelos preceitos fundamentais da Carta da ONU. Ambos os países preconizam um sistema multilateral capaz de



dar respostas adequadas aos desafios com os quais nos deparamos.

Juntos, podemos buscar maior legitimidade dos processos decisórios internacionais. É por isso que defendemos que o Conselho de Segurança seja representativo da realidade contemporânea, com países desenvolvidos e em desenvolvimento das várias regiões do mundo entre seus membros permanentes.

Sentimo-nos honrados com o apoio vietnamita para que venhamos a ocupar assento permanente em um Conselho ampliado.

Essa nossa parceria também se observa no sistema multilateral de comércio. Desde o ano passado, com o ingresso do Vietnã na OMC, temos um aliado importante para pôr fim às distorções no comércio agrícola internacional. O combate à fome e à exclusão social é nossa prioridade número um. Temos mostrado que é possível conciliar crescimento econômico acelerado com redução das desigualdades sociais e regionais. Queremos unir nossas forças por meio do Acordo de Cooperação na Luta contra a Fome e a Pobreza, que assinamos hoje.

A busca do desenvolvimento abre caminho para que trabalhemos juntos também na área dos biocombustíveis. O Protocolo de Entendimento sobre Etanol reflete a vontade de lançarmos as bases de uma nova e promissora parceria entre nossos países.

Os biocombustíveis têm uma relevância especial para países como os nossos. Têm um potencial formidável de geração de empregos; diversificam e democratizam o acesso à energia, diminuindo a dependência mundial de combustíveis fósseis, mais caros e poluentes; contribuem para reduzir as emissões de gases de efeito estufa; e podem ser instrumento essencial para tirar países da insegurança energética e alimentar.

No campo comercial, nossas trocas bilaterais atingiram níveis inéditos nos últimos anos. Entre 2002 e 2007, passaram de 43 para 323 milhões de dólares – um aumento de 650%. Mas nosso comércio ainda está muito aquém



do seu potencial. Há grandes oportunidades de negócios para nossos empresários, que poderão ser identificadas e aproveitadas no evento empresarial de hoje.

Nós, governantes, precisamos continuar a estimular nossos homens e mulheres de negócios. Essa é uma das razões principais da minha visita. Precisamos diversificar parcerias e mercados, a fim de maximizar as chances de obtermos benefícios no longo prazo. Além disso, os instrumentos que assinamos hoje abrem caminho para aprofundar nossa cooperação em áreas como ciência e tecnologia, agricultura, saúde e esportes. O estabelecimento de uma Comissão Mista facilitará a coordenação dos mecanismos e iniciativas de consulta e cooperação entre nossos governos.

Outra esfera em que há muito potencial para trabalharmos juntos diz respeito ao Mercosul e Asean. Em novembro, sediaremos a primeira reunião ministerial entre os dois blocos.

Por fim, conversei com meus interlocutores vietnamitas sobre a reunião do G-8, em Hokkaido, da qual o Brasil participou junto com importantes economias emergentes. Discutimos temas muito importantes, como o aquecimento global e a alta do preço do petróleo e dos alimentos. Tenho absoluta convicção de que o Vietnã compartilha conosco a visão de que problemas globais não podem ser solucionados unicamente pelos principais países industrializados.

Por isso, precisamos ter uma atuação conjunta cada vez mais forte na arena internacional, reforçar os alicerces de uma nova parceria Sul-Sul, e construir parcerias estratégicas que unam os países em desenvolvimento.

Meu caro presidente Nguyen Minh Triet,

Eu ainda estou na metade da viagem, mas gostaria de agradecer, do fundo do meu coração, o tratamento carinhoso que tenho recebido aqui. O povo do Vietnã, por tudo que fez nas lutas pela independência e por sua soberania, merece o respeito da Humanidade, porque o que vocês fizeram aqui



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

foi muito mais do que vencer uma guerra, foi uma lição de vida que ensinou a todos os seres humanos que quando queremos uma coisa e temos determinação, nós somos invencíveis.

Desde muito cedo acompanhei a Guerra do Vietnã e posso lhe dizer que fiquei tão orgulhoso da vitória do Vietnã quanto um vietnamita. A vitória de vocês foi a vitória do oprimido e nós nos sentimos co-participantes e muito orgulhosos do significado da vitória de vocês para a Humanidade.

Meus parabéns.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião de banquete oferecido pelo presidente do Vietnã, Nguyen Minh Triet
Hanói - Vietnã, 10 de julho de 2008

Excelentíssimo senhor presidente da República Socialista do Vietnã,
Nguyen Minh Triet,

Demais autoridades vietnamitas,
Integrantes da delegação brasileira,
Meus senhores e minhas senhoras,

Quero agradecer a Vossa Excelência pela calorosa acolhida e palavras amigas dirigidas a mim e ao povo brasileiro. É uma honra ser o primeiro chefe de Estado brasileiro a visitar o Vietnã.

Temos hoje a oportunidade de aprofundar os importantes avanços nas nossas relações, alcançados durante as visitas ao Brasil de seu predecessor, em 2004, e do Secretário-Geral do Partido Comunista, no ano passado. O Vietnã é um país que não cessa de motivar admiração, pela determinação com que seu povo soube defender sua soberania e independência.

Fazem parte do imaginário de gerações de brasileiros as grandes vitórias contra o colonialismo em Dien Bien Phu ou os combates dos anos 60 e 70 que conduziram à unificação e emancipação final do país.

Nas ruas de cinco continentes se expressou a admiração de milhões de homens e mulheres pelo grande Ho Chi Minh, pelo general Giap e por tantos outros heróicos combatentes.

Hoje o Vietnã fascina pelo seu desenvolvimento, que tem assegurado elevadas taxas de crescimento econômico e bem-estar para a população. Por isso, o país é um ator cada vez mais ativo e ouvido nas grandes decisões no



âmbito regional e mundial. Esse reconhecimento se espelha no fato de o Vietnã estar ocupando, pela primeira vez, um assento no Conselho de Segurança.

Alegro-me que o Brasil possa contar, naquele fórum, com a presença de um país que compartilha nosso compromisso firme com preceitos fundamentais da Carta da ONU. Nossos países são ativos em defesa da manutenção da paz e da segurança internacionais.

Nos engajamos nos esforços de desenvolvimento econômico e social e na melhoria das condições de vida de nossos cidadãos. Almejamos um sistema multilateral que responda aos desafios de um mundo cada vez mais interligado nos seus problemas e soluções. Estamos convencidos de que a voz dos países em desenvolvimento precisa ser mais ouvida.

Por isso, estamos juntos na defesa de uma reforma que dê maior legitimidade aos processos decisórios multilaterais. Por isso, sentimo-nos honrados com o apoio vietnamita para que o Brasil venha a ocupar assento permanente em um Conselho de Segurança ampliado.

É com o mesmo empenho e convicção que trabalhamos juntos no âmbito da Organização Mundial do Comércio. Desde o ano passado, com o ingresso do Vietnã na OMC, temos um aliado importante na luta por um comércio internacional mais justo e equitativo. Queremos que a Rodada de Doha ponha fim às distorções históricas no comércio agrícola internacional e atenda às necessidades e interesses de todos, sobretudo dos países mais pobres.

Senhor Presidente,

O companheiro Ho Chi Minh dizia que as raízes das nações são as pessoas. Estou convencido de que se não criarmos as condições para que elas realizem seu potencial pleno, jamais encontraremos o caminho do verdadeiro desenvolvimento.

É por isso que o Vietnã, assim como o Brasil, atribui prioridade máxima ao combate à exclusão social. Estamos combinando crescimento econômico



acelerado com redução das desigualdades sociais e regionais.

O Acordo de Cooperação na Luta contra a Fome e a Pobreza, que assinamos hoje, sinaliza o compromisso de nossos países de somar esforços nessa área crucial.

Meu caro Presidente,

Meus amigos e convidados,

O excelente momento que vive nossa relação explica o nível inédito de nossas trocas comerciais. Precisamos aproveitá-las e abrir novas frentes de atuação conjunta. Um exemplo são as parcerias na construção civil, área em que as empresas brasileiras têm reconhecimento internacional.

Os instrumentos que assinamos hoje abrem caminhos para aprofundar nossa parceria também em matéria de ciência e tecnologia, agricultura, saúde e esportes. O estabelecimento de uma Comissão Mista facilitará a coordenação das iniciativas que estamos estabelecendo entre nossos governos.

Queremos que nossa cooperação bilateral possa beneficiar também nossos blocos regionais. É com esse espírito que o Brasil sediará, em novembro próximo, a primeira reunião ministerial Mercosul-Asean. Espero ter a alegria de recebê-lo naquela ocasião, em Brasília.

Senhor Presidente,

O primeiro embaixador do Brasil em Hanói, Ítalo Zappa, foi um desbravador de novas frentes diplomáticas. É exatamente esse espírito inovador que tenho procurado imprimir à nossa política externa.

Para que nossa atuação global possa ser cada vez mais forte, devemos reforçar os alicerces de uma nova parceria Sul-Sul. Se quisermos uma globalização mais solidária e menos assimétrica, precisamos construir alianças estratégicas que unam os países em desenvolvimento. É por isso que precisamos continuar a somar forças na arena internacional.

Venho a Hanói para deixar claro meu compromisso com o



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

aprofundamento da parceria entre o Vietnã e o Brasil. Venho, também, porque sei que a política externa de seu governo privilegia a busca de parcerias centradas na busca da paz, a independência e o desenvolvimento.

É na certeza do muito que podemos realizar juntos que convido os presentes a elevar um brinde à amizade entre os povos brasileiro e vietnamita, à saúde e bem-estar pessoal de Vossa Excelência e de sua esposa.

Muito obrigado.

(\$211B)



Declaração à imprensa emitida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao final da visita ao Timor-Leste

Díli – Timor-Leste, 11 de julho de 2008

...da alegria de poder estar aqui visitando o presidente José Ramos-Horta, presidente do Timor-Leste e também o meu amigo Xanana Gusmão, primeiro-ministro do Timor-Leste.

Só para vocês saberem, eu tenho uma relação de amizade com esses companheiros. Quando eles eram oposição e lutavam aqui pela independência, eu era oposição no Brasil e lutava para chegar à Presidência da República.

É a primeira viagem de um presidente do Brasil ao Timor-Leste, depois da sua independência, e eu venho aqui com duas funções: uma como presidente da República do Brasil, para visitar um país que está consolidando o seu regime democrático, que está fortalecendo as instituições, e outra como companheiro desses jovens que lutaram tanto e que chegaram ao poder, e que agora estão dando passos importantes na consolidação da democracia no Timor-Leste. E também prestar nossa solidariedade ao presidente, pelo atentado que ele sofreu por parte de alguém com problemas de insanidade, porque não pode ter outra explicação para alguém tentar matar um presidente, companheiro do povo do Timor-Leste, como é o presidente José Ramos-Horta.

Eu saio daqui depois de visitar, sobretudo, o projeto de formação profissional, o Senai aqui no Timor-Leste, muito mais orgulhoso do que cheguei. É importante, e eu digo sempre para a juventude: um curso do Senai pode fazer alguém virar presidente da República. Foi o que aconteceu comigo no Brasil. De estudante do Senai, eu virei presidente da República e fiz questão de dizer isso para os jovens hoje. Aquela camiseta do Senai que eles usavam pode garantir que eles amanhã estejam disputando um cargo importante aqui no Timor-Leste.



Aquilo é uma demonstração do que um país como o Brasil pode fazer para ajudar um país que tem menos possibilidades financeiras e com instituições menos sólidas. Formar homens, mulheres e adolescentes, já são 1.499 formados.

Eu discutia com o presidente a necessidade de que agora é preciso ter uma política de crédito para que essas pessoas possam se transformar em pequenos empreendedores. Acho que tanto o Ministro da Indústria e Comércio, como o Sebrae brasileiro, podem dar uma contribuição importante na formação do empreendedorismo aqui no Timor-Leste. Nós temos como contribuir, sobretudo, com a nossa experiência de agricultura familiar, que é uma coisa muito importante no Brasil. Nós temos como contribuir trazendo para cá e expondo para eles a nossa experiência do Territórios da Cidadania, que é um programa que nós lançamos através do Ministério do Desenvolvimento Agrário.

Nós temos como colaborar com eles discutindo projetos importantes, não só de estradas, mas de hidrelétricas, pois o país precisa produzir energia, precisa ter linhas de transmissão. Nós temos como contribuir com a Petrobras, vindo aqui com os seus técnicos e ajudando o governo do Timor-Leste a fazer os estudos que têm que ser feitos para saber qual a quantidade de reserva de petróleo que existe no Timor-Leste. Nós temos como ajudá-los trazendo aqui o Ministro do Esporte, para fazer políticas especiais para essa juventude. Tem muitas outras coisas, a partir da experiência brasileira, com as quais poderemos contribuir. Obviamente que nós temos noção de que tudo o que o Brasil puder fazer aqui só será feito subordinado à orientação política dos governantes deste país. Nós queremos ajudar e temos condições de ajudar.

Eu fiz questão de vir... O companheiro Celso Amorim estava insistindo para que eu viesse ao Timor-Leste e, vindo, que eu visitasse o Senai, porque ele sabia que o Senai iria mexer com a minha cabeça. Todo mundo sabe que eu tenho uma filosofia de vida que é a seguinte: a nossa cabeça pensa onde os nossos pés pisam. Vir aqui, ver a situação deste povo e ver como pode ser fácil



fazer coisas para ajudar este país a dar um salto de qualidade no seu desenvolvimento, é o mínimo que o Brasil pode fazer e é o mínimo que o presidente do Brasil pode fazer.

Por isso, Presidente, eu saio daqui com muito mais vontade de trabalhar em parceria com o Timor-Leste, e saio daqui muito mais convencido de que o Brasil pode construir parcerias com outros países para que juntos possamos trabalhar aqui no Timor-Leste. Eu pedi ao primeiro-ministro Xanana Gusmão para mandar para o Brasil os projetos importantes que ele acha que são prioridade para o salto de qualidade no desenvolvimento do Timor-Leste. Assim, nós vamos ajudar este país.

O Brasil está solidário desde o começo. É importante lembrar que foi um brasileiro chamado Sérgio Vieira de Mello que começou a trabalhar, em nome da ONU, para que este país se transformasse num país com instituições sólidas, com a democracia muito sólida. Lamentavelmente o Sérgio morreu, mas ele conseguiu passar o entusiasmo para o Celso Amorim que, lá do Brasil, tem tido uma preocupação extraordinária em ajudar a cuidar disso.

Eu queria terminar dizendo ao primeiro-ministro Xanana e ao presidente Horta que não tenham nenhuma preocupação de me chamarem de companheiro, não apenas de presidente. Às vezes, como presidente, a gente fica subordinado a vários fatores que não permitem que a gente faça o que quer fazer. Mas, podem me chamar de companheiro, como o companheiro aqui...

_____ : Chamamos de “Maun boot”. “Maun boot”, em tétum, em português, significa irmão mais velho. Então, o irmão mais velho sempre ajuda o irmão mais novo.

Eu saio daqui, Presidente, muito mais convicto das possibilidades de o Brasil ajudar o Timor-Leste. Portanto, Vossa Excelência e o primeiro-ministro



Xanana Gusmão podem saber que têm, no Brasil, os mesmos amigos que tinham quando todos nós queríamos chegar ao governo. Nós chegamos e agora temos que fazer aquilo que é o nosso compromisso com o povo.

Um abraço, gente, e até a próxima vez.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita ao Parlamento Nacional e Sessão Plenária

Díli – Timor-Leste, 11 de julho de 2008

Senhoras e senhores (inaudível) de Estado do Timor-Leste,
Companheiros (inaudível) que me acompanham e ministros brasileiros,
Deputados e deputadas do Timor-Leste,
Convidados,
Meus amigos e minhas amigas deste querido país-irmão,

Ser o primeiro chefe de Estado brasileiro a falar nesta Casa é uma honra que me toca profundamente. Esse sentimento é mais forte porque conheço a luta heróica do povo timorense para conquistar a democracia e a liberdade. Nós, no Brasil – muito antes do meu governo –, aprendemos a admirar a fibra com que aqui se lutou pela autodeterminação da pátria timorense.

O povo timorense tem dado seguidas provas de maturidade. No ano passado, em meio a grandes dificuldades, realizou eleições parlamentares e presidenciais, no primeiro pleito nacional conduzido soberanamente. No início deste ano, soube responder com serenidade e equilíbrio ao ato de violência contra o presidente Ramos-Horta. Com muita alegria vejo que este grande líder está plenamente recuperado e de volta às suas funções à frente do governo.

Estou convencido de que a democracia timorense está mais revigorada do que nunca. A presença de todas as instituições e forças nacionais ao lado de seu chefe de Estado naquela hora difícil foi mais do que um gesto de solidariedade. Foi uma demonstração de respeito à vontade popular.

Quero homenagear, em particular, a integridade desta Casa, sua firmeza na proteção dos princípios democráticos da República. Ela bem representa o espírito de resistência do povo timorense.



Quero também prestar tributo à figura do grande líder Xanana Gusmão, hoje primeiro-ministro deste país, e que, sob muitos aspectos, viabilizou a luta pela independência.

Senhores e senhoras Parlamentares,

O mundo saudou a independência da nação timorense e acompanha de perto seus passos para consolidar um Estado democrático e próspero. O Timor-Leste sintetiza, de forma exemplar, nossa luta por uma ordem internacional mais justa e solidária. Expressa a aspiração coletiva por um mundo onde os povos possam compartilhar os frutos do progresso material e conviver em paz e harmonia.

O Timor ingressou na comunidade das nações fazendo seus os valores fundamentais da ONU. As Nações Unidas têm sido um dos alicerces da obra de edificação do Estado timorense. Um brasileiro ilustre, o saudoso Sérgio Vieira de Melo foi o condutor do processo de transição do Timor-Leste à independência.

A cooperação internacional neste país nos mostra que não há substituto para o multilateralismo transformação. Por isso, nossos países têm defendido a necessidade da reforma da ONU para que ela se torne mais eficiente, legítima e eficaz na garantia da paz e da segurança internacionais. Isso requer que as operações de ajuda não se limitem à presença de tropas, mas incorporem a dimensão do desenvolvimento.

Senhor Presidente,

É com grande orgulho e sentido de responsabilidade que o Brasil se engajou na caminhada do povo timorense rumo à autodeterminação. Os avanços alcançados são animadores e nos motivam a renovar programas de trabalho conjuntos e a lançar novas iniciativas de cooperação.

Já começam a chegar aqui os professores brasileiros que integrarão a segunda fase do Programa de Cooperação na Área Educacional, que estendemos até 2010. É um sinal promissor de que, a partir de agora, teremos



a contrapartida do governo timorense, na forma de complementação dos honorários dos nossos profissionais.

O Brasil tem enorme orgulho de ter participado da implantação do primeiro curso de pós-graduação deste país, na Universidade Nacional Timor Lorosae. Com a formatura, este ano, de sua primeira turma, este país dá um passo extraordinário para conquistar seu lugar na revolução do conhecimento.

Vamos diversificar nossa contribuição ainda mais, integrando setores de “educação não-formal”. Começamos também este ano as atividades do Programa de Reformulação do Currículo das Escolas Agrotécnicas para realizar o potencial agrícola deste país.

Nessa verdadeira cruzada educacional, precisamos maximizar todo o potencial de nossas afinidades de língua e cultura. Vamos fornecer pacote de programas televisivos, telenovelas, telecursos, programação cultural e educativa, de entretenimento e infantil. Para isso, contamos com a colaboração de algumas das mais importantes empresas de comunicação e fundações culturais do Brasil.

A construção de uma economia moderna e competitiva não se faz sem mão-de-obra qualificada. O Centro Profissional em Becora, financiado e administrado pelo Brasil, já vinha treinando profissionais nas áreas de construção civil, vestuário e computação. A partir deste ano, oferecerá cursos também em refrigeração e mecânica de motocicletas.

Sabemos do lugar fundamental das Forças Armadas na ordem constitucional, como garantes da segurança das instituições democráticas. Atendendo a solicitação do presidente Ramos-Horta, pedi a eminentes juristas brasileiros que se reunissem para ajudar a elaborar projeto de Código Militar do Timor-Leste. Pretendemos dar continuidade ao programa bilateral de cooperação na área de Justiça e continuaremos contribuindo para o treinamento das forças timorenses de segurança. Quero ressaltar o Projeto de Instrução Militar mantido pelo Exército Brasileiro, juntamente com as Forças



Armadas deste país. Entra, este ano, em sua terceira fase.

Senhor Presidente,

No Brasil, aprendemos que não há desenvolvimento sustentável sem a luta contra a pobreza, a miséria e a exclusão social. Queremos que também no Timor o combate à fome, ao analfabetismo e ao desemprego ajude a criar novas perspectivas para a juventude e um futuro melhor para todos.

Uma missão da Companhia Nacional de Abastecimento virá a Díli ajudar a estruturar o Programa Nacional de Distribuição de Alimentos. Estou seguro de que, como no Brasil, ajudará a levar dignidade e esperança para os mais vulneráveis.

Podemos nos orgulhar do papel que a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa desempenhou e desempenha na caminhada do Timor rumo à paz e ao desenvolvimento soberano. Por meio da CPLP, somos mais fortes e unidos na defesa de nossos objetivos comuns. Por essa razão, reservamos uma vaga para o Timor-Leste nos cursos para funcionários da CPLP que está sendo oferecido pelo Instituto Rio Branco, a academia diplomática brasileira. Na recém-criada Escola de Futebol da CPLP, em Brasília, já está assegurada a participação de cinco timorenses. Estou certo de que os atletas timorenses participarão com brilho nos primeiros Jogos Estudantis da CPLP, que ocorrem este mês no Rio de Janeiro.

Senhoras e senhores,

O fortalecimento do Poder Legislativo timorense desempenha papel destacado na aproximação da sociedade civil (inaudível) em nossos países. Penso que uma maior troca de visitas entre nossos parlamentares será decisivo para fazer avançar nosso diálogo e a agenda de cooperação bilateral. Foi este o sentido maior da recente visita a Díli e a esta Casa do Presidente da Comissão de Relações Exteriores e Defesa Nacional do Senado Federal brasileiro. Veio reiterar ao Parlamento Nacional timorense a oferta amiga da assembléia irmã brasileira e recordar que os companheiros parlamentares



timorenses serão sempre bem-vindos ao nosso País.

Nesta relação que queremos que seja sempre solidária, cabe ao governo e ao povo de Timor-Leste definir prioridades. Estejam certos, senhor Presidente, e senhores e senhoras Parlamentares, de que o Brasil estará incondicionalmente ao seu lado. Na sua luta para construir uma sociedade próspera, soberana e democrática terão sempre no Brasil um admirador, um parceiro e um povo irmão.

Muito obrigado e boa sorte.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita ao Tribunal de Recursos

Díli – Timor-Leste, 11 de julho de 2008

Senhor presidente do Tribunal de Recursos do Timor-Leste, senhor Cláudio Ximenes,

Senhores ministros de Estado do Timor e do Brasil,

Embaixador,

Senhores magistrados timorenses,

Meus amigos e minhas amigas,

É uma honra especial dirigir-me aos membros do órgão máximo do Judiciário timorense. Muitas vezes, em visitas oficiais, a ida de um chefe de Estado estrangeiro ao Judiciário de outro país pode parecer um evento puramente protocolar. Não é o caso do Timor-Leste, onde a própria existência desta Corte é símbolo das vitórias alcançadas na luta pela consolidação da paz. Por isso, fiz questão de vir ao Supremo Tribunal de Recursos.

Para nós, brasileiros, a independência do Timor-Leste teve significado especialmente importante: solidarizamos-nos com a luta do povo timorense, respaldamos seu direito à autodeterminação. Hoje, acompanhamos de perto os passos firmes dados pelos timorenses para consolidar uma nação democrática e pacífica.

Quero fazer aqui uma homenagem à memória de Sérgio Vieira de Mello. Ele desempenhou um dos mandatos mais complexos assumidos pelas Nações Unidas na construção de um Estado-Nação. Por suas qualidades e méritos, nosso saudoso Sérgio ajudou, com muito êxito, no processo de transição para a independência do Timor. Deixou aqui as sementes de um futuro melhor para os timorenses. À frente da administração transitória da ONU, tomou medidas



efetivas para colocar em funcionamento instituições verdadeiramente timorenses. Tempos depois, essas instituições já se revelaram sólidas para enfrentar o criminoso atentado contra o presidente Ramos-Horta e souberam reagir de modo sensato à lógica da violência.

Apesar dos progressos, é importante que as Nações Unidas permaneçam neste país pelo tempo que os timorenses considerarem necessário. A ONU tem desempenhado papel crucial na reconstrução do Timor-Leste, com a prestação de assistência em setores-chave, inclusive no fortalecimento do Estado de Direito.

De nossa parte, estamos profundamente comprometidos e queremos continuar a contribuir para a estabilidade de longo prazo do Timor-Leste. O Brasil tem vínculos fortes com o Timor que vão além da nossa língua comum.

Com vários programas em andamento, queremos aprofundar nossa cooperação em áreas como educação, justiça e segurança. Exemplo concreto é o Programa de Formação e Treinamento de Magistrados, Promotores de Justiça e Defensores Públicos. Nossa participação ocorre com o envio de profissionais da Justiça brasileira. No momento, estão aqui alguns defensores públicos brasileiros.

Outra iniciativa relevante é o estabelecimento de grupo de trabalho para elaborar anteprojeto de Código de Justiça Militar. O texto deverá ser submetido ao governo timorense em breve, e continuaremos contribuindo para o treinamento das forças timorenses de segurança.

Senhor Presidente,

No Brasil, não são poucos os desafios que enfrentamos em matéria de segurança pública, mas estamos procurando combater o crime e, ao mesmo tempo, as causas do crime. Estamos procurando aprimorar as instituições que aplicam a lei. Nosso Judiciário vem passando por uma renovação sem precedentes. Houve um tempo, no Brasil, em que algumas pessoas acreditavam que estavam acima da lei. Isso vem mudando muito ultimamente.



Creio que estamos combatendo a impunidade e garantindo os direitos fundamentais e aperfeiçoando o nosso Estado Democrático de Direito. Mas é um aperfeiçoamento que requer esforços contínuos.

E precisamos empreender esses esforços porque é no Estado de Direito, que as tensões e conflitos são solucionados pacificamente. Onde há um Judiciário independente, imparcial, acessível e célere, a justiça pode ser mais facilmente realizada. Se as normas jurídicas são justas e aplicadas de modo equitativo, o povo tende a confiar em suas instituições.

Em situações pós-conflito, o funcionamento adequado dos órgãos judiciais é condição fundamental para romper o ciclo de violência e evitar a recorrência dos conflitos.

A prevalência do Direito deve pressupor a observância de princípios como a igualdade perante a lei, a separação de poderes, a justiça social, entre outros preceitos fundamentais. Tudo isso levando em conta o compromisso com o fortalecimento da democracia.

Esse Tribunal é a prova maior de que instituições fortes podem garantir o diálogo e a concórdia. Vossa Excelência e os demais magistrados timorenses, assim como os membros do Ministério Público e os advogados, sabem da importância do papel dos profissionais da Justiça na consolidação da paz e da estabilidade timorense. Sabem que o povo timorense conta com as senhoras e os senhores para que seus direitos sejam garantidos e realizados.

O Timor-Leste anseia por paz, segurança e desenvolvimento. É preciso criar condições para que os timorenses realizem seus plenos potenciais. Contem com o Brasil nessa empreitada.

Muito obrigado.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita ao Centro de Treinamento Profissional do Senai e encontro com a comunidade brasileira residente no Timor-Leste

Díli – Timor-Leste, 11 de julho de 2008

Quero, primeiro, cumprimentar o ministro da Educação do Timor-Leste, companheiro que está nos acompanhando desde a hora em que chegamos ao aeroporto, às 7 horas da manhã.

Quero cumprimentar os companheiros brasileiros que vão comigo à Indonésia, para depois voltarem ao Brasil.

Meus companheiros e companheiras,

Aqui, Celso, tem missionários e missionárias, professores e professoras, gente de cooperação técnica do Senai, gente da Justiça, gente da Polícia Militar, trabalhadores voluntários, gente de ONGs... Misturando todos vocês e colocando num liquidificador, a gente vai perceber que tem um conjunto de brasileiros e brasileiras que, independentemente da entidade ou instituição de que participam, vieram para cá dispostos a abrirem suas almas e dedicarem o seu conhecimento para ajudar o povo do Timor-Leste a transformá-lo numa pátria efetivamente democrática, soberana e justa.

É por isso que vocês estão aqui. Eu tenho consciência de que muitos não estão aqui por causa de salário – se bem que todo mundo tem que sobreviver –, porque se fosse só por salário, cada um ficaria no seu mundo e não colocaria o seu tempo para viajar para tão longe e trabalhar com gente que se sabe que precisa mais do que a gente.

O mundo, na verdade, é tocado por governantes, pelas grandes figuras públicas que a gente vê nos jornais e na televisão todo santo dia. Mas, no fundo, no fundo, o mundo é tocado por pessoas que têm a alma nobre como



vocês e que se dedicam a tentar ajudar o próximo. Tem gente até com camisa do Botafogo aqui. Tem gente de Santo André.

Eu queria dizer a vocês que esta nossa vinda ao Timor-Leste é porque o Brasil – antes da independência e depois de toda a confusão que houve aqui no Timor-Leste –tem uma relação de parceria com muita gente daqui, temos uma amizade muito grande com o governo do Timor-Leste, e temos um carinho muito grande por este país que conseguiu a sua independência às custas de muito sofrimento. O Brasil tem feito algumas coisas para ajudar o Timor-Leste. Tudo o que a gente passa é sempre muito pouco porque as necessidades são muito grandes.

Eu quero dizer a vocês que quando eu chego aqui, entro numa sala e vejo mulheres com uma máquina de costura, aprendendo uma profissão; vejo mulheres ali numa padaria, aprendendo a fazer doces e pães deliciosos; e vejo a meninada aprendendo na marcenaria, eu acho que o começo de uma grande reviravolta está sendo dado.

Este aqui é um país para ser construído e o governo quer construir. A nós, brasileiros – seja o presidente da República, o ministro das Relações Exteriores –, e a vocês só cabe perguntar: o que vocês querem que a gente faça? A gente quer contribuir para ajudar vocês a vencer, a se transformar num país socialmente justo, muito democrático e para que o povo viva mais feliz.

Nós vamos sair daqui com muito mais tarefas, com muito mais responsabilidades. Tivemos reunião com o presidente, tivemos reunião com o primeiro-ministro, tivemos reunião com o presidente do poder Judiciário, fomos à Assembléia e nós vamos sair daqui sabendo um pouco mais das necessidades que o Timor-Leste tem e vamos voltar para o Brasil com o compromisso de ajudar a organizar mais coisas para poder trazer para cá.

Vocês sabem que nós estamos, há algum tempo, com a política externa voltada para uma política forte de solidariedade com os países mais pobres, sobretudo, com os países africanos. O Brasil está determinado a pagar uma



dívida secular que nós temos com o Continente Africano, nós não vamos poder pagar em dinheiro, mas vamos poder pagar em serviços. Vamos abrir uma universidade no Ceará, para ter estudantes africanos e estudantes brasileiros. Vamos abrir uma universidade Latino-Americana. A nossa prioridade vai ser ligada à CPLP, portanto, o Timor-Leste, que faz da CPLP vai poder participar da nossa universidade, que nós esperamos que esteja pronta em 2010, já com alguns alunos começando a estudar.

Eu penso que isso vai permitir que mais gente volte aqui visitando o Timor-Leste. O ministro Miguel Jorge pode mandar gente do Ministério aqui para discutir com os companheiros do Timor-Leste, organização empresarial. O Ministro da Educação pode vir aqui para ajudar a discutir mais coisas para a gente ajudar, o Ministro da Justiça pode vir aqui, o Ministro do esporte pode vir aqui ajudar, porque é uma área que a gente precisa tratar com muito carinho, por causa dessa juventude. Se a gente não der tarefas e ela ficar sem perspectiva, é meio caminho para a desgraça (inaudível). Então nós estamos preocupado.

Obviamente que cada passo que nós dermos, nós só daremos um passo de comum acordo e com a anuência do governo do Timor-Leste, porque nós estaremos subordinados às necessidades e à vontade do governo do Timor-Leste. Se não for assim, não tem política de solidariedade, porque a primeira coisa que nós temos que fazer é respeitar, porque isso aqui é um país soberano, tem governo eleito democraticamente e nós somos solidários a ele. Nós estamos aqui em um trabalho de solidariedade aos companheiros do Timor-Leste e vamos aumentar essa solidariedade até que eles digam para nós: “Não queremos mais, vocês podem ficar no seu canto no Brasil”. Mas enquanto eles estiverem precisando e nós tivermos gente como vocês, nós estaremos dispostos a dar essa contribuição. Agora estão chegando mais 50 professores, chegou um pouco hoje e vão chegar os outros 50. O nosso embaixador tinha dito que tinham vindo 50 computadores, mas só vieram 20



por causa do avião. Nós vamos ter que mandar mais gente para cá para trazer os outros computadores que tem que trazer.

Eu quero agradecer ao Ministro da Educação. Obviamente que eu vou agradecer ao Presidente lá no Aeroporto, mas quero dizer que essa viagem que nós fizemos aqui, para mim foi gratificante. Mais gente do Brasil precisa vir para cá, mais autoridades brasileiras precisam viajar, porque vendo de perto o problema é que a gente tem sensibilidade para saber: eu posso ajudar. E o Brasil pode ajudar na área da saúde, pode ajudar na área da educação, pode ajudar na área de organização de pequenos empreendedores. Tem muita coisa que o Brasil pode ajudar, sobretudo, na questão da habitação eu acho que nós poderemos ajudar. A Petrobras tem que vir para cá para ajudar a encontrar petróleo. Se (inaudível) está achando muito petróleo, a Petrobras pode vir ajudar.

Então, eu penso que tem um caminho andado. Nós acertamos tanto com o Primeiro-Ministro, quanto com o Presidente, nós vamos criar um grupo executivo do governo brasileiro e do governo do Timor-Leste, para que a gente trabalhe as prioridades de infra-estrutura, a questão de energia elétrica, a questão de estradas e a questão de hidrelétrica. Na hora em que tiver os projetos a gente vai poder discutir como vamos ajudar a construir isso, porque eles precisam de muito para desenvolver este país.

Quero agradecer ao Embaixador pelo carinho com que tem tratado os seus funcionários. Vamos melhorar a Embaixada brasileira, vamos fazer um espaço maior, vamos criar um centro de estudos brasileiros para facilitar a vida do nosso Embaixador e ter um espaço cultural. Tem muita gente que acha que a vida de embaixador é uma vida boa. É boa quando está em Paris, mas quando está num país pobre, quando está em São Tomé e Príncipe, não é uma vida fácil. É uma vida muito, muito difícil. Nós, obviamente, temos uma política já determinada a facilitar que os nossos embaixadores tenham mais condições de trabalho. Compramos até um Ray-Ban para (inaudível) que é para ele



mostrar, dar sinais de que nós estamos fazendo as coisas acontecerem.

Eu queria dizer a vocês o seguinte: eu quero agradecer, do fundo do coração, a dedicação de cada um de vocês. A disposição, o grande coração e a consciência que vocês têm dão a todos nós orgulho de sermos brasileiros. Nós somos o que quiserem que a gente seja, mas somos solidários com quem precisa de nós, e isso nós demonstramos no mundo inteiro: em Moçambique, em Angola, na Guiné Bissau e, sobretudo aqui, onde temos amizade.

Eu me lembro de um dia, quando estava em Portugal, encontrei com um grupo de companheiros que foram ao hotel me procurar e me falaram, pela primeira vez, no Xanana Gusmão, na luta que teve... Em 1991, eu os convidei para um congresso do PT lá em Vitória, no Espírito Santo. Recebemos dois companheiros lá. Aliás, encontramos com eles aqui hoje. De lá para cá, nasceu mais do que uma relação política, nasceu uma relação de amizade. Eles eram oposição, eu era oposição; hoje eles são do governo e eu sou do governo. Se éramos amigos antes, por que não sermos mais amigos depois?

Então, muito obrigado a todos vocês, de coração.

Eu queria levar uma foto de lembrança. Se vocês não se mexerem, para não tumultuar, eu vou aqui na frente, pego uma cadeirinha e sento. O Stuckinha vem aqui em cima, bate a foto, ali (inaudível) com os ministros. Nós sentamos aqui embaixo e bate a foto porque o importante é pegar essa cara boa que vocês estão fazendo.

(\$211B)



Brinde do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião do almoço oferecido pelo presidente da Indonésia, Susilo Bambang Yudhoyono

Jakarta – Indonésia, 12 de julho de 2008

É com grande satisfação que visito a República da Indonésia, esta bela nação de mil ilhas e múltiplas culturas.

Estamos separados por oceanos e pela história, mas a Indonésia e o Brasil compartilham a determinação de forjar seu lugar num mundo em rápida mudança. É este o sentido da parceria sólida e solidária que estamos lançando hoje.

Nossos países são grandes democracias multiétnicas. Estamos aperfeiçoando nossas instituições políticas para dar a nossos povos os benefícios do crescimento com justiça social. Nossas sociedades valorizam a tolerância e respeitam as diferenças. Aprendemos a reconhecer, na variedade e na diversidade, uma riqueza de potencial inestimável.

Nossos países estão superando o desafio da pobreza e da desigualdade. Temos como prioridade e compromisso fundamental garantir uma vida melhor e mais digna para todos nossos cidadãos. Para isso, assumimos a defesa dos direitos humanos em organismos multilaterais e em nossas respectivas regiões. E somos consistentes no claro repúdio ao terrorismo.

Senhores e senhoras,

Indonésia e Brasil têm sido parceiros em momentos importantes da luta das nações em desenvolvimento por uma ordem internacional mais justa, próspera e solidária. Construimos, juntos, capítulos memoráveis nessa história. A Conferência de Bandung, de 1955, foi um dos marcos do multilateralismo.



Ela pôs no centro do cenário mundial os países que saíam da longa noite do colonialismo ou da dependência. Hoje compartilhamos interesses e posições em temas cruciais da agenda internacional.

No passado defendemos o princípio do não-alinhamento, como forma de preservar nosso direito de definir um caminho próprio. Hoje, a necessidade de buscarmos respostas adequadas à realidade do Sul tornou-se ainda mais premente.

Vivemos em um mundo profundamente interdependente, que se defronta com o impacto das mudanças climáticas e busca respostas urgentes para o aumento dos preços dos alimentos e da energia. Sabemos que para enfrentar desafios em escala mundial precisamos de soluções globais. Não podemos aceitar que os países em desenvolvimento continuem meros espectadores de decisões que nos afetam diretamente.

Para que nossa voz seja ouvida, devemos intensificar a coordenação nos foros de negociações e valorizar as relações Sul-Sul. A nova arquitetura internacional que almejamos já está em construção. Prova disso é a participação da Indonésia e do Brasil no diálogo com os países do G-8, em Hokkaido.

Na defesa de um multilateralismo mais legítimo e eficaz, nossos governos reafirmam hoje o compromisso com a renovação das Nações Unidas. Em particular, queremos a reforma de seu Conselho de Segurança, de forma a incluir países em desenvolvimento de todas as regiões do mundo como membros permanentes.

Indonésia e Brasil são países megadiversos e, por isso, comprometidos com a preservação do patrimônio ambiental. Estamos fazendo nossa parte na luta contra o aquecimento global, reduzindo emissões e o desmatamento. A cooperação trilateral que estamos desenvolvendo para reflorestar o Timor-Leste demonstra como podemos trabalhar solidariamente, mas insistimos na



necessidade de os países industrializados nos apoiarem com financiamento e transferência de tecnologia.

Senhor Presidente,

Nossa união é cada vez mais necessária.

No momento em que se multiplicam os protestos contra a escassez de alimentos, muitos países em desenvolvimento reúnem as condições para se tornarem celeiros do mundo.

A crise financeira internacional mostra a importância de democratizar as instituições de Bretton Woods. Se não atuarmos juntos, corremos o risco de que nos passem uma conta pela qual não somos responsáveis.

Somos parceiros de primeira hora na Organização Mundial do Comércio e continuaremos a lutar pela maior liberalização do comércio internacional, sobretudo de produtos agrícolas. Estivemos juntos na criação do G-20 para transmitir uma mensagem inequívoca. Queremos a conclusão das negociações comerciais, mas não a qualquer preço: é preciso que faça jus a seu nome de Rodada do Desenvolvimento e salde sua dívida com os países mais pobres.

No momento em que se articula uma campanha mundial contra o etanol, precisamos forjar um mercado internacional para os biocombustíveis. Só assim evitaremos novos obstáculos à exportação de uma fonte limpa, barata e sustentável de energia para o século XXI.

Caro presidente Yudhoyono,

As relações entre Indonésia e Brasil são um exemplo extraordinário do potencial para parcerias entre países do Sul. Com o estabelecimento hoje de uma Comissão Mista, damos um grande passo na coordenação dos mecanismos e iniciativas de consulta e cooperação entre nossos governos. De nossa diversidade nascem inúmeras oportunidades para colaborar em educação, cultura e esportes, formação profissional, ciência e tecnologia, saúde e justiça.



No seminário empresarial que vou abrir aqui em Jacarta, vamos explorar as muitas possibilidades de negócios que se abrem entre nossos países. Há muito espaço para a diversificação de uma pauta comercial ainda concentrada em poucos produtos e para investimentos de parte a parte.

Somos as maiores economias de nossos blocos regionais e temos a responsabilidade de promover uma maior aproximação entre nossas regiões. Estou certo de que a primeira reunião ministerial Mercosul-Asean, a realizar-se em novembro, no Brasil, dará importante impulso à integração entre nossos dois grupos.

Senhor Presidente,

Vossa Excelência conhece bem o ditado popular que recomenda não se deve colocar todos os ovos numa única cesta. O momento que o mundo vive hoje recomenda, cada vez mais, seguir esse ditado, fortalecer novas parcerias e criar novos canais de diálogo. É também com esse espírito muito pragmático, de busca de uma relação mutuamente benéfica, que desejamos intensificar nossos laços com a grande nação indonésia.

É dentro dessa perspectiva auspiciosa que gostaria de convidar os presentes a elevar um brinde à saúde e ao bem-estar de Vossa Excelência e à crescente amizade entre os povos brasileiro e indonésio.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de encerramento do Encontro Empresarial Brasil-Indonésia

Jakarta – Indonésia, 12 de julho de 2008

Eu quero cumprimentar a ministra de Comércio da Indonésia, senhora Mari Pangestu,

Quero cumprimentar o senhor Anton Apriyantono, ministro da Agricultura da Indonésia,

Meu companheiro Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,

Ministra Dilma, ministra-chefe da Casa Civil,

Ministro Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior do Brasil,

Cumprimentar os embaixadores,

Cumprimentar o senhor Mohamad Hidayat, presidente da Câmara de Comércio e Indústria da Indonésia,

E cumprimentar todos os empresários e empresárias que vieram a este evento, patrocinado pela Câmara Brasil-Indonésia,

Primeiro, é uma alegria, Presidente, poder encerrar este evento empresarial.

Venho à Indonésia convencido de que, apesar da distância geográfica e das diferenças culturais, nossos países são complementares e têm objetivos semelhantes. Há amplo espaço para trabalharmos juntos em benefício de nossos povos.

O Brasil atravessa um momento especial. No nosso governo, milhões de brasileiros foram incluídos no mercado de trabalho, deixando para trás a fome e a pobreza. A economia brasileira tem apresentado resultados extraordinários. O País equacionou sua dívida externa e hoje é credor internacional líquido. As reservas internacionais brasileiras de 200 bilhões de dólares superam nossa



dívida externa. O Brasil recebeu o “grau de investimento” por agências internacionais de classificação de risco, o que facilitou e ampliou ainda mais a entrada de investimentos estrangeiros diretos no Brasil. A sólida base econômico-financeira formada nos últimos anos ajudará o Brasil a enfrentar melhor eventuais turbulências no mercado mundial.

O comércio exterior também cresce a taxas significativas. Entre 2003 e 2007, ampliou-se de 108 bilhões de reais para 281 bilhões de reais. Seu crescimento mais expressivo é justamente com os novos parceiros do Sul.

O panorama indonésio também é promissor. Uma das principais preocupações do governo deste país tem sido consolidar um clima de investimento seguro, capaz de atrair investimentos externos. Ele tem se empenhado em realizar reformas que certamente terão resultados significativos, atraindo cada vez mais empresas para o mercado local.

Brasil e Indonésia estão, portanto, bem posicionados para atuar em um mundo cada vez mais competitivo.

Senhoras e senhores empresários,

Entre 2003 e 2007, a corrente de comércio entre Brasil e Indonésia passou de 575 milhões de dólares para 1,580 bilhão de dólares, um crescimento superior a 176%. Mas essas cifras estão muito aquém do potencial de nossas economias e do momento positivo que vivem nossos países.

Abrem-se, hoje, grandes possibilidades de negócios a serem explorados pelos senhores. Há muito espaço para a diversificação de uma pauta comercial ainda concentrada em poucos produtos e para investimentos de parte a parte. Para isso, temos que estimular o conhecimento mútuo, as missões comerciais e rodadas de negócios, como a que está sendo realizada aqui hoje.

Sei que a Companhia Vale do Rio Doce é uma das principais produtoras de níquel na Indonésia e que a empresa Riau Pulp investiu na produção de celulose no Brasil. Isso mostra que o caminho já foi desbravado e que novas parcerias são possíveis. A ministra do Comércio da Indonésia, senhora Mari



Pangestu, poderá comprovar isso pessoalmente quando visitar o Brasil no final deste mês.

Os governos estão fazendo a sua parte. Hoje de manhã foi assinado Protocolo de Intenções sobre Cooperação Técnica na Produção e Uso de Etanol. Assim, teremos uma alternativa aos combustíveis fósseis que poderá também contribuir, de forma significativa, para nosso objetivo comum de diminuir a fome, a pobreza e a desigualdade em nossos países e em outros parceiros do Sul.

Senhoras e senhores,

Hoje de manhã tive a oportunidade de comentar com o Presidente que a diversificação de parcerias é uma necessidade imperiosa. Em um momento em que assistimos a sinais de crise financeira nos países desenvolvidos e setores defendem o protecionismo, precisamos abandonar uma lógica ultrapassada de dependência exclusiva em relação aos países do Norte. A crescente internacionalização de empresas indonésias e brasileiras e o aumento do comércio Sul-Sul e dos fluxos de investimentos entre os países em desenvolvimento são sinais claros de que há alternativas adicionais às exploradas no passado e que hoje dão sinais de desgaste.

É por isso que convido os senhores empresários indonésios e brasileiros a apostar nas relações entre a Ásia e a América do Sul, duas regiões dinâmicas da economia internacional, mas que ainda não estão suficientemente interligadas.

Para aqueles que se intimidam com as distâncias ou com o desconhecido, acho que não há nada melhor do que lembrar o exemplo dos povos que, na pré-história, habitaram as ilhas que hoje fazem parte da Indonésia e dos países vizinhos. Esses homens e mulheres enfrentaram o mar aberto em jangadas. Foram em busca de novos mercados e oportunidades. Perante feitos desta magnitude, a tarefa dos senhores depende apenas de ousadia e criatividade.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Boa sorte e bons negócios.

(\$211B)



**Declaração à imprensa emitida pelo Presidente da República, Luiz Inácio
Lula da Silva, por ocasião da visita à Indonésia**

Jakarta – Indonésia, 12 de julho de 2008

Quero cumprimentar o presidente Susilo Bambang Yudhoyono,
presidente da República da Indonésia,

Cumprimentar seus Ministros e Ministras,

Cumprimentar os meus Ministros,

Cumprimentar meus amigos da imprensa brasileira e da Indonésia.

O fato mais importante que eu queria comunicar a vocês é que esta
minha visita à Indonésia, no fundo, no fundo, encerra uma primeira etapa de
uma estratégia que nós, no Brasil, definimos em 2003, que era possível mudar
um pouco a geografia comercial do mundo, que era possível estabelecer
parcerias estratégicas com países e com continentes dos quais, até então, o
Brasil se mantinha muito distante.

Hoje nós definimos com o presidente Susilo que, na sua visita em
novembro, vamos nos tornar parceiros estratégicos. Depois só falta, Celso, a
Austrália para a gente visitar, que é outro país grande. Neste momento em que
há a volta da inflação causada pelo preço dos alimentos, causada pelo preço
do petróleo, os países em desenvolvimento, com as características da
Indonésia e do Brasil, não têm que ver nessa crise apenas um problema. Nós
temos que ver uma grande oportunidade. Nós temos terra, temos sol, temos
água, temos tecnologia. Graças a Deus, os pobres do mundo começaram a
comer três vezes por dia. Portanto, isso vai exigir mais produção de alimentos,
e nós temos condições de fazer com que, o que para alguns é uma crise, seja
uma oportunidade de produzirmos muito mais.

O presidente Susilo participou comigo, em Hokkaido, de uma reunião do



G-8 com o G-5, e com a Indonésia, a Austrália e a Coréia. Ali ficou muito claro que se os países em desenvolvimento não derem a tônica das discussões sobre a inflação no preço dos alimentos e do petróleo... Os países ricos não querem discutir nem a crise imobiliária americana, nem querem discutir os prejuízos que os bancos europeus tiveram, e procuram jogar a culpa em cima dos países em desenvolvimento. Essa é uma discussão que os governantes precisam fazer, e fazer urgentemente, com números e com base científica, para que as pessoas não fiquem desinformadas sobre a verdadeira incidência do preço do petróleo no custo dos alimentos no mundo. Esse é o desafio.

O que está acontecendo com o petróleo? Alguns procuram com muita facilidade jogar a culpa nos países em desenvolvimento ou dizem que a China está consumindo demais. Ninguém discute o que está acontecendo na especulação dos preços dos produtos, sobretudo na bolsa de mercado futuro.

Começamos a fazer esse debate e eu penso que ele vai perdurar mais algum tempo, até nós provarmos algumas coisas. Primeiro, não é o etanol ou os biocombustíveis os responsáveis pelo aumento dos alimentos. Segundo, não é por conta apenas da China que o petróleo está aumentando. Terceiro, as pessoas vão descobrir que um bom acordo na Rodada de Doha da OMC pode resolver esse problema dos alimentos, com incentivo para os países pobres produzirem mais se diminuir o subsídio americano ou se abrir o mercado europeu para os produtos agrícolas. A única coisa que nós não podemos aceitar é pedir para os pobres do mundo não comerem. Peçam-nos para produzir mais que vamos produzir, porque temos competência para fazer isso.

Esta minha visita à Indonésia deixa-me extremamente satisfeito. Em pouco tempo de conversa entre mim e o presidente Susilo – mas certamente depois de muitas conversas dos assessores –, descobrimos extraordinárias possibilidades, a começar pela concordância na questão climática. Ninguém quer preservar mais as nossas florestas do que nós mesmos. Agora, os países que mais poluem precisam começar a discutir seriamente como diminuir as



emissões de gases de efeito estufa. Não é a Indonésia e não é o Brasil que vêm durante 100 anos, emitindo cada vez mais gases de efeito estufa. Cada presidente tem uma tabela com os números do quanto de gás o seu país emite, e agora cada um pode discutir, de forma muito objetiva, quanto vai diminuir na emissão de gases. Por favor, não peçam para os países pobres não crescerem, porque nós temos o direito de crescer e de melhorar a vida do nosso povo. Quem sabe, se um dia tivermos um equilíbrio no padrão de consumo da Humanidade, todos nós seremos menos culpados pelo estrago que estamos fazendo no Planeta.

Por isso, meu amigo presidente Susilo, os acordos que assinamos hoje são apenas o início de uma grande obra que Indonésia e Brasil podem fazer juntos. Afinal de contas, juntos somos quase 450 milhões de habitantes com o mesmo desejo, com a mesma aspiração. Homens, mulheres e crianças, todos querem viver condignamente e é esse o desafio que está colocado para o Presidente da Indonésia e para o Presidente do Brasil.

Obrigado pelo carinho dedicado à minha delegação até agora.

(\$211B)



Mensagem do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, aos capoeiristas do Brasil

15 de julho de 2008

Hoje é um dia muito especial para o nosso País e para todos os brasileiros. A capoeira, uma de nossas manifestações culturais mais ricas, acaba de ser reconhecida como Patrimônio Cultural do Brasil.

Criada pelos escravos, ela foi considerada durante muito tempo uma atividade criminosa praticada pelas classes perigosas, um verdadeiro caso de polícia. Foi preciso muitos anos para que nós reconhecêssemos o seu valor cultural. Getúlio Vargas foi quem deu o primeiro passo, ao receber pessoalmente o mestre Bimba, criador da capoeira como arte marcial. De lá para cá, o Estado se dividiu entre a perseguição e a indiferença à capoeira. Quis até dizer quem poderia e quem não poderia ensinar essa arte. Mas tudo isso é passado. Estamos, finalmente, fazendo justiça.

A capoeira é filha do sofrimento mas, ao mesmo tempo, é uma arte transformada em camaradagem, em espetáculo de ritmo e dança, e também de improvisação, uma marca do nosso jeito brasileiro de viver, de criar o novo diante da adversidade. Orgulho nacional, é praticada em mais de 150 países de todos os continentes.

Portanto, promover ao status de Patrimônio Cultural do Brasil as rodas de capoeira e o saber dos seus mestres não é uma merecida homenagem, é também um reconhecimento de que a cultura negra e africana forjou parte importante de nossa identidade nacional.

Parabéns aos capoeiristas, aos seus mestres e a todos aqueles que têm trabalhado para fortalecer a nossa cultura.

Um grande abraço.

(\$212A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Mensagem do Presidente da República**



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da visita ao Brasil do Presidente da República da Lituânia, Valdas Adamkus

Brasília – DF, 16 de julho de 2008

Excelentíssimo senhor Valdas Adamkus, presidente da República da Lituânia,

Senhora Alma Adamkiene,

Minha companheira Marisa,

Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,

Senhores e senhoras integrantes da delegação da Lituânia,

Autoridades brasileiras aqui presentes,

Meus amigos e minhas amigas,

É com grande satisfação que acolhemos o presidente Valdas Adamkus e sua senhora, bem como os demais membros da delegação lituana.

A Lituânia é um país com o qual o Brasil teceu laços que vão além da dimensão comercial e política. São também de natureza cultural e humana.

Desde a última década do século XIX se instalaram na cidade gaúcha de Ijuí os primeiros imigrantes lituanos. A partir de então, os cidadãos de seu país vêm enriquecendo ainda mais uma paisagem humana diversificada de que nós, brasileiros, muito nos orgulhamos.

Os brasileiros de origem lituana somam hoje cerca de 260 mil pessoas. A maior parte desse contingente reside em São Paulo, que, depois de Chicago, é a cidade que abriga a maior comunidade de descendentes de lituanos no mundo. Foi nessa cidade que viveu Lasar Segall, pintor cuja obra ilumina as artes visuais do Brasil no século XX.

Estou certo de que, em sua visita a essa comunidade, o presidente



Adamkus poderá comprovar que os imigrantes lituanos estão plenamente integrados e vivem em harmonia com brasileiros das mais variadas origens.

Num momento em que a Europa discute o tema da imigração, sua visita a essa comunidade de imigrantes me parece especialmente apropriada. É muito importante que os europeus não percam de vista a história do movimento de pessoas entre nossos dois continentes. Uma história construída com base na solidariedade e na valorização das diferenças, e não com base no preconceito e na exclusão.

Senhor Presidente,

Sei que um dos objetivos dessa viagem de Vossa Excelência é o de divulgar a riquíssima cultura da Lituânia, por meio de exposições que serão abertas amanhã na cidade de São Paulo.

Estou seguro de que haverá grande receptividade e interesse por uma cultura milenar, especialmente quando Vilnius se prepara para ser, em 2009, a capital europeia da cultura.

A celebração da cultura é a celebração da vida. A assinatura de um acordo de cooperação cultural entre Brasil e Lituânia, no dia de hoje, permitirá maior aproximação e conhecimento mútuo entre nossos povos. Esse acordo constituirá um marco institucional para a realização de numerosos eventos nos dois países.

Sei também que outro objetivo da visita de Vossa Excelência ao Brasil está vinculado ao interesse lituano na expansão dos fluxos de comércio e investimento entre nossos países. Asseguro que esse é também nosso interesse.

Por isso, alegro-me em saber que muitos empresários lituanos que integram a sua comitiva terão encontros com seus pares brasileiros na Fiesp, em São Paulo. Será oportunidade importante para explorar novos negócios e parcerias, para garantir que o comércio bilateral continue se expandindo e diversificando.



Senhoras e senhores,

Nossas relações bilaterais contam a história de uma longa amizade. O Brasil manteve relações diplomáticas com seu país durante o período de independência lituana, entre as duas guerras mundiais. Em 1991, reconhecemos novamente a independência da Lituânia e passamos a acompanhar a rápida transformação desse país amigo. Hoje, a Lituânia está plenamente integrada aos organismos internacionais e às estruturas euro-atlânticas, onde exerce papel dinâmico e construtivo.

Na semana passada, estive reunido no Japão com os demais parceiros do G-5 e os membros do G-8. Em nossas conversas, pude comprovar que cresce a consciência de que estamos perante desafios globais que só podem ser resolvidos com a participação dos países em desenvolvimento. Não há mais espaço para decisões unilaterais ou para visões paternalistas.

A Lituânia, junto com o Brasil, continua a defender que o Conselho de Segurança das Nações Unidas seja representativo da realidade contemporânea, com países em desenvolvimento, das várias regiões do mundo, entre seus membros permanentes.

Contamos, também, com o apoio da Lituânia na concretização de nossa Parceria Estratégica com a União Européia. Esse é um projeto que pode gerar frutos importantes para nossos países.

Senhor Presidente,

Sei que esta sua viagem ao Brasil faz parte de um roteiro mais amplo pela América do Sul. Quero felicitá-lo por essa iniciativa.

Nossa região vive um momento de profundas mudanças. Sua visita certamente ajudará a que a América do Sul conte com mais um interlocutor com visão clara e objetiva do grande potencial para a cooperação com a Europa.

Espero que sua visita à região também reforce a importância de retomar o Acordo de Associação entre a União Européia e o Mercosul, processo que



ficou à sombra das negociações da OMC, mas que também pode trazer grandes benefícios para nossos países e nossas relações.

Senhor Presidente,

É com satisfação que noto a presença de membros da comunidade lituana no Brasil. Quero saudá-los pelo trabalho que realizam para manter vivos os traços culturais e lingüísticos de seu país de origem, contribuindo, ao mesmo tempo, para o enriquecimento da cultura brasileira.

Em nome dos laços de amizade que unem nossos dois países, peço a todos os presentes que ergam suas taças para que façamos um brinde pela saúde do presidente Adamkus, de sua senhora e de toda a sua comitiva, e pelo futuro das relações entre Brasil e Lituânia.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de sanção de projetos de lei na área de educação: piso salarial nacional dos professores e programa de apoio a planos de reestruturação e expansão das universidades federais - Reuni

Palácio do Planalto, 16 de julho de 2008

Vejam, Arlindo e Garibaldi, a diferença de ser presidente e não ser parlamentar. É que se eu falar aqui que estava embriagado, a manchete é a seguinte: “Lula confessa que estava embriagado”. Então, eu não posso nem brincar com isso.

Meu caro senador Garibaldi Alves, presidente do Senado Federal,
Meu caro deputado Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos Deputados,

Meus companheiros ministros Dilma Rousseff, chefe da Casa Civil; Fernando Haddad, da Educação; José Barroso Pimentel, da Previdência Social; Paulo Bernardo, do Planejamento, Orçamento e Gestão; Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República; Altemir Gregolin, da Pesca.

Governador Wellington Dias, governador do Piauí,
Companheiras e companheiros deputados federais,
Companheiras e companheiros senadores,
Companheiro João Paulo, prefeito de Recife, que falou aqui como presidente nacional da Frente dos Prefeitos,

Meu querido companheiro Gugu. Para quem não sabe, o Gumercindo foi um grande dirigente sindical. Eu tive a oportunidade de participar da sua geração de dirigentes sindicais, nos bons tempos da Apeoesp, em São Paulo. Foi deputado constituinte junto com muitos que estão aqui. Quis trazê-lo para o governo, mas acho que estava ganhando mais no mercado e não quis voltar para o governo. Foi uma alegria te encontrar aqui, Gugu. Acho que o melhor



presente, além de tudo o que já foi dito aqui, foi ver você no Palácio do Planalto, depois de tantos anos.

Companheiros e companheiras profissionais da área de educação.

Eu não ia falar, porque eu acho que o trabalho que o companheiro Fernando Haddad fez nesse período, na educação, mereceria que só ele falasse, da parte do governo. Mas depois nós resolvemos abrir para que falassem o presidente do Senado e o presidente da Câmara. O Cristovam tem razão: muitas vezes querelas são transformadas em grandes notícias e, muitas vezes, coisas importantes como esta não aparecem no jornal. Só para vocês terem idéia, no dia que vocês vieram me entregar o projeto, não saiu uma nota no jornal.

É uma coisa triste da política brasileira, mas compreensível, porque faz parte da democracia, e a democracia exige que a gente, aos trancos e barrancos, copie o Zeca Pagodinho e “deixe a vida nos levar” que, no final, dá tudo certo.

Eu penso que esse é um momento glorioso para o futuro do País. Certamente, nós vamos colher o que foi plantado agora daqui a 10 anos, daqui a 15 anos. A gente vai começar a ver isso germinar já a partir dos próximos anos, mas a gente vai colher mesmo os resultados, as estatísticas, daqui a alguns anos. Possivelmente, alguns de nós nem estejamos vivos para ver isso. Mas o dado concreto é que o passo que estamos dando é extremamente importante.

Acho que todos nós temos consciência de que não tem nada mais digno para uma nação do que ela ser colocada nas estatísticas internacionais com um alto índice de educação. Isso vale mais do que produzir celular, vale mais do que produzir avião, até porque se a gente tiver um alto índice, nós vamos produzir muito mais, muito mais coisas com alto valor agregado, produtos



altamente avançados, do ponto de vista tecnológico. E é para isso que nós queremos caminhar.

O absurdo, companheiros – e eu faço questão de dizer isso sempre que posso – é que em 100 anos, neste País, só tinham sido feitas 140 escolas técnicas, como se formar os nossos adolescentes não fosse algo necessário exatamente em momentos históricos em que a adolescência está entre a oportunidade, a chance, e o crime organizado, o narcotráfico ou, quem sabe, a morte, vitimada pela violência da periferia deste país.

Exatamente nesse período se fez um decreto proibindo o governo federal de assumir a responsabilidade pelo ensino técnico profissional. Nós revogamos o decreto, fizemos outro e temos um compromisso, que eu quero que vocês anotem: até o dia 31 de dezembro de 2010 queremos ter mais 214 escolas técnicas funcionando neste país. Isso se não houver mais pedidos, porque a cada viagem que a gente faz, aparece um prefeito dizendo que a cidade dele é cidade-pólo, é a mais importante da região... Nesses dias passei em uma cidade em que o prefeito me disse: “tem 50 mil habitantes, e lá não tem escola técnica profissional, nem universidade”. A cada uma dessas, a gente vê o Orçamento. Se couber, nós fazemos. Não tem nenhum problema gastar dinheiro com escola, porque ela não vai ficar vazia.

Aliás, Fernando, para que a gente possa demonstrar, seria importante que você começasse a fazer, com o Tarso Genro, uma comparação de quanto custa cada metro quadrado das escolas técnicas ou das universidades que estamos fazendo e quanto custam as prisões de segurança máxima. Assim mostraríamos às pessoas que é muito mais barato, muito mais lógico investir para que as pessoas não virem criminosas, do que tentar cuidar de um criminoso de alta periculosidade.

Então, isso nós fazemos com gosto e tomamos uma decisão no governo, já em 2004, de que era proibida a palavra “gasto” em educação. Todas as vezes que tínhamos uma conversinha: “está precisando de mais 50



contos aqui, de mais 30 contos ali”. “Ah, mas nós não podemos gastar”. Então abolimos essa palavra. Em outras coisas a gente pode até dizer isso, mas em educação e em saúde não podemos dizer que é gasto. É um processo de educação que parece insignificante, mas não é. É muito forte não utilizar a palavra gasto para coisas que são investimento. É como o Bolsa Família. Tem gente que fala: “esse presidente é louco. Ele está gastando 9, 10 bilhões de reais com os pobres. Poderia estar fazendo estradas”. Tem gente que fala isso porque, para uma parte dessas pessoas, pobre é apenas um número estatístico. Não percebem que ele tem alma, tem cabeça, tem coração, quer comer, quer trabalhar, quer estudar.

Ontem eu conversava com uma jornalista e dizia a ela que o maior investimento que estamos fazendo em segurança pública neste País é colocar o Estado onde o povo precisa de segurança. Não com polícia, mas com saúde, educação, lazer, cultura, trabalho. A gente olha o mundo desenvolvido e tem polícia nele todo. Eu fui ao Japão agora, em Hokkaido, participar do G-8. A gente estava em uma ilha e tinha polícia que não acabava mais em todas as cidades que fomos. Você vai à Europa, tem polícia. Então, a polícia é um instrumento do Estado que vale para qualquer coisa. Mas achar que ela vai resolver o problema dos pobres e da violência... Não vai. Ela ajuda. Agora, o que vai resolver é o Estado lá dentro, é as pessoas saberem que quando precisarem o Estado está lá. Oferecendo o quê? O que o povo precisa: oportunidade. Oferecendo aquilo que todos precisamos: chance.

Eu acho que é isso, Fernando Haddad, que nós conseguimos fazer, e temos mais coisas para fazer. Eu disse para o Arlindo Chinaglia que nós temos um conjunto de coisas ainda, da educação, para ser votado na Câmara. Obviamente que agora a Câmara entra em recesso, volta em agosto. Quando o Arlindo voltar, Fernando, nós vamos nos reunir com ele, ou com o Colégio de Líderes, para a gente mapear tudo o que está para ser votado na área de educação e tentar construir, dentro da Câmara e do Senado, as condições para



a gente votar isso rapidamente, para que a gente possa pegar outros temas que são importantes e que o Brasil precisa que sejam votados.

Portanto, eu queria só agradecer à Câmara dos Deputados e ao Senado. Tem brigas, tem divergências, mas eu queria dizer para vocês o seguinte: no fundamental – eu estou há 6 anos governando este País – a Câmara e o Senado sempre colaboraram para que as coisas acontecessem da melhor maneira possível.

Eu, sinceramente, acho que este é um momento glorioso para o País. Não é para um partido político, não é para um deputado ou para um senador, é para o País. Na verdade, o que vocês conseguiram produzir nas duas Casas, e eu sancionei agora, foi uma nova semente de um novo ser humano que nós haveremos de ver nascer neste País. Um ser humano que não esteja sempre a optar entre a morte, o crime organizado, o desemprego, o analfabetismo, mas um ser humano que esteja optando entre as coisas que ele queira fazer na vida.

Tem uma parte dos brasileiros que pode optar. O cara pode optar por ser médico, por ser dentista, por ser advogado. Só não pode optar o que não sabe fazer nada. Aquele que não teve oportunidade não tem opção, ele só faz aquilo que se apresentar como uma oportunidade de ele viver. É aí que o crime organizado, a bandidagem, a criminalidade tiram proveito das situações de desesperança de milhões de jovens.

Eu tenho participado, com o Dulci, do ProJovem, que é um programa, eu diria, pequeno para o tamanho do Brasil. Mas quando você pega um jovem e dá a ele uma oportunidade, dá 100 reais para ele voltar a estudar e aprender uma profissão, tem gente que acha que é gasto. Agora, a cara dessas pessoas, Cristovam, é uma coisa alucinante de ver, a alegria pela chance que elas estão tendo.

Portanto, eu quero parabenizar a vocês. Continuem brigando com o governo, podem continuar fazendo até discurso contra o Presidente, mas na



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

hora de votar as coisas boas votem, porque quem ganha é o Brasil, quem ganha é o povo brasileiro.

Meus parabéns. Muito obrigado. Eu penso que vocês marcaram história no País, com a aprovação dessas leis.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de assinatura de acordo**

Riberalta-Bolívia, 18 de julho de 2008

Excelentíssimo companheiro Evo Morales, presidente da Bolívia,
Excelentíssimo companheiro Hugo Chávez Frías, presidente da
Venezuela,

Excelentíssimo senhor Álvaro García Linera, vice-presidente da Bolívia,
Excelentíssimo senhor David Choquehuanca, ministro das Relações
Exteriores, por meio de quem cumprimento todos os ministros bolivianos aqui
presentes,

Meu querido companheiro Samuel Pinheiro Guimarães, ministro interino
das Relações Exteriores do Brasil,

Meu companheiro Nelson Jobim, ministro da Defesa,

Caros companheiros integrantes da delegação da Venezuela,

Meus queridos companheiros moradores de Riberalta e de todo o
departamento de Beni,

Meus companheiros e companheiras da nossa querida pátria-irmã
Bolívia,

Penso que se tivesse tempo, além de assinar os documentos, iria
desafiar o companheiro Evo Morales para uma partida de futebol. Não faltará
oportunidade, Evo. Não vou desafiar o Chávez para jogar futebol, porque
Chávez é especialista em beisebol. Apesar de a Venezuela ter ganho do Brasil
de 2 a 0, isso porque estávamos jogando nos Estados Unidos.

Meus amigos e minhas amigas,

Com muita satisfação, aceitei o convite do presidente Evo Morales para
estar hoje aqui, em Riberalta. Sou testemunha do quanto o companheiro Evo



Morales tem se empenhado para que o projeto Hacia el Norte se torne realidade. Afinal de contas, há quase 100 anos o povo boliviano sonha com essa estrada. Faz parte de seu compromisso de buscar desenvolvimento econômico e social para o povo boliviano, de sua vontade de promover a efetiva inclusão de setores historicamente excluídos da vida do país. Tenho muito presente, também, a importância que o governo boliviano atribui a esta ligação entre o Altiplano e a Amazônia. Ela é necessária para a integração do país, abre novas oportunidades econômicas e sociais. Por todas essas razões buscamos, com as autoridades bolivianas, as condições mais adequadas para o financiamento.

Na última vez que visitei a Bolívia, em dezembro passado, junto com a presidente do Chile, Michelle Bachelet, ratificamos nosso compromisso com a construção de uma conexão interoceânica entre Brasil, Bolívia e Chile. Hoje tratamos do projeto Hacia el Norte, do qual a estrada Rurrenabaque-Riberalta é o segmento mais extenso. A estrada permitirá a formação de outro corredor bioceânico. A rodovia ligar-se-á à ponte Guajará-Mirim e Guayaramerín, que o Brasil vai construir. Essa obra permitirá o acesso rodoviário direto entre La Paz e Porto Velho.

Companheiro Chávez, aqui uma lembrança importante. Depois de 500 anos, eu tive a oportunidade de construir a primeira ponte ligando Bolívia e Brasil – muito pequena – ligando a Bolívia ao estado do Acre. O empreendimento formará parte do corredor bioceânico que integrará as rodovias brasileiras a portos chilenos e peruanos, passando pela capital da Bolívia, La Paz. Vai permitir, ainda, a vinculação à rodovia interoceânica sul, a partir de Cobija.

Caros amigos, estamos vivendo um momento histórico na América do Sul. Governantes com o apoio majoritário da sociedade unem esforços para redesenhar a geografia econômica, social e política do continente e garantir a nossa inserção soberana no plano internacional. E sabemos que, juntos,



seremos muito mais soberanos.

Para lograr esses objetivos, é preciso fazer do combate à pobreza, às desigualdades e às injustiças, o centro de nossas ações. Quando estamos no rumo certo, a caminhada é tranqüila. Não nos cabe pôr a culpa nos outros por nossas próprias dificuldades. O que nos cabe é resolver nossos próprios problemas com responsabilidade, discernimento e apoio da sociedade.

Há menos de dois meses firmamos em Brasília o Tratado Constitutivo da Unasul. Esse tratado representa a superação da inércia e das resistências que, ao longo de 200 anos de vida independente, impediram nossa unidade. Hoje a concretização de um projeto de infra-estrutura que une vários países comprova que a integração da América do Sul está avançando rápido. E isso com nossos próprios recursos.

Com a Unasul, que é a expressão política e institucional dessa nova concepção regional, queremos fazer muito mais. Teremos não apenas as conexões rodoviárias, mas também a integração energética e financeira, a cooperação efetiva em políticas sociais e educacionais e a criação de cadeias produtivas integradas, inclusive por meio do investimento conjunto em setores estratégicos.

Esse compromisso com a integração deve renovar-se não apenas a cada vez que nos reunimos em nossos encontros de cúpula mas, também, no dia a dia de nossas relações bilaterais. Elas devem caracterizar-se pela franqueza do diálogo e pela busca permanente de consensos, sempre respeitando nossa diversidade e o caminho que cada país escolheu, de forma democrática.

A imensa maioria de nossas sociedades deseja desenvolvimento, segurança, democracia e justiça social, pede igualdade de oportunidades. Por isso, nossos povos não têm nada a ganhar com confrontações e embates estéreis.

Amigas e amigos,



Por sua dimensão geográfica, o tamanho de sua economia e o seu desenvolvimento, o Brasil deve, pode e quer contribuir, de maneira ativa, para a prosperidade e o bem-estar de seus irmãos vizinhos. Por isso, apostamos no desenvolvimento da Bolívia e apoiamos, de forma decidida, o fortalecimento de sua infra-estrutura.

Está clara a nossa decisão de aprofundar a cooperação no campo energético. Por isso, decidimos que a Petrobras tem que realizar novos investimentos na Bolívia. E isso faz parte do acordo assinado em La Paz. Muitas outras ações, como a exploração conjunta de poços, com a IPFB, podem e devem ser implementadas. É preciso tão somente que prevaleça uma visão de longo prazo.

O comércio bilateral registra um aumento de quase 95% das exportações bolivianas para o Brasil nos primeiros seis meses do ano. Mas esse crescimento pode ser muito maior. As vendas estão muito concentradas em gás natural. Devemos trabalhar para promover a integração de cadeias produtivas, incentivar o desenvolvimento industrial, redobrar esforços para facilitar o acesso de uma maior variedade de produtos bolivianos ao mercado brasileiro.

A solidariedade do governo brasileiro, por meio de sua Força Aérea, às comunidades afetadas pelas inundações este ano, ilustra o sentimento de amizade que queremos ter com o povo boliviano.

Avançamos na implementação do acordo de regularização migratória que deve beneficiar a importante comunidade boliviana residente no Brasil e os brasileiros que aqui se encontram. No momento em que Europa e Estados Unidos criam constrangimento aos imigrantes latino-americanos, temos que continuar dando exemplo de como esses temas devem ser tratados: com solidariedade e respeito aos direitos humanos. Por isso, esperamos também resolver, em breve, a situação das famílias brasileiras vulneráveis que se



encontram na zona de fronteira do departamento de Pando. Queremos oferecer-lhes uma nova opção de vida no país em que escolheram para viver.

Meu caro companheiro Evo Morales, é com orgulho que o governo brasileiro se associa à construção da rodovia Rurrenabaque-Riberalta. Como já disse, nossa região precisa investir em infra-estrutura. Somente assim poderemos trazer mais intercâmbio, empregos, renda, prosperidade e crescimento para todos os países da América do Sul.

Sei que o projeto Hacia el Norte contempla outros trechos que ainda esperam a elaboração de projetos de identificação de fontes de recursos. Esteja certo de que o Brasil tem a melhor disposição de continuar apoiando o fortalecimento da infra-estrutura rodoviária boliviana. Saiba também, companheiro Morales, que estamos torcendo muito para que a Bolívia continue consolidando sua democracia e construindo um país com oportunidades para bolivianos de todas as origens e de todas as regiões. Esperamos que o povo-irmão deste país, com sua conhecida sabedoria, consiga superar as dificuldades conjunturais pela via do exercício da democracia e do entendimento. Na política, o diálogo e as concessões não diminuem. Pelo contrário, engrandecem quando feitas em benefício de todo um povo. Tal como hoje, o Brasil sempre estará às ordens para ajudar em nosso objetivo comum pela busca do desenvolvimento e da redução da pobreza e desigualdade.

Meu caro companheiro Evo Morales,

Meu caro companheiro presidente Chávez,

Para terminar o meu pronunciamento, gostaria de dizer ao companheiro Evo Morales do meu mais profundo sentimento, da minha mais profunda alegria, quando vi o povo boliviano eleger um índio para ser o presidente deste país. Tenho, companheiro Evo Morales, a mesma convicção de que a importância da sua eleição na Bolívia talvez tenha sido muito mais significativa do que a eleição de um metalúrgico para presidir o Brasil.



E por isso, Evo, um índio e um metalúrgico, mais o companheiro Chávez e outros presidentes da América do Sul, não temos o direito de errar, não precisamos aceitar provocações. Nós precisamos governar olhando sempre para a maioria do povo do nosso país, exigindo que todos respeitem as decisões democráticas. Afinal de contas, nós somos resultado de eleições diretas e democráticas.

E queria dizer a você, companheiro Evo, que sobrevoando de Rio Branco até Riberalta, fiquei olhando o quanto é bonita a região, uma região plana, um rio que agora está um pouco seco, até um pouco assoreado, certamente por conta do desmatamento. Mas eu fico imaginando o dia em que o povo desta região tiver condições de transformá-la numa região altamente produtiva, com o fortalecimento da agricultura familiar nesta região. Eu fico imaginando quando a Bolívia tiver diversificado a sua economia. Quem sabe, Evo, possamos construir uma hidrelétrica binacional. Quem sabe, companheiro Evo Morales, poderemos realizar o sonho de construir um pólo gás-químico entre Bolívia e Brasil.

Isso depende, Evo, apenas de nós. Não depende de adversários, não depende de outros países, depende apenas da nossa disposição, de a minha gente trabalhar com a sua gente e produzir os projetos de que necessitamos.

Eu queria, Evo, dizer a você, companheiro, que “hace” 15 dias anunciei, no Brasil, um programa para dobrar a produção agrícola na agricultura familiar. Eu penso também, companheiro Evo, que a sua gente ligada à agricultura familiar precisaria se encontrar com a minha gente ligada à agricultura familiar, e a gente partilhar conhecimentos, partilhar financiamentos, para que a gente possa um dia acordar pela manhã e ver que todos os bolivianos, todos os brasileiros, todos os venezuelanos e todos os latino-americanos, todos os africanos, e todos os pobres do mundo estão tomando café, almoçando e jantando todos os dias, estão indo à escola, estão tendo acesso à cultura, ao



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

lazer. E, aí, todos nós poderemos gritar em alto e bom som: “Finalmente o povo pobre do mundo conquistou a sua cidadania”.

Muito obrigado e boa sorte, companheiros.

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de abertura do Encontro Empresarial Brasil-Colômbia**

Bogotá-Colômbia, 19 de julho de 2008

...para que faça uma nova visita ao Brasil, e que possamos repetir uma reunião como esta, ou maior do que esta, entre empresários colombianos e brasileiros, quem sabe ainda este ano, para que não permitamos que os ânimos dos nossos empresários tenham uma recaída.

Seria extremamente importante, presidente Uribe, para que você pudesse ver de perto os investimentos da Ecopetrol em campos de exploração de petróleo. Em março de 2008, a Ecopetrol assinou seis contratos com a Agência Nacional para atividade de exploração no Brasil. Ela vai explorar próximo à Bacia de Campos, com a Petrobras e a Petrogal; vai explorar no Pará e no Maranhão, com a Petrobras e com a Vale do Rio Doce; e vai explorar na Bacia de Santos com a Petrobras.

Queira Deus que a Ecopetrol tenha a mesma sorte. Como está junto com a Petrobras deve ter a mesma sorte que a Petrobras está tendo, nos últimos dias, de encontrar petróleo e transformar o Brasil num país mais que auto-suficiente em petróleo. Portanto, o convite para que o companheiro Uribe visite o Brasil está feito publicamente, e depois eu o farei pessoalmente, no almoço.

Meus amigos e minhas amigas,

É com grande satisfação que volto a Bogotá e participo da abertura deste Encontro. O comércio entre o Brasil e a Colômbia tem crescido de forma extraordinária nos últimos anos. Aumentou três vezes e meia entre 2002 e 2007, saltando de 750 milhões de dólares para 2 bilhões e 700 milhões de dólares.

O superávit é favorável ao Brasil, o que nos tem levado a trabalhar para



equilibrar os fluxos comerciais. Os resultados já são visíveis: de janeiro a junho deste ano, as exportações colombianas para o Brasil cresceram mais de 140% em relação ao mesmo período de 2007.

Precisamos fazer muito mais. Temos que continuar identificando os produtos colombianos que possam ser exportados para o Brasil, mas que ainda não são conhecidos por nossos importadores e, muito menos, por nossos consumidores. Devemos promover outros encontros, como o de hoje, voltados para a criação de novas oportunidades e parcerias de negócios. Nós, governos, temos de facilitar os contatos e as iniciativas mas, em última análise, o trabalho de peso já está sendo feito pelos empresários colombianos e brasileiros.

Em 2007, as empresas brasileiras investiram aproximadamente 500 milhões de dólares na Colômbia. Os empresários brasileiros despertaram para o potencial econômico, para a diversidade da estrutura produtiva colombiana e para a posição estratégica deste país na região. Petrobras, Vale, Votorantim, Gerdau, Grupo Sinergy, Marcopolo, WEG Motores, Tramontina, Azaléia, Natura, Camargo Correa, Odebrecht, entre outros, são exemplos de empresas que estão apostando no mercado colombiano.

É sempre um orgulho para os brasileiros recordar que foi na Colômbia que a Petrobras iniciou sua trajetória internacional, em 1972. Outras empresas estão chegando, e certamente muitas outras empresas virão investir na Colômbia. A Vale abriu recentemente um escritório na capital colombiana. Um empresário brasileiro já administra a empresa de aviação da Colômbia. A Nova Varig restabeleceu seus vôos diários São Paulo-Bogotá.

Ao investirem na Colômbia, essas empresas contribuem para criar empregos, transferir tecnologia e aumentar a competitividade da economia colombiana. Cria-se, então, um círculo virtuoso. Investimentos atraem investimentos, que atraem mais investimentos. Aumentam as perspectivas de crescimento e equilíbrio do fluxo comercial entre a Colômbia e o Brasil. Nossas



cadeias produtivas ficam mais integradas e complementares.

Nosso grau de desenvolvimento semelhante torna os investimentos atraentes nos dois sentidos. A parceria do Brasil e Colômbia na área econômica e comercial vai muito além do âmbito bilateral. Estamos empenhados na criação de uma nova geografia econômica e comercial global mais igualitária nas negociações da Rodada de Doha da OMC. Trabalhamos juntos no G-20. Sabemos que o êxito da Rodada é fundamental para os países em desenvolvimento e para evitar uma recaída protecionista por parte de alguns de alguns países desenvolvidos.

Avançamos no processo de liberalização de barreiras tarifárias e não-tarifárias entre o Mercosul e a Colômbia, que tanto contribuiu para o aumento das trocas comerciais. Queremos superar os gargalos que impedem o pleno desenvolvimento e a vinculação entre nossas economias. Precisamos de mais estradas, aproveitar melhor nossos recursos energéticos e ter mais recursos financeiros para concretizar projetos necessários.

Por isso, juntamos nossos esforços na Unasul para levar adiante obras de infra-estrutura prioritárias para os nossos países. No caso da Colômbia, o Brasil financia integralmente a participação de suas empresas na construção da ferrovia do Carare, para transporte de carvão de alta qualidade.

Meus amigos e minhas amigas,

O mundo está testemunhando forte elevação dos preços do petróleo. Trata-se de um dos mais graves desafios do momento, por seu impacto inflacionário. Nossos países estão bem posicionados a enfrentá-lo graças ao uso de fontes alternativas de energia.

O Brasil, a despeito de sua auto-suficiência em petróleo e das grandes reservas que acaba de descobrir, quer cooperar como parceiro, com a Colômbia, na área dos biocombustíveis. Nossos países têm grande potencial nessa área e podem mostrar ao mundo, com exemplos práticos, as muitas vantagens desses combustíveis limpos e renováveis. Podemos provar seu



potencial de geração de renda e de empregos, de redução da dependência em relação a combustíveis fósseis, mais caros e poluentes. Podemos mostrar a contribuição que dão para reduzir as emissões de gás carbônico e diminuir os efeitos do aquecimento global.

Em novembro, o Brasil organizará, em São Paulo, uma conferência internacional sobre biocombustíveis. Já tive a satisfação de saber que a Colômbia confirmou sua presença em nível ministerial.

Meus amigos e minhas amigas,

Temos todas as condições para aproveitar o imenso potencial ainda inexplorado nas relações entre as nossas economias. Para tanto, os empresários brasileiros precisam tornar-se, cada vez mais, sócios da Colômbia e os empresários colombianos, cada vez mais, sócios do Brasil. Venho aqui para reafirmar que o governo brasileiro fará tudo ao seu alcance para facilitar o vosso trabalho e ajudar no que for possível.

Meu caro companheiro Uribe,

Meus caros companheiros empresários,

Eu falei um pouco com a formalidade que a função de Presidente exige, e agora vou falar um pouco do que meu coração sente, nesta relação Brasil e Colômbia.

Primeiro, companheiro Uribe, quero deixar de público, aqui, o apreço que o meu país tem pela Colômbia e o apreço que o presidente do Brasil tem pela figura do presidente Uribe.

Eu aprendi, ao longo da minha experiência política, que entre relações de Estado não pode existir viés ideológico. Não se trata de uma relação pessoal entre o presidente Lula e o presidente Uribe. Trata-se de uma relação que deve ser definitiva entre o Estado brasileiro e o Estado colombiano, que perpassa os mandatos dos presidentes porque os tratados e os acordos não são feitos para os presidentes, apesar de serem feitos por eles. São feitos para o povo dos países que representamos, e o povo de cada país é, eu diria,



infinito.

Quero dizer para você, meu caro amigo Presidente, que eu não apenas acredito na integração da América do Sul. Eu trabalho 24 horas por dia para que possamos quebrar todas as barreiras existentes entre nós, todos os preconceitos culturais e históricos, todas as divergências que muitas vezes foram criadas entre os diferentes países da América do Sul e da América Latina.

E falo isso pelo Brasil, para não falar dos outros países. Durante muito tempo, o meu país esteve de costas para a América do Sul, esteve de costas para a América Latina, e estávamos olhando muito o mercado norte-americano e o mercado europeu.

Lembro-me como se fosse hoje, companheiro Uribe, do dia 25 de janeiro de 2003, quando numa viagem para participar do encontro de Davos, eu disse ao meu companheiro Celso Amorim que era preciso fazer uma inversão na lógica comercial do mundo a partir de uma inflexão que os países da América do Sul tinham que fazer.

Não que nós devêssemos diminuir as nossas relações com os parceiros americanos ou com os parceiros europeus. O Brasil não vai abrir mão da sua boa relação com os Estados Unidos e com a União Européia, e jamais o Brasil pedirá para que algum país não tenha uma boa relação com os Estados Unidos e com a União Européia. Cada país tem o direito de fazer o acordo que bem entender, até porque isso é uma decisão soberana de cada país.

Mas não é justo que nós não tenhamos o esforço, ou que não façamos o esforço para descobrir entre nós os nichos de oportunidade que podem favorecer as economias de todos os países da América do Sul, que podem favorecer o crescimento econômico dos países da América do Sul, que podem fortalecer os empresários dos países da América do Sul, e falando aqui da Colômbia, que pode fortalecer os empresários colombianos e os empresários brasileiros.



Eu – e os empresários brasileiros que estão aqui sabem disso – tenho dito, alto e bom som, que a boa política comercial é como se fosse uma rodovia de duas mãos: a gente tem que vender, mas a gente tem que comprar, porque não é prudente, do ponto de vista das relações comerciais, um país ter um forte superávit comercial em relação a outro país. O equilíbrio é que permite que essas relações sejam duradouras e sejam quase eternas.

Às vezes eu me pergunto, presidente Uribe: por que quando Deus fez o mundo e distribuiu os continentes, colocou-nos tão perto um do outro, grudados umbilicalmente, como se fôssemos gêmeos? Mil e seiscentos quilômetros de fronteira. Possivelmente, nós temos de fronteira mais quilômetros do que muitos países têm, na totalidade, de território. E por que durante muito tempo nós não aproveitamos essa oportunidade geográfica que Deus nos deu quando fez o mundo? É porque, historicamente, nós nascemos desconfiando de nós mesmos. De um lado, os espanhóis, de outro lado os portugueses, cada um querendo dividir o continente e cada um jogando desconfiança contra o outro. Alguns presidentes de países da América do Sul com quem eu conversava no começo do mandato, diziam para mim: “Nós fomos, praticamente, educados a ter medo do imperialismo brasileiro”.

O incompreensível para mim é como é que um empresário sul-americano tem medo do imperialismo brasileiro e não tem medo do imperialismo americano, do imperialismo, eu diria, europeu, ou de qualquer outro imperialismo? É porque por detrás disso estava colocada também uma divergência geopolítica, uma divergência, eu diria, até na esfera militar, que durante tanto tempo nos colocou de sobreaviso contra o outro.

Eu penso que o mundo hoje exige que não exista pequenez política entre os iguais, e nós precisamos procurar novos parceiros em todos os lugares do mundo, porque precisamos diversificar, quanto mais melhor, as nossas relações comerciais, para que não fiquemos dependentes apenas de um único parceiro. Quanto mais parceiros, menos nós sofreremos os efeitos de



crises, como sofremos na década de 90, com a crise asiática.

Pois bem, nós agora estamos, em Genebra, negociando a Rodada de Doha da OMC, e o jogo está muito claro: de um lado, países como Colômbia e Brasil, que fazem parte do G-20, estão a exigir que não apenas a Europa diminua os subsídios agrícolas, como flexibilize o seu mercado agrícola para os países mais pobres e os países em desenvolvimento. Queremos que os Estados Unidos diminuam os seus subsídios, e queremos que diminuam muito. Embora na Rodada do Uruguai, me parece que os Estados Unidos tinham permissão de um subsídio de 40 bilhões de dólares, eles hoje estão praticando 8, mas discute-se que eles querem manter o subsídio de 13. É uma coisa quase que incompreensível alguém que pratica 8 querer diminuir, voltando para 13. Mas, ao mesmo tempo, nós temos que saber que se os alimentos voltam a ter uma subida no mercado internacional, cada país vai ter que fazer um rearranjo interno.

E eles estão a exigir de nós, presidente Uribe, que flexibilizemos nos produtos industriais. Nós estamos dispostos a flexibilizar, sabendo que existe diferença entre os países da América do Sul e os países do G-20, mas sabendo também que a nossa flexibilização não pode colocar em risco a possibilidade de desenvolvimento industrial que nós temos agora. Queremos negociar, mas não queremos impedir que os nossos países tenham a chance de se desenvolver, no século XXI, como os outros países fizeram no século XX.

Eu estou esperançoso. Possivelmente eu seja o mais otimista dos presidentes que estão negociando, e vou continuar otimista até terminar este mês, para saber se foi possível ou não fazer um acordo que possa permitir que os países pobres tenham uma chance melhor no comércio internacional. Até porque agora nós estamos vivendo um outro problema: o problema da imigração. Nós estamos vendo, pela imprensa, leis sendo aprovadas no Parlamento europeu, e em alguns países individualmente, criando cada vez



mais dificuldades para o trânsito de latino-americanos e de africanos. É como se aqui na Colômbia ou no Brasil, uma família, por ter ficado melhor de vida, não quisesse mais receber os seus parentes pobres.

Temos como exemplo o tratamento que nós, latino-americanos, colombianos, brasileiros, demos aos migrantes de outros países. Nós os recebemos com alma, eles fazem parte de nosso país, ajudaram a construir o nosso país. A única coisa que queremos exigir é que o tratamento aos nossos irmãos seja o mesmo que nós demos a eles quando vieram para cá, não-ricos. Vieram pobres porque, no começo do século passado, eles eram tão pobres como muitos países hoje, ainda, na América do Sul.

Outro assunto importante, presidente Uribe, que está a exigir de nós uma decisão urgente, é a questão do preço do petróleo, do preço dos alimentos e da volta da inflação. Na reunião do G-8 que eu participei, em Hokkaido, no Japão, eu disse aos presidentes, ao presidente do Banco Mundial, ao secretário-geral das Nações Unidas e ao presidente do FMI que estava na hora de essas reuniões, em que participam presidentes de países muito importantes, que esses organismos multilaterais prestassem contas à humanidade sobre o aumento do preço do petróleo, qual a explicação. Antes tinha uma explicação simplista que dizia: é o aumento de consumo da China. Mas agora nós sabemos que existe a mesma quantidade de barris de petróleo na exploração do mercado futuro e no consumo da China.

A mesma coisa está acontecendo com os alimentos. Por que os alimentos subiram tanto? Ninguém quer discutir os efeitos do preço do petróleo nos alimentos. No Brasil, por exemplo, o petróleo tem uma incidência de 30% no custo da agricultura brasileira, e isso porque nós somos auto-suficientes. Eu fico imaginando os países que não o são, porque tem incidência nos fertilizantes, no frete e na energia.

Da mesma forma que ninguém quer discutir hoje a exploração, no mercado futuro também, de alimentos. No Brasil, nós temos empresários



vendendo hoje o milho que vão plantar em 2010, ou seja, nem sabem se vão plantar, mas já está vendido, já fez *hedge*. Obviamente que o preço futuro vai sendo colocado no preço presente, e quem paga por isso, normalmente, é a parte mais pobre da população porque a inflação bate muito mais pesado nas camadas mais pobres de cada país.

Esse é um desafio, presidente Uribe. Quando a inflação é mundial, não tem solução caseira. Quando a inflação é de commodity, não tem solução nacional. É preciso que se encontrem medidas globais para resolver um problema global.

No Brasil, nós tomamos algumas medidas: vamos intensificar a produção agrícola; vamos dobrar, até 2010, um programa muito forte para a agricultura familiar; fizemos um programa de financiamento de 60 mil tratores, até 2010, para a agricultura familiar; e queremos ver se não sofreremos o problema dos alimentos.

Mas é preciso saber se são apenas os alimentos que são commodities, que estão subindo. Na verdade, tem um monte de ingredientes que nós não podemos perder de vista, que eu acho que é um fenômeno também aqui, na Colômbia, e é no Brasil: os pobres do nosso país começaram a comer, começaram a ter acesso a alimentos. No Brasil, presidente Uribe, na região mais pobre do Brasil, que é o Nordeste brasileiro, a desnutrição infantil teve uma queda de 74%. Isso significa que o povo está comendo mais pão, mais leite, mais arroz, mais carne. E nós não temos o direito de permitir que, por conta de especulação financeira – eu diria, especulação global –, o sonho de crescimento da Colômbia, que o sonho de crescimento do Brasil, que o sonho de crescimento da Argentina e dos países que sofreram grandes revezes nas últimas três décadas... que esses países tenham o seu crescimento impedido porque algum país rico, alguns bancos, ou alguns países resolveram fazer da sua economia um verdadeiro cassino, como foi o caso do *subprime* nos Estados Unidos.



Os países ricos não têm o direito de jogar nas costas dos países mais pobres o pagamento de uma conta que nós não fizemos. Portanto, não poderemos ver truncar a possibilidade de crescimento que o nosso país tem.

Neste momento, Uribe, eu tenho pedido aos meus companheiros da área econômica: neste momento não tem medida mágica. O consumo no Brasil, no comércio varejista, cresceu 10,2% este ano, no primeiro semestre, se comparado ao ano passado. O consumo da população, da família, está crescendo muito. Eu fico feliz, e acho prazeroso quando vejo que as famílias estão podendo consumir mais comida, mais roupa, mais sapato e, no caso do Brasil, até mais carro. A indústria automobilística que está no Brasil desde 1956, nunca teve a situação privilegiada que tem hoje. Nunca se vendeu tanto carro no Brasil e nunca se gerou tanto emprego também, naquele país. E nós não queremos perder essa oportunidade.

Tivemos sorte, presidente Uribe, de encontrar petróleo. Eu disse noutro dia que Deus, numa viagem pela América do Sul, acho que deu uma parada no Brasil e permitiu que nós pudéssemos encontrar, a 6 ou 7 mil metros de profundidade, uma grande reserva de petróleo que vai colocar o Brasil entre os grandes países produtores de petróleo do mundo. Nós já tomamos uma decisão: não queremos ser exportadores de óleo cru, queremos exportar derivados de petróleo.

Por isso, já tomamos a decisão de construir uma refinaria no estado do Maranhão, de 600 mil barris/dia, para produzir gasolina *premium* e exportar para os países que quiserem comprar gasolina de melhor qualidade. Da mesma forma que vamos fazer outra, de 300 mil barris, no estado do Ceará. Um investimento de 19 bilhões de dólares, a de 600 mil barris/dia, e a outra com um investimento de 11 bilhões de dólares, para que a gente possa fazer desse petróleo uma forma de melhorar a vida da parte pobre da população que não teve chance no País durante tantas e tantas décadas.

Ao mesmo tempo, nós estamos trabalhando para conter a inflação. Eu



tenho dito aos meus ministros que a única coisa que não pode acontecer, num momento como este, é alguém ficar nervoso e tomar medidas precipitadas.

Eu vou repetir uma coisa que tenho dito ao longo do meu mandato: em momentos de crise, a palavra mágica é paciência, para tomar as decisões corretas, na hora certa, pensadas e repensadas, ouvindo muita gente. Se nós permitirmos que a inflação volte, certamente estaremos colocando quase um muro na possibilidade de os pobres do nosso continente conquistarem a sua cidadania.

Por último, quero dizer ao presidente Uribe que quando eu penso no crescimento do Brasil, quando penso no crescimento da política de biocombustíveis, quando penso no crescimento da política e da indústria petroleira no Brasil... O Brasil, por exemplo, Uribe, vai ter que contratar 38 plataformas. Quem trabalha com plataformas, aqui, sabe que cada plataforma... Num primeiro momento vamos ter que contratar sondas e são quase 700 milhões de dólares cada sonda. O Brasil, depois, vai precisar de muitas plataformas. O Brasil precisa construir 200 navios de apoio de petroleiros até 2014, 2016, e nós queremos partilhar esse crescimento do Brasil com os nossos parceiros vizinhos.

Por isso é importante o encontro dos nossos empresários. Ao montar uma fábrica num determinado local, é preciso que uma parte do componente seja construída em outro país, porque não interessa a um país como o Brasil ou como a Colômbia ser rico, tendo em volta de si países mais pobres. É importante que a gente cresça juntos, que as oportunidades sejam iguais, que os nossos trabalhadores tenham a mesma oportunidade de mercado de trabalho.

Somente com uma visão integradora da América do Sul, sem barreiras, sem fronteiras, respeitando a soberania de cada país, é que nós poderemos construir esse novo marco de desenvolvimento do nosso continente.

Eu estou convencido de que nós não temos o direito de permitir que



nenhum problema interno em cada país – e todos nós temos muitos – impeça a nossa visão de integração, a nossa visão de investimentos mútuos entre os nossos países e os nossos empresários.

Quero terminar dizendo ao presidente Uribe: eu tenho mais dois anos e seis meses de mandato. Graças a Deus, estamos fazendo no segundo mandato muito mais do que no primeiro. Estamos mais experientes, temos mais dinheiro, mais solidez na economia, mais controle da máquina pública, mais projetos. Por isso, Uribe, nós lançamos o PAC, e até 2010 são 504 bilhões de reais em obras de infra-estrutura, em ferrovias, em rodovias, em portos, em aeroportos, em saneamento básico e em urbanização de favelas.

Aliás, no Complexo do Alemão, que é uma grande favela, no Rio de Janeiro, o governador veio copiar o trabalho que vocês fizeram num bairro aqui, com teleférico e tudo, e o governo federal está financiando para que lá no Complexo do Alemão a gente faça mais ou menos o mesmo modelo. Já começamos as obras, vai ter teleférico, vai ter biblioteca, vai ter delegacia de polícia, vai ter local de trabalho, vai ter escola profissional. Nós queremos que o Estado brasileiro, que é o responsável pela criação desses núcleos de miséria e também de abandono, combata a violência não apenas com a polícia, mas com a presença do Estado lá dentro, levando energia, água, lazer, cultura, educação, e também segurança.

Eu digo, Uribe, que no Brasil nós estamos fazendo um processo de reparação. Quando eu chego numa favela, no Brasil, e fico sabendo que há 40 anos aquilo era uma fazenda, uma grande fazenda, eu fico imaginando a irresponsabilidade daqueles que permitiram, nos últimos 50 anos, a construção da quantidade de favelas que nós tivemos e temos no Brasil.

Poder-se-ia dizer que é um problema econômico. Poder-se-ia dizer que é falta de crescimento. Mas, certamente, entre todas as hipóteses que nós fizemos tem uma: é o desprezo e o desleixo de uma parte da elite política do meu país que, historicamente, não levou em conta as questões sociais, não



levou em conta o enfrentamento dos problemas que nós poderíamos ter resolvido no nascedouro.

Portanto, estou feliz com esta vinda minha aqui, Uribe. Feliz por dizer ao Brasil, à Colômbia, à América do Sul que não existe nada, absolutamente nada – a não ser uma decisão soberana da Colômbia, a não ser que ela não queira – que vá impedir que Brasil e Colômbia se transformem em dois grandes parceiros, com boas relações políticas, com boas relações comerciais e, eu diria, com boas relações...

(\$211B)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de assinatura de atos e declaração à imprensa**

Bogotá-Colômbia, 19 de julho de 2008

Excelentíssimo senhor Álvaro Uribe Vélez, presidente da República da Colômbia,

Senhores ministros e ministras da Colômbia,

Senhores ministros do Brasil, membros da minha delegação,

Empresários brasileiros,

Empresários e empresárias colombianos,

Imprensa brasileira e imprensa colombiana,

Não é necessário afirmar aqui o prazer e a alegria de mais uma vez estar na Colômbia e mais uma vez participar da assinatura de protocolos e de acordos que vão dando uma nova dinâmica na relação política, cultural, econômica e comercial entre a Colômbia e o Brasil.

Não foi à toa que Deus, quando fez o mundo e a América do Sul, nos colocou com 1.600 quilômetros de fronteira, possivelmente para chamar os governantes da América do Sul, do Brasil e da Colômbia a refletirem sobre a necessidade de fazer com que as nossas relações sejam mais ousadas, sejam mais fortes e sejam prioritárias.

Colômbia e Brasil e todos os demais países da América do Sul, durante séculos, estiveram com seus olhos voltados para os chamados blocos ricos do mundo, ora para os Estados Unidos, ora para a União Européia. Tanto a Colômbia quanto o Brasil têm consciência do que significa a nossa relação comercial com os Estados Unidos, tanto a Colômbia quanto o Brasil sabem o que significa a nossa relação com a União Européia, até porque são os dois blocos mais ricos do mundo e, portanto, são os dois blocos que têm mais



condições de comprar parte dos produtos que nós produzimos aqui em nossos países.

Entretanto, depois que o mundo se globalizou, que as distâncias ficaram menores e que a liberdade do capital transita pelos países sem necessidade de passaporte ou de revista na alfândega de cada país, os homens, as mulheres, as empresas e os interesses comerciais também começam a transitar com mais liberdade pelo nosso continente.

Eu lembro, presidente Uribe, em 2003, quando tomei a decisão de que nós iríamos priorizar as nossas relações com a América do Sul, alguns ficaram assustados, outros ficaram incrédulos: “Como é que o Brasil iria priorizar a América do Sul, a começar fortalecendo o Mercosul, e deixar de lado os Estados Unidos e a União Européia?” Nós não só reforçamos a nossa relação com os Estados Unidos e com a União Européia, porque a nossa balança comercial cresce, em todo esse tempo, a uma taxa média de 20%, mas certamente a nossa balança comercial cresceu muito mais com os países da América do Sul e da América Latina, com os países da África, com os países do Oriente Médio e com os países asiáticos.

Nós, que tínhamos uma relação comercial mais ou menos dividida – 30% com os Estados Unidos, 30% com a União Européia e mais ou menos 26%, 30% aqui na América do Sul –, hoje temos apenas 15% da nossa balança comercial com os Estados Unidos, acho que 20 e poucos por cento com a União Européia, e a maioria da nossa balança comercial hoje é com a nossa querida América do Sul e com a América Latina.

Isso demonstra que nós temos um nicho de oportunidades na relação Colômbia-Brasil ainda não descoberto pelos nossos empresários colombianos e pelos nossos empresários brasileiros.

É preciso que encontros como este que tivemos aqui hoje se repitam com outros países e com a Colômbia muitas outras vezes. Já convidei o presidente Uribe para visitar o Brasil, também com uma delegação de



empresários, para que possamos repetir no Brasil o mesmo encontro que tivemos aqui, para que os brasileiros que querem vender aprendam a comprar, e para que os colombianos que querem comprar aprendam a vender, para que a gente possa harmonizar a nossa balança comercial e que haja um equilíbrio. Essa relação comercial é saudável quando as duas correntes são equilibradas. O comércio entre duas nações é uma rodovia de duas mãos: temos que comprar, temos que vender e tem que ter uma certa igualdade.

Nós sabemos que o Brasil tem um superávit muito expressivo na sua balança comercial com a Colômbia. É por isso que no ano passado as empresas brasileiras mais importantes – algumas delas aqui –, empresas de ônibus, empresas como a Vale do Rio Doce, como a Petrobras, investiram na Colômbia aproximadamente 500 milhões de dólares. E posso, na frente da imprensa, na frente do meu governo e do governo do presidente Uribe, dizer que haverá muito mais investimentos de empresários brasileiros na Colômbia, porque nós não queremos apenas uma Colômbia rica e os outros pobres, e muito menos um Brasil rico e os outros pobres. Nós precisamos crescer de forma mais igualitária, mais equânime, para que a gente possa reparar as injustiças sociais que foram cometidas com este continente ao longo de séculos e séculos.

Por isso, presidente Uribe, quando vejo os meus ministros assinarem acordos com os seus ministros na área da defesa, na área da indústria aérea, na área do aprendizado profissional, na área da agricultura, eu fico imaginando o potencial de coisas que temos para fazer juntos, e que nem Uribe e nem eu poderemos nos contentar com um fluxo na balança comercial de apenas 2 bilhões e meio de dólares. Quarenta e três milhões de colombianos e 190 milhões de brasileiros podem ter um fluxo comercial de 6, 7, 8, 9, 10 bilhões de dólares.

É para isso que nós dois precisamos ser uma espécie de indutores, de animadores, para que os nossos empresários se conheçam, para que



descubram novas oportunidades e para que façam investimentos que tanto o povo colombiano quanto o povo brasileiro esperam que sejam feitos.

Eu acredito, presidente Uribe, na integração quase como uma profissão de fé, porque nós estamos todos interligados. Se nós construirmos as ferrovias que precisam ser construídas, se nós construirmos as estradas que precisam ser construídas, se nós cuidarmos da integração energética, este continente aqui se transformará num pólo de atração de investimentos como poucas vezes um continente recebeu.

Eu digo todo dia para a minha consciência que o século XXI precisa ser o século da América do Sul, precisa ser o século da América Latina. Nós estamos vivendo um dos melhores momentos históricos e econômicos deste continente, a democracia está se consolidando a cada dia que passa, as instituições estão se fortalecendo a cada dia que passa, a economia de todos os países está crescendo, a agricultura está crescendo, o PIB de cada país está crescendo, a distribuição de renda está crescendo, a inserção de jovens nas universidades está crescendo. Portanto, nós não queremos parar este ritmo e, para não pararmos este ritmo, é preciso mais investimento, mais ousadia e mais coragem.

Por isso, quando regressar ao Brasil, amanhã, depois de passar o dia com o presidente Uribe em Letícia, eu regresso com a convicção de que demos um passo extremamente importante para que a gente transforme a América do Sul numa região altamente desenvolvida, numa região próspera, numa região democrática e numa região onde a cidadania seja plena, garantindo a todos o direito de tomar café da manhã, de almoçar, de jantar, de morar, de ter acesso à escola, ao lazer e à cultura.

É por isso que saio feliz, presidente Uribe, e espero recebê-lo brevemente no Brasil para repetir este encontro extraordinário que os nossos empresários fizeram aqui.

Muito obrigado.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

(\$211B)



**Saudação do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no dia da
celebração da Data Nacional da Colômbia**

Letícia – Colômbia, 20 de julho de 2008

Meu querido companheiro Uribe, presidente da Colômbia,
Meu querido companheiro Alan García, presidente do Peru,
Shakira, Carlos,
Esposa do companheiro Uribe

Companheiros, uma só palavra. Tem um poeta brasileiro que uma vez escreveu uma frase muito bonita sobre a liberdade. Ele gritava: “Liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós. Liberdade, liberdade, abre as asas sobre nós”.

Liberdade para todos.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura dos decretos de infrações e segurança ambiental Ibama – Taguatinga-DF, 22 de julho de 2008

Estou com inveja da força da nossa companheira que está apresentando aí. Na próxima campanha, vou convidá-la.

Paulo Octávio, você sabe que o Torto, a Granja do Torto, é como se fosse um corredor de tucanos. Você sabe que quando estou lá no Torto, domingo à tarde, passam dezenas e dezenas de tucanos, acho que vêm daqui do Parque Nacional. Eu sei que passam lá, param nos coqueiros, fazem um barulhinho, comem alguns dos pássaros novos que estão lá e depois vão embora. Mas, de qualquer forma, é muito bonito ver os tucanos. E que bico grande, hein?

Este ato poderia ter sido feito lá no meu gabinete, poderia ter sido feito lá no Palácio do Planalto. Por que foi importante o companheiro Minc decidir vir aqui? Primeiro, para a gente fazer a inauguração formal desta reserva. Segundo, para a gente ver com os próprios olhos o tipo de animal irracional que prejudica os animais ditos “irracionais”.

Se um cidadão brasileiro quer ganhar algum dinheiro vendendo papagaio, vendendo arara, vendendo ouriço, que tinha aí, vendendo aqueles macaquinhos pequenininhos, vendendo qualquer passarinho, ele ganharia muito mais se os europeus que compram isso viessem visitar o Brasil e conhecer o Pantanal, conhecer a Amazônia, conhecer o cerrado. Eles iriam ganhar muito mais dinheiro, quem sabe, sendo agentes de turismo do que sendo predadores da natureza.

Eu falo isso, Minc, porque eu tenho na minha casa alguns animais que o Ibama solta lá no Torto, ou no Alvorada, tem arara que não recupera nunca mais a asa, está totalmente atrofiada. Nós damos uma árvore de presente para



ela e ela toma conta, botamos comida todo dia. Mas não precisava ser assim, elas poderiam estar voando e nós iríamos visitá-las onde elas estivessem.

Eu quero cumprimentar o Paulo Octávio, o Minc, o nosso Roberto Messias, a Silvana Canuto. Quero cumprimentar os companheiros que vieram aqui participar deste ato inaugural do nosso Centro de Triagem de Animais.

Quero dizer para vocês que as medidas que apresentamos hoje demonstram o grau de maturidade alcançado por nossas políticas ambientais, em especial no combate ao desmatamento, que se somam a uma sólida base de defesa de nossos patrimônios naturais que a nação brasileira vem construindo há muito tempo.

Estou falando de uma forte experiência na geração de soluções tecnológicas sustentáveis e de um conjunto de instituições e organizações que sabem promover o desenvolvimento com preservação ambiental. E falo, sobretudo, de algo que nos singulariza no cenário mundial: a maturidade da consciência ecológica brasileira.

A postura ativa e militante na defesa do meio ambiente não pertence mais a grupos isolados. É, sim, uma agenda obrigatória de todas as forças engajadas no crescimento do nosso País. É sob esse pano de fundo que têm se dado todas as iniciativas que adotamos nos últimos anos: do Plano Amazônia Sustentável à produção do biocombustível; da homologação de terras indígenas e unidades de conservação às novas regras para a gestão de florestas públicas.

Da mesma forma, é com esse espírito que instituímos hoje o Programa de Segurança Ambiental, que tem na articulação dos esforços federativos e no aproveitamento das experiências dos recursos humanos dois de seus eixos de sustentação. Por meio de convênios e acordos de cooperação com os estados, vamos repassar recursos federais e fortalecer a atuação efetiva na prevenção e combate aos crimes ambientais.

Aqui é importante destacar, governador e companheiros secretários e



ativistas do meio ambiente deste País, é preciso salientar que ou o governo federal se reeduca para fazer parcerias com os seus entes federados, com prefeitos e com estados, ou é humanamente impossível achar que daqui de Brasília, detrás de uma mesa, a gente consiga fazer as coisas acontecerem no que diz respeito à preservação ambiental. Ou você compromete o prefeito de uma cidade a proteger a floresta, a proteger e manter a água limpa, a proteger a nossa fauna, ou vão estragar. Quando o governo federal souber, será por uma notícia de jornal, ou seja, “Inês é morta”.

Penso que essa parceria, Minc, é uma coisa extremamente importante. Utilizar as pessoas do local para tomarem conta, os bombeiros, a guarda florestal... Fica muito mais fácil se as organizações dos estados e dos municípios contratarem gente que conhece o local para tomar conta do que, de vez em quando, ter que chegar alguém de um estado para fiscalizar o outro. Meus parabéns pela idéia inovadora.

Estou certo de que nós teremos sucesso nessa nova parceria. Praticamente 16 estados já concordaram, o que é uma coisa extremamente saudável. Não existe mais aquele medo de os estados fazerem convênios com o governo federal, não existe mais medo de o governo federal fazer convênios com os governos estaduais e com os prefeitos. Antigamente tinha uma teoria neste país que o governo federal não passava dinheiro para os estados e para os municípios porque tinha medo que o dinheiro fosse utilizado na política contra o próprio governo federal. Uma atitude pequena porque, na verdade, é muito melhor fazer o convênio, fiscalizar, participar e saber que as coisas vão acontecer.

Quando nós criamos o Bolsa Família, tínhamos uma discussão dentro do governo: vamos fazer direto com as comunidades ou com a prefeitura? Tinha gente que dizia: “Não dá para fazer com o prefeito. Passar dinheiro para a mão do prefeito não vai ser legal. Vamos fazer com a comunidade”. Nós conseguimos convencer as pessoas de que tínhamos que respeitar o poder



local, que é a prefeitura. Se o prefeito não é bom, tem que criar mecanismos de fiscalização para as coisas acontecerem. O que não pode é o governo federal passar por cima do prefeito, Chico Vigilante, e achar que pode mandar um burocrata de Brasília para cadastrar pessoas que somente o prefeito conhece. Isso é a boa cumplicidade.

Por isso, um programa como este, Minc, tende a dar certo. A Marina dizia: “O importante não é a gente proibir de fazer, é a gente dizer como é possível fazer as coisas corretamente”. Sobretudo hoje... Eu não vou mais falar dos decretos porque você e o Messias já falaram. Uma coisa extremamente importante que as pessoas têm que compreender, Minc – e é um processo educativo tanto para uma criança que está na escola quanto para um empresário exportador –, é que a preservação e o cuidado com o meio ambiente hoje se transformam numa vantagem comparativa para o Brasil.

Se não cuidarmos, isso vai se virar contra nós. Daqui a pouco tem suecos, holandeses, alemães, italianos dizendo: “Não comprem soja do Brasil porque vem da Amazônia, não comprem biodiesel do Brasil porque vem da Amazônia, não comprem carros do Brasil porque vêm da Amazônia”. Nós mesmos estamos dando um tiro no nosso pé.

Com o Decreto, todo mundo vai ter o direito e a obrigação de agir corretamente. Quem fizer isso, vai poder fazer seus negócios até com madeira. Agora, quem for picareta e achar que pode enganar todo mundo durante todo o tempo, nós temos que dar uma bordoadada. E não tem bordoadada melhor do que muitas pesadas, além de apreender as coisas e vender, senão não controla. Tem gente que desmata sem necessidade, porque poderia fazer a coisa correta, pedir autorização, demarcar a área correta. Tem gente que desmata porque quer desmatar, porque tem uma consciência predadora.

Então, eu quero te dar parabéns, Minc, porque eu acho que o País precisa agir com mais seriedade nessa questão ambiental. Nós já temos todas as leis, todos os decretos, todas as portarias. Nós já temos tudo, agora é



preciso que as pessoas aprendam. Estão lembrados do trabalho que a gente tinha para dizer: “Gente, não beba, e se beber não dirija”? Estão lembrados? Quanto mais a gente falava... É como criança pequenininha, quanto mais a gente fala “não faz”, faz.

Agora fizemos a “lei seca”, está aprovada. Graças a Deus, as pessoas estão se dando conta... Esses dias eu vi na televisão, mostraram um cidadão, acho que lá em Minas Gerais, bêbado, que correu da polícia, foi para casa, vestiu o pijama, e abriu a porta para atender a polícia. Aí a mulher levantou e falou: “Não, ele chegou bêbado agora mesmo, não estava dormindo, não”. Eu achei fantástico, porque o cara entrou para dormir, para enganar a polícia. A mulher saiu com ele e disse: “Não, ele chegou bêbado agora”.

Ontem, não sei se vocês viram, tinha um outro na televisão enrolando a língua e dizendo que não estava bêbado. Mandaram fazer um “quatro”, ele quase fez um “oito”... Se não for assim, as pessoas não respeitam, esse é o dado concreto.

Por isso, Minc, eu acho que nós temos que ser bastante coerentes, nós temos que ser acessíveis para facilitar a vida das pessoas que querem fazer as coisas corretamente. E temos que ser muito duros com aqueles que acham que são melhores do que os outros e podem viver na clandestinidade, na ilegalidade. Por isso, parabéns.

E a você, Canuto, minha querida, espero que um dia isso aqui seja aberto à visitação, que esses animaizinhos possam ser soltos aí, e que este parque possa ganhar dinheiro cobrando uma taxa de ingresso das pessoas que possam, no final de semana, vir passear aqui e ver esses bichos soltos procriando e fazendo todos nós um pouco mais humanistas e ambientalistas.

Um abraço e parabéns, companheiro Minc.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante almoço oferecido ao primeiro-ministro de Trinidad e Tobago, Patrick Manning

Palácio Itamaraty, 23 de julho de 2008

Excelentíssimo senhor Patrick Manning, primeiro-ministro da República de Trinidad e Tobago,

Meu caro amigo, embaixador Samuel Pinheiro,

Senador Cristovam Buarque,

Senador Valdir Raupp,

Senhoras e senhores integrantes da delegação de Trinidad e Tobago,

Meus amigos e minhas amigas,

A primeira visita de um chefe de Governo de Trinidad e Tobago a meu País preenche uma lacuna nas relações diplomáticas do Brasil. Por sua proximidade, Trinidad e Tobago é quase um país sul-americano e, portanto, um parceiro natural e estratégico.

A presença aqui do primeiro-ministro Manning abre um novo capítulo nas relações entre nós. A cooperação e o diálogo têm marcado nossa convergência nos foros internacionais. Compartilhamos valores, como a solução pacífica das controvérsias e o repúdio ao uso da força na relação entre Estados.

Estou convencido de que Trinidad e Tobago tem papel decisivo nos esforços de meu governo em aprofundar nosso diálogo com o Caribe. Por sua pujança econômica, industrialização e potencial energético, seu país é hoje um parceiro indispensável para a região e para o Brasil.

Trinidad e Tobago tornou-se o principal parceiro comercial do Brasil no Caribe. E o Brasil passou a ser o segundo maior fornecedor de mercadorias



para Trinidad e Tobago. Nosso intercâmbio ultrapassou os 800 milhões de dólares por ano. Há importantes investimentos brasileiros em seu país. Empresas, como Andrade Gutierrez, Camargo Corrêa, Votorantim e CPQD, já estão atuando em projetos de infra-estrutura no seu país.

A ênfase dada por Vossa Excelência ao combate à pobreza, à educação, à saúde e à habitação, tem permitido avanços nos indicadores de desenvolvimento humano. O projeto "Visão 2020" oferece amplo campo para nossos países trocarem experiências para tornar o crescimento verdadeiramente sustentável.

Com o lançamento do Plano de Aceleração do Crescimento, no Brasil, abrem-se novas oportunidades para parcerias entre nossos governos e setores privados. Recentemente, a firma Pégasus, do Rio de Janeiro, iniciou a importação de asfalto natural, o que ajudará a equilibrar a balança comercial.

Assinamos hoje acordos nas áreas de serviços aéreos e tributação e está sendo finalizado o acordo de cooperação técnica. Mas nenhum setor melhor reflete o potencial de nossa parceira do que o energético. No ano passado, Vossa Excelência manifestou interesse por cooperação bilateral nessa área.

Hoje, dos entendimentos entre a Petrobrás, a Petrotrin e a Companhia de Gás de Trinidad e Tobago, resultou o Memorando de Entendimento para Cooperação na Área Energética. Esse documento possibilitará a importação pelo Brasil de gás natural liquefeito e a cooperação bilateral em toda a cadeia produtiva na área de energia. Com essa nova iniciativa, retomamos e reforçamos nossa cooperação, que vem dos anos 80.

Senhoras e senhores,

A Caricom é um excelente exemplo de como a união faz a força. Atuando de forma unida no hemisfério e no cenário internacional, um conjunto de países faz valer seus interesses e posições.

É o que estamos fazendo, também, no Mercosul e na Unasul.



No último final de semana, visitei Bolívia e Colômbia e me reuni com os presidentes Morales, Chávez, Uribe e García. Tomamos iniciativas concretas para criar maiores oportunidades para o desenvolvimento de nossa região. Na Bolívia, o Brasil confirmou financiamento para a construção de estradas. Na Colômbia, vamos financiar uma ferrovia. E conversamos sobre outras áreas em que iniciativas conjuntas, que vão além de nossas fronteiras nacionais, podem trazer benefícios para todos.

A integração da América do Sul começa a ser uma realidade, baseada na solidariedade e no respeito à soberania nacional e às diferenças.

Mas nosso compromisso não exclui outros parceiros. Acreditamos que essa integração deve estender-se à América Central, ao México e ao Caribe. A integração da América do Sul contribui para a integração latino-americana e caribenha em seu conjunto, para superar a pesada herança de desigualdades, para logarmos um padrão de vida mais digno para nossos irmãos.

Com esse espírito, decidi convidar todos os países da América Latina e do Caribe para uma reunião de Cúpula sobre integração e desenvolvimento, em Salvador, nos dias 16 e 17 de dezembro.

Pela importância estratégica de Trinidad e Tobago na região caribenha, considero fundamental que possamos contar com a presença de Vossa Excelência nessa ocasião. Será uma oportunidade inédita para que a América Latina e o Caribe discutam como melhor coordenar os vários processos de integração de que somos partes.

Esse processo de aproximação regional passa necessariamente pela conclusão de um acordo econômico e comercial entre o Mercosul e a Caricom. Neste segundo semestre de 2008, o Brasil exerce a Presidência *Pro Tempore* do Mercosul. Vamos tomar a iniciativa de propor a realização de reunião técnica entre os dois blocos para acelerar a conclusão das negociações.

Meu caro Primeiro-Ministro,

A V Cúpula das Américas, a realizar-se em 2009, terá como temas



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

chave o desenvolvimento humano, a segurança energética e a sustentabilidade ambiental. A escolha de Trinidad e Tobago para sediar esse importante evento hemisférico é, acima de tudo, um reconhecimento à liderança internacional de seu país.

É com esse país que o Brasil deseja estreitar cada vez mais seus laços de amizade. Com esse espírito de confiança, convido todos a erguer um brinde à sua saúde e à prosperidade de todos os irmãos de Trinidad e Tobago.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de entrega do Prêmio Luiz de Camões 2007 ao escritor António Lobo Antunes

Lisboa-Portugal, 25 de julho de 2008

(falha na gravação)

Senhoras e senhores,

Para um Presidente da República – sempre envolvido com uma pesada carga de problemas políticos e administrativos – é motivo de satisfação poder participar de uma cerimônia como esta, no ano em que comemoramos duas décadas da criação do Prêmio Camões.

Ao longo desses últimos 20 anos, foram premiados destacados autores de Angola, Moçambique, Portugal e Brasil. Esses escritores também tiveram seu talento reconhecido além de suas fronteiras nacionais, e souberam comunicar sentimentos e preocupações comuns a todos aqueles que têm a língua portuguesa como sua.

Hoje nos reunimos para homenagear o trabalho de um notável escritor: o romancista e cronista António Lobo Antunes. Para os brasileiros, Lobo Antunes tem um significado todo especial. Nascido em Lisboa, seu avô era brasileiro, de Belém do Pará. Sua formação foi influenciada pela leitura de clássicos da literatura brasileira, como José de Alencar, Aluísio Azevedo, Machado de Assis e Monteiro Lobato.

Numa entrevista, chegou a declarar-se “meio brasileiro”. Formou-se em Medicina, com especialidade em Psiquiatria. Entre 1970 e 1973, participou da Guerra Colonial Portuguesa em Angola, vivência que inspirou várias de suas obras. Sei que muitos de seus romances retratam a sociedade portuguesa



nesse período de grandes mudanças e perplexidades, um período marcado pelo fim do Estado Novo e pela implantação da democracia em Portugal, mas também pela luta em favor da autodeterminação das ex-colônias portuguesas.

Seus leitores admiram essa complexa trama social e política e a busca pessoal do autoconhecimento e da solidariedade coletiva. Isto seguramente explica por que sua obra é apreciada e lida internacionalmente, havendo merecido estudos acadêmicos em todo o mundo. O Prêmio Camões é mais uma expressão do reconhecimento de sua contribuição à literatura e cultura universais.

Meus parabéns, Lobo Antunes. Sobretudo, nosso agradecimento por sua extraordinária contribuição à nossa língua e à nossa cultura.

Meus amigos, minhas amigas,

A obra de Lobo Antunes mostra o extraordinário potencial da língua portuguesa na projeção dos valores e objetivos de nossa civilização comum. Esta mesma convicção nos traz a Lisboa para participar da sétima Conferência de Chefes de Estado e de Governo da CPLP.

Volto ao Brasil convencido de que estamos avançando em nossos objetivos de fazer da CPLP um ator de relevo na promoção da convivência pacífica e solidária entre povos e crenças. São esses os valores que nossa Comunidade deseja preservar e difundir.

Não hesito em afirmar que esta edição do Prêmio Camões reforça esse objetivo, ao impulsionar as manifestações literárias de nossa tão rica e diversa cultura para que possamos continuar trabalhando juntos em todas as áreas, transformando os laços históricos e afetivos em ações concretas em benefício de nossas sociedades.

Muito obrigado.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da cerimônia de anúncio de investimentos da Embraer em Portugal

Lisboa-Portugal, 26 de julho de 2008

Estimado amigo e companheiro, primeiro-ministro da República portuguesa, José Sócrates,

Senhores ministros de Portugal, aqui presentes,

Senhores ministros e companheiros que me acompanham nesta viagem,

Meu caro amigo Frederico Curado, presidente da Embraer,

Meus amigos da imprensa,

Meus senhores e minhas senhoras,

É com enorme satisfação que participo desta cerimônia, na companhia do meu querido amigo José Sócrates. Estamos perante mais um exemplo de empresa brasileira escolhendo Portugal para avançar no seu processo de internacionalização. Neste caso trata-se, nada mais nada menos, da nossa querida Embraer. Você sabe, Primeiro-Ministro, que no Brasil tem algumas empresas que viraram paixão nacional. A Petrobras é uma delas e a Embraer é outra, que são paixão nacional pelo que significam para o nosso País.

Certamente nós já temos outras grandes empresas brasileiras que estão aqui em Portugal. No total, já são oito grandes empresas brasileiras fazendo investimentos aqui em Portugal. É sempre um bom começo.

Nos últimos meses, aqui chegaram a maior empresa de *software* de gestão empresarial do Brasil e a nossa terceira maior empresa na área cosmética. Os homens de negócio brasileiros escolhem Portugal pelos atrativos de seu parque industrial e por oferecer uma excelente porta de entrada para o mercado comunitário. Esse é um dado importante porque,



historicamente, se falou que Portugal seria a porta de entrada para os produtos brasileiros na Europa, mas isso não se concretizava com a rapidez das palavras.

Agora, finalmente, os empresários brasileiros começam a ter uma dimensão da necessidade e da importância da internacionalização das nossas empresas. Afinal de contas, uma empresa brasileira no exterior é sempre uma bandeira brasileira no exterior, um espaço político de negociação, um espaço econômico de comercialização, e assim eu penso que nós vamos retribuindo a confiança que Portugal depositou no Brasil quando os seus empresários fizeram altos investimentos no nosso país. Além disso, por motivos mais do que evidentes, em Portugal nós, brasileiros, nos sentimos em casa.

Acho muito importante que os investimentos da ordem de 148 milhões de euros anunciados pela Embraer e por seus sócios sejam no setor de aeronáutica. Trata-se de um setor de ponta, de alta densidade tecnológica, que tem o potencial de gerar amplos benefícios para os nossos dois países.

Nesse caso específico, o empreendimento trará um espaço de desenvolvimento regional prioritário para Portugal. Certamente serão criados empregos qualificados e de alta qualificação, e poderão surgir muitas oportunidades de outras empresas e de outros empregos.

No Brasil, por exemplo, o setor de aeronáutica tem um fator de multiplicação de empregos muito alto. A Embraer, eu penso que vive hoje um dos momentos mais importantes da sua história porque combina a alta competência tecnológica da empresa com a alta credibilidade dos seus produtos e, eu diria, com um aumento extraordinário de ocupação nos aviões da Embraer pelo mundo afora. Os aviões da Embraer são de tamanha qualidade que até o governo está comprando dois aviões dela.

Eu penso que as fábricas instaladas aqui são um começo extraordinário. Essa coisa, meu caro amigo Sócrates, às vezes começa pequena, mas a tendência de expansão é extraordinária na medida em que a gente consiga



fazer com que o mercado europeu e outros mercados continuem a ter a confiança que hoje tem na Embraer. Para Portugal, eu diria que é um momento muito importante, porque é uma empresa que vai possibilitar a geração de empregos altamente qualificados e, portanto, vai precisar da formação de muitos especialistas. Além de aportar divisas para Portugal, mostrará, de forma muito clara, que o Brasil é hoje uma economia altamente competitiva em vários setores de ponta tecnológica.

Meu caro amigo José Sócrates,

A crescente presença das empresas brasileiras no exterior é uma das facetas do excelente momento que vive o Brasil – uma nova etapa da história do País –, de crescimento com estabilidade, que foi construído com a parceria de países como Portugal, países que, algum tempo atrás, acreditaram no Brasil. Tenho a satisfação de ver que as empresas portuguesas têm aceitado meu convite para que iniciem uma nova fase de investimentos no Brasil. É importante lembrar que o momento que o Brasil vive hoje é um momento altamente singular na história do País. Eu posso dizer, na frente do meu amigo e na frente da imprensa de Portugal e do Brasil, que não existe volta no caminho de desenvolvimento que o Brasil estabeleceu para si. As condições estão colocadas. A combinação de estabilidade econômica com crescimento do mercado interno é muito forte, a combinação do mercado interno com o mercado externo é uma coisa que está garantida, a diversificação das ações do Brasil no mundo é uma novidade extraordinária porque, finalmente, os empresários brasileiros entenderam que precisam diversificar parceiros, construir *joint-ventures* e fazer parcerias onde for possível para dinamizar, cada vez mais, a economia brasileira.

Hoje, nesta cerimônia, quero trazer outra mensagem. Venho dizer que este investimento, como outros que já foram feitos e que ainda vão ocorrer, mostra que o Brasil está tendo em Portugal a mesma confiança que Portugal teve, ontem, no Brasil, que o fluxo de investimentos é uma coisa de mão dupla.



O Brasil não compactua com a idéia de que apenas um país tem que ter superávit comercial. Essas coisas têm que ser uma rodovia de duas mãos, em que a gente compra e vende, e o resultado final não é a vantagem de um país sobre o outro, mas o equilíbrio para que as duas economias possam crescer de forma sustentável.

Creio que essa iniciativa conjunta entre empresas brasileiras e européias é um bom exemplo para nossos governos, mostra o tipo de projeto que temos que fomentar se quisermos tirar do papel a parceria estratégica entre o Brasil e a União Européia, que Portugal tanto ajudou a construir.

Tenho muito orgulho do trabalho que a Embraer está fazendo no Brasil e do exemplo que oferece para muitas outras empresas que estão se juntando, finalmente, ao clube das grandes transnacionais. São companhias que investem nos mercados de nossos parceiros; complementam o trabalho que vem sendo realizado pela diplomacia brasileira, pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio; ajudam a fortalecer e a aprofundar, com fatos concretos, nossas relações; geram empregos e renda e qualificam nossa mão-de-obra para participar da revolução mundial do conhecimento. Estou seguro de que o investimento que estamos anunciando hoje atrairá muitos outros.

Os empresários aqui presentes estão de parabéns pelo exemplo que oferecem. Souberam identificar novas oportunidades e lançar projetos comuns com base nas nossas complementaridades econômicas e tecnológicas. Está de parabéns também o nosso companheiro, primeiro-ministro José Sócrates, que contribuiu de forma veemente para que esse empreendimento se tornasse realidade. Estamos, assim, garantindo que muito em breve voltaremos a nos reunir para lançar novas iniciativas de igual vulto e transcendência e fazer prosperar uma parceria com muita história, mas também de um grande futuro.

Eu quero dar os parabéns ao Primeiro-Ministro, agradecer à Embraer por este gesto importante de uma empresa que, sem dúvida nenhuma, está



entre as três maiores empresas aeronáuticas do mundo, com muita competência, com muita qualidade. Penso que a vinda da Embraer para cá é um começo excepcional, meu caro. Eu acho que, finalmente, Portugal entrou na era da produção altamente sofisticada no setor aeronáutico.

Parabéns e boa sorte.

(\$211B)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de formatura de alunos do Todos pela Alfabetização (Topa) e premiação para iniciativas sociais

Salvador-BA, 29 de julho de 2008

Meu querido companheiro Jaques Wagner, governador da Bahia, e sua querida esposa Maria de Fátima,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meu querido companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Meu querido companheiro Geddel Vieira, ministro da Integração Nacional,

Meu querido companheiro Altermir Gregolin, ministro da Aquicultura e Pesca,

Meu querido companheiro Waldir Pires, ex-governador e ex-ministro de Estado,

Meu caro Edmundo Pereira, vice-governador do estado da Bahia,

Nosso querido convidado especial, esta figura simpática, companheiro Eduardo Braga, governador do estado do Amazonas,

Nosso querido companheiro senador e ex-governador do estado, João Durval,

Companheiros e companheiras deputados federais, deputados estaduais,

Meu caro Secretário da Educação do estado da Bahia,

Meu caro José Raimundo Fontes, prefeito de Vitória da Conquista e representante dos municípios que aderiram ao Topa, em nome do qual saúdo todos os prefeitos e prefeitas da região,



Magníficos reitores presentes a este ato, Naomar Monteiro de Almeida Filho, da Universidade Federal da Bahia; Paulo Gabriel, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; Lourivaldo Valentim, da Universidade do Estado da Bahia; Antônio Joaquim Bastos, da Universidade Estadual de Santa Cruz,

Professora Francisca Eleni, coordenadora estadual do Topa,
Minhas queridas companheiras e meus queridos companheiros formandos,

Meus caros agraciados pelo prêmio Cosme de Farias,
Nosso querido companheiro, Luiz Medeiros, orador da turma,

Wagner, eu gostaria de começar dizendo uma coisa para o nosso querido Luiz Medeiros: não sei quantas pessoas alfabetizadas fariam ou leriam melhor do que você na frente de tantas personalidades públicas do País. Vou lhe contar um caso. No dia 24 de abril de 1975 eu assumia, pela primeira vez, a Presidência do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e, pela primeira vez, ia fazer um discurso para os trabalhadores metalúrgicos. Peguei o meu discurso. Era tudo fácil antes de eu subir ao palco, antes de ficar diante do microfone. Minha mulher, na frente, com dois filhos... e um espelho d'água. A primeira coisa que aconteceu foi um se jogar dentro do espelho d'água, achando que era uma piscina. Fui começar a ler o meu discurso e tremia tanto, Luiz Medeiros, que um companheiro que era presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de Santos, chamado Marcelo Gato, foi obrigado a segurar na minha mão para eu conseguir ler. Tremiam as mãos e tremiam as pernas. Parecia um cavalo novo pinoteando. Daqui a alguns dias, quando voltar à Bahia, vou ver uma plaquinha: "Luiz Medeiros, candidato a vereador", porque o "bichinho" está preparado.

Vou ler o meu pequeno discurso. O meu é com letras grandes, para eu não errar. Deixe-me dizer uma coisa, Wagner. Eu tenho 63 anos de idade. Para



alguns parece que eu tenho 80. Quando o Wagner falou “tantos se inscreveram com mais de 100 anos”, eu pensei: todo mundo vai olhar para mim. Para alguns parece que eu tenho mais de 100 e para outros parece que eu tenho apenas 30. Vai do estado de espírito de quem está enxergando. Com 63 anos de idade, eu sou de uma geração que ouviu, muitas vezes, o pai dizer para as irmãs e para a mãe que as irmãs não iriam à escola, porque senão iriam aprender a escrever cartas para os namorados. Não faz muito tempo. Faz um pouquinho mais de 50 anos, ou seja, meio século, já em São Paulo e não mais em Pernambuco, que eu vi muitas vezes minhas irmãs querendo ir à escola e meu pai não deixava. Os homens podiam ir, as mulheres não.

Não sei se ainda hoje existe isso mas eu penso que, em muitos lugares do Brasil, pouca coisa mudou nesses 50 anos. Ainda tem muita gente ignorante. Por que proibir alguém de escrever uma carta ao namorado? Tem coisa mais bonita que ver uma carta do namorado ou da namorada? Eu vivi isso na minha vida. Minha mãe morreu analfabeta. Aos sete anos de idade, ela me levava à Praça da Sé ou à Praça João Mendes, em São Paulo – não sei se alguém aqui já foi a São Paulo – e minha mãe ficava “areada” de vez em quando. Não sei se aqui na Bahia utilizam este termo “ficar areada”... “Ficar areada” é descer em um lugar, andar um pouco e depois não saber mais onde está. Minha mãe vivia “areada” no centro de São Paulo. Saía com a gente para tirar documentos e a coitadinha se perdia, não sabia ler. Havia muitos ônibus vermelhos e ela ficava perguntando. É humilhante, às vezes, perguntar “que ônibus eu pego?”.

A gente está contando coisas que pensa serem do interior do País. Quando eu assumi a Presidência da República tinha, no Palácio do Planalto e na Granja do Torto, empregados analfabetos. Tem um companheiro que trabalha até hoje – que chama dona Marisa de madrinha porque ela o colocou na escola – que conta que a Granja do Torto fica mais perto da casa dele que a rodoviária. Ele saía do Torto, pegava a perua, e ia até a rodoviária de Brasília



porque não sabia parar o ônibus na rua. Andava 13 quilômetros para trás para pegar o ônibus no ponto final, que sabia onde era, para ir para casa. Esse cara foi alfabetizado depois que eu cheguei à Presidência da República.

É uma demonstração desta coisa maravilhosa que vimos aqui hoje, desta coisa extraordinária: tanta gente querendo recuperar o tempo perdido e se apegar às oportunidades que estão aparecendo para deixar o passado para trás e construir um futuro muito mais digno. Tudo isso poderia ter sido resolvido há 40 anos, 50 anos, 60 anos. Afinal de contas, este País foi governado por muita gente letrada. O primeiro que não tem diploma universitário sou eu. Todos foram doutores que governaram este País, numa demonstração de que não era ignorância não, era o jeito de ver o País: “Tem uma parte da sociedade que não sabe ler mesmo, então deixa para lá”. Era assim que se pensava neste País. “Para que alfabetizar adultos? Vamos tentar alfabetizar só as crianças”. Como se as pessoas que não tiveram oportunidade e estão com 20, 30, 40 anos, fossem obrigadas a ficar segregadas na ignorância porque o Estado achava que elas não tinham mais jeito.

Eu quero, Wagner, começar aqui dando os parabéns a você. Antes de o Fernando Haddad falar publicamente, ele tinha me dito: “Presidente, pode dizer em qualquer canto do mundo que a Bahia tem o melhor programa e a melhor política de alfabetização de todos os 27 estados do País”. Portanto, meus parabéns, companheiro Wagner.

Agora Wagner, me permita ler meu discursinho porque, se eu for seguir no improviso, eu não paro mais. Os pescadores estão com o peixe na rede e se eu demorar eles vão perder seus peixinhos. Queria começar dizendo que este é um fato inédito na história da Bahia. Nunca uma ação governamental foi acolhida com tamanho entusiasmo e tanto engajamento de um estado. Dos 417 municípios baianos, nada menos que 363 municípios aderiram à primeira etapa do Todos pela Alfabetização. Eu quero parabenizar esses 363 prefeitos que, independente do partido político ao qual pertencem, arregaçaram as



mangas e se uniram ao governo baiano e ao governo federal neste grande mutirão contra uma das maiores injustiças praticadas contra o povo brasileiro e baiano.

Como ensinou o nosso mestre Paulo Freire, ninguém é analfabeto porque quer, mas como conseqüência das condições em que vive. Todos nós sabemos das condições injustas em que durante séculos viveu o povo deste estado e deste País. E queria contar aqui alguns casos. Aqui no meio de vocês deve estar – não sei se veio hoje, deve estar recebendo o diploma dele – o lavrador Edinaldo Ferreira de Souza que mora em Lagoa Seca, distrito de Inhambupe, e viveu 49 anos sem saber ler nem escrever.

“Venci o analfabetismo com muita clareza” – vejam o que o Edinaldo diz: “A pessoa analfabeta é como se fosse cega: ela enxerga, mas não vê, ela olha uma placa, um letreiro, um nome escrito num ônibus, mas não entende nada, não vê sentido nenhum. Ela se sente perdida no mundo”.

O Edinaldo já esteve muitas vezes perdido ou areado aqui na cidade de Salvador. Tantas vezes teve que perguntar qual daqueles inúmeros ônibus, todos iguais, ele deveria tomar para ir a determinado destino, e tantas vezes ouviu a seguinte resposta: “Você é cego? Olha o seu ônibus ali. Por que pergunta? Seu ignorante!”. Sim, era como se Edinaldo não enxergasse. Mas essa realidade está mudando.

Esta formatura de hoje é mais uma demonstração de que o Brasil começa a abrir os olhos e está vendo o grande País que há muito tempo já poderia ter sido construído, não fosse a falta de visão de muitos dos nossos governantes. Nada menos do que 171 mil baianos e baianas estão recebendo os seus diplominhas. É o primeiro, pendurem na parede, ponham num quadro, para ser motivo de orgulho para vocês.

Eu sei que nenhum de vocês, pelo entusiasmo que vi aqui, vai querer parar apenas na alfabetização. Tem muita coisa para vocês fazerem pela frente. Deus queira que vocês, que já avançaram muito, continuem acreditando



que este diploma é apenas o primeiro passo numa longa caminhada que vocês têm que fazer, depois de tantos e tantos anos praticamente parados em um único lugar.

Não precisam mais se sentir humilhados na hora de mostrar a carteira de identidade. Parabéns também, Wagner, pelo convênio feito entre a Secretaria de Educação e a Secretaria de Segurança Pública, por dar uma carteirinha com a fotografia deles, e não com o dedão deles.

Na hora de fazer a lição com os filhos, quantos de vocês viam o filho chegar em casa e perguntar: “Mãe, o que é isso?” “Pai, me ensina a fazer a lição”. O pai e a mãe não podiam sequer pegar no caderno dos filhos, porque sabiam que não tinham como ensiná-los.

É por isso que as pessoas que já estão na universidade, que fizeram cursos, levam vantagem sobre a maioria do povo brasileiro. Por isso é que nós estamos pensando, e eu já falei com meu amigo Fernando Haddad, que precisamos colocar professores para, depois das aulas, ficar dando aula para os alunos mais pobres que não têm mãe nem pai para ensinar, ficarem lá como reforço. Eu sei que muita gente aqui já está inscrita no EJA. Eu acho que esse é um passo importante.

Eu queria dizer para vocês mais algumas histórias que aprendi aqui, de gente que topa ajudar, que topa ensinar, que topa aprender. Como diz a música que nós ouvimos, do Gilberto Gil – música, Wagner, que a gente deveria ganhar um disquinho para levar lá para Brasília: “São lavradores e lavradoras, índios, quilombolas, pescadores, presidiários, idosos, trabalhadores Sem Terra, deficientes físicos, homens e mulheres de todas as cores, com muitas histórias para contar”.

Histórias como a do detento Bernardo Barbosa – também não sei se está aqui – que está preso em Valença e, graças ao Topa, escreveu a primeira carta de sua vida. Foi uma carta de amor para a esposa Carmelita, no dia dos namorados, dizendo que ela era a mulher mais linda e a mulher da sua vida.



Ou a história do cidadão de Serrinha – também não sei se está aqui – que parou de beber por causa do Topa. Por que ele parou de beber? Porque as aulas eram no mesmo horário em que ele costumava ir para o bar tomar uma “cangibrina”, e entre a cachaça e o Topa, ele preferiu se alfabetizar. Ou das alfabetizadoras lá do sertão, que foram fazer o curso de capacitação em Vitória da Conquista levando nos braços seus filhos de poucos meses, ou até mesmo semanas de vida. Uma delas, muito feliz com o novo trabalho, levou o bebê nascido há apenas dois dias. Então, você tem razão: essas alfabetizadoras são mais do que professoras, são heroínas brasileiras e não medem sacrifício.

Histórias de alfabetizadores e alfabetizadoras, Fernando, que andavam até seis quilômetros a pé para ensinar aos brasileiros que queriam aprender. Em vez de guardarem para si o salário – esse é um dado importante – preferiram investir o dinheiro na reforma da escola para que ela pudesse receber turmas maiores de alunos na próxima etapa. Eu não sei se tem alguma aqui, mas isso é motivo de muito orgulho.

Aqui, o prefeito de Mascote... A cidade se mobilizou de tal forma para acabar com o analfabetismo que até alguns comerciantes passaram a oferecer descontos para os alunos do Topa. Então, eu vou morar lá. Estão baratas as coisas lá, Prefeito?

Dona Aparecida Andrade, de Lagoa Seca, em vez de estudar teve que trabalhar a vida inteira, batendo tijolo em olaria. Hoje ela terminou o Topa e já está no EJA, e faz os deveres de casa com muito orgulho, auxiliada pela sua querida Soraia, filha de sete anos de idade.

História como a de três ex-alunos – Antônia Brito, Hermano da Silva e Celina da Hora – que concluíram o Topa e, com muita dedicação, passaram no concurso público da Prefeitura Municipal de Santo Antônio de Jesus. Histórias de vidas que já mudaram e ainda estão mudando, e o melhor e mais importante de tudo: histórias que agora começam a serem escritas pelos próprios personagens.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Que Deus abençoe vocês. Que Deus dê forças ao nosso governador, ao nosso secretário de Educação, para que a gente continue fazendo da Bahia um exemplo para toda a nação.

Um abraço.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de inauguração da usina de biocombustível de Candeias e
lançamento da Petrobras Biocombustíveis S.A.**

Candeias – BA, 29 de julho de 2008

Companheiro governador do estado da Bahia, Jaques Wagner,
Companheira ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff,
Companheiro ministro de Minas e Energia, Edson Lobão,
Companheiro ministro do Desenvolvimento Agrário, Guilherme Cassel,
Companheiro ministro da Integração, Geddel Vieira,
Nosso companheiro de sempre, Waldir Pires, ex-governador da Bahia,
Nós hoje temos um ilustre visitante aqui. Eu me levantei de manhã, no
hotel, e de repente me deparei com ele olhando o mar. Ele estava pensando
que era um rio, porque ele é o governador do Amazonas, e falou: “não sabia
que na Bahia tinha um rio maior que o Amazonas”.

Nosso querido companheiro Eduardo Braga, governador do estado do
Amazonas,

Nosso querido companheiro Edmundo Pereira, vice-governador da
Bahia,

Deputado Marcelo Nilo, presidente da Assembléia Legislativa da Bahia,
Senador César Borges,

Deputados federais Alice Portugal, Daniel Almeida, José Rocha, Luiz
Bassuma, Nelson Pellegrino, Zezéu Ribeiro,

Nosso querido companheiro presidente da Petrobras, José Sergio
Gabrielli,

Nosso querido companheiro presidente da Petrobras Biocombustíveis,
Alan Kardec,



Nosso também querido companheiro baiano, presidente da Agência Nacional de Petróleo, Haroldo Lima,

Companheira Maria das Graças Foster, diretora da área de Gás e Energia da Petrobras,

Companheiro Paulo Roberto Costa, diretor da área de Abastecimento da Petrobrás,

Nossos companheiros e companheiras, que eu não vou dizer o nome porque já entreguei o crachá deles aqui na frente,

O Wagner perguntou quanto tempo eu ia falar e eu disse que, possivelmente, uns 10 minutos. Penso que vou falar um pouco mais ou um pouco menos, dependendo das lembranças que eu possa ter e do que eu estou sentindo neste momento.

Uma nação será exatamente do tamanho e da grandeza que tiverem os seus dirigentes e o seu povo. Uma nação só será grande e forte quando os seus filhos acreditarem serem grandes e fortes, porque a nação nada mais é do que o somatório do conjunto das coisas que nós somos, fazemos e produzimos.

O Brasil, por suas dimensões, por suas características, jogou fora algumas oportunidades de se transformar em uma grande nação. O Brasil, durante 50 anos foi um dos países que mais cresceram no mundo. Durante 30 anos, o nosso Produto Interno Bruto cresceu a uma média de 7,5%. Entretanto, foram poucos os momentos na história do País em que esse crescimento conseguia ser transferido para a população participar desse crescimento. O que a gente via, historicamente, era o País crescendo e o povo ficando cada vez mais pobre.

Foi assim que nós fomos pegos de sobressalto depois do Milagre Brasileiro, quando a economia chegou a crescer 14,3% ao ano e quando, na década de 80, tivemos que começar a pagar a dívida que permitiu fazer os investimentos que fizemos. Ainda no governo do presidente Geisel,



percebemos que estávamos devendo muito e que aquele crescimento todo não tinha, de forma equânime, elevado a qualidade de vida da nossa população.

Vocês se lembram que na década de 70 nós tínhamos bem menos favelas do que temos hoje, e vocês se lembram também que nós tínhamos bem menos violência do que temos na periferia das grandes regiões metropolitanas deste País. Tentar jogar a culpa da violência em cima do jovem que a cometeu é justo, porque tem que punir aquele que comete um delito. Ao mesmo tempo, não culpar aqueles que foram responsáveis pela administração deste País nos últimos 40, 50 anos, que não criaram condições para que o povo pobre pudesse ter uma evolução, é culpar apenas a vítima e não os verdadeiros culpados.

Estamos aqui lançando uma planta de biodiesel. Confesso a vocês que, de todas as coisas que eu fiz no governo, esta é uma das que mais me tocam profundamente. O professor Expedito Parente – um grande professor da Universidade Federal do Ceará – quando patenteou o biodiesel, em 1975, já poderia tê-lo transformado numa matriz energética. Entretanto, o biocombustível ficou, de 1975 a 2003 – quase 30 anos –, sendo apenas uma teoria muito bonita, discutida academicamente nas universidades brasileiras. Ele não conseguiu sair da patente para a indústria. Em 2003, nós resolvemos assumir o compromisso de incluir na matriz energética brasileira um novo tipo de combustível. O que mais me motivava a criar um novo tipo de combustível no País era o sonho que eu tinha de dar uma chance a uma parte do Brasil que historicamente não a tinha, que era o Nordeste e o Norte brasileiros.

A gente sonhava que pudesse fazer o biodiesel de mamona, depois descobriu que era possível fazê-lo de pinhão-manso, que era uma planta que já não se cuidava mais no Brasil. Depois, descobriu que o potencial da produção de dendê por hectare é extraordinariamente maior do que quase todos os outros. Imagínávamos que o biodiesel poderia ser uma espécie de equilíbrio para a soja brasileira quando ela estivesse a um preço muito barato no



mercado internacional. Depois descobrimos que poderíamos fazê-lo de girassol. Fomos avançando e descobrimos que poderíamos fazê-lo de caroço de algodão. Fui a Honduras e visitei uma pequena usina, José Sergio, que fazia de tilápia, do resto da tilápia. Visitei, em São Paulo, uma grande fábrica de biocombustíveis ou de biodiesel, que é um grande frigorífico, onde tudo o que é sebo e gordura vai para o óleo diesel. A gente descobre que aquele óleo de cozinha – que incomoda um cara como eu que gosta de cozinhar, de lavar louça – incomoda muito mais as mulheres brasileiras que, muitas vezes, depois de uma fritura, não sabem onde colocar aquele óleo e o colocam numa lata vazia até enchê-la para depois – se forem mais cuidadosas não jogam, mas se não forem – jogar na pia. Aquilo vai para o esgoto, que vai para o rio, que vai para o mar. No fundo, no fundo, o biodiesel vai prestar um serviço extraordinário porque vai permitir que apareçam, no Brasil, dezenas de cooperativas fazendo coleta, na casa das pessoas, desse óleo já utilizado. A gente vai poder também contribuir para despoluir o Planeta.

Com esse leque extraordinário de possibilidades de produzir uma matriz energética nova, o Brasil não pode ter medo do debate internacional, daqueles que dizem: “É por conta da produção do biodiesel que os alimentos estão subindo”. Acho que é importante... O Lobão disse uma coisa aqui com a qual eu concordo em cem por cento. Esse é um debate que eu gosto de fazer, é um debate que o Brasil vai ter que enfrentar. Nos dias 20 e 21 de novembro estamos convocando em São Paulo uma conferência internacional com governantes, cientistas, ONGs, com os contra, com os a favor, para fazer uma discussão sem emoção, mas científica, sobre as possibilidades de haver competição entre o biocombustível e o alimento. Enquanto eu for presidente deste País, se alguém me provar que o que nós estamos fazendo vai diminuir a produção de alimentos, eu não serei louco de deixar de encher o tanque do nosso povo para encher o tanque de um carro, não serei doido de fazer isso. Até porque se eu não estiver com o meu tanque cheio, eu não terei força para



apertar o acelerador do carro.

Essa discussão o Brasil quer fazer. Nós não queremos fugir. O que nós queremos é provar que não apenas o Brasil, mas um continente como o africano, que está segregado desde que surgiu, a América Latina empobrecida, sobretudo a América Central e Caribe... que esse combustível é pensado também para que esses países possam fazer uma combinação entre o plantio de uma planta e, entre essas plantas, plantar aquilo que nós vamos comer. Vamos dar garantia porque a nossa nova empresa de biocombustível, com a marca da Petrobras, vai ter que fazer contrato de longo prazo com os agricultores para dar garantia de que eles vão ter o compromisso de produzir e, a Petrobras, o compromisso de comprar. A gente, então, vai ter a garantia de que passa a valer.

Não pensem que foi fácil chegar aqui, não. Eu brinco muito com a Petrobras. A Petrobras é muito poderosa. Já teve presidente que disse que a Petrobras era uma caixa preta, que ninguém tinha acesso a ela. Nós, aos poucos, estamos mudando. Estamos mudando pelo convencimento político de que a Petrobras, embora tenha descoberto a camada pré-sal, possivelmente tornando o Brasil um dos maiores produtores de petróleo do mundo, sabe que o que nós estamos fazendo tem um valor histórico incomensurável, porque nós estamos incluindo, definitivamente, uma nova matriz energética para que o mundo inteiro possa utilizá-la.

A Petrobras relutou, é verdade, e relutou com razão. Vocês pensam que fazer esta planta aqui foi fácil? Vocês acham que saiu assim, o José Sergio Gabrielli acordou com vontade de fazer? “Me deu vontade e eu vou fazer?” Isso foi muito cacete, foi muita briga. Lobão, você não estava ainda ali, mas foi muita briga para sair isto aqui. Muita briga, porque era normal. A Petrobras é uma empresa de petróleo. Daqui a pouco, entra a matriz do gás. Já em 1975 tinha entrado o álcool, e agora, vem mais alguma coisa? A Petrobras sempre fica com medo: “Puxa vida, tem tanta coisa nova que eu vou perder



importância”. Não vai. Quanto mais coisas a Petrobras fizer e quanto mais ela colocar a sua inteligência e o seu conhecimento para produzir, ela certamente será infinitamente mais forte, vendendo petróleo para quem precisa de petróleo e utilizando aqui combustível limpo.

Tem uma coisa, José Sergio... Fui agora no G-8, lá no Japão. Lá no Japão começou a se discutir a questão da poluição: “A emissão de CO², aquele negócio que sai do motor do carro, aquele gás carbônico; o Brasil está fazendo biodiesel; o Planeta está ficando mais quente...” Só que ninguém assume a culpabilidade. Por acaso, eu tinha recebido um estudo de um departamento de energia elétrica dos Estados Unidos, que trazia uma tabela de quanto os países eram responsáveis pela poluição no ano de 1985. Lá pelas tantas, eu falei: senhores presidentes. Vamos medir o que cada um de nós está fazendo para poluir o Planeta, para que a gente possa definir qual é a responsabilidade que cada um de nós vai ter para consertar o que está estragado. Em 1985, o mundo jogou no ar 28 bilhões de toneladas. Dessas, os Estados Unidos jogaram 21%, a China jogou 18% e o Brasil apenas 3,4%.

Portanto, vamos devagar com o andor e vamos discutir qual é a responsabilidade de cada um. Quando eles não têm mais argumento, vão para a questão do desmatamento. Eu disse para eles: eu venho de um país que ainda tem 64% das suas florestas preservadas; onde o mercado interno compra 90% dos carros *flex fuel*; onde toda a gasolina já tem uma mistura de 25% de álcool; onde já estamos introduzindo 3% de biodiesel no óleo diesel; onde 85% da energia elétrica é hídrica; e onde 46% da matriz energética é limpa. Então, não falem de poluição para o Brasil porque nós não temos o que aprender, temos o que ensinar.

Esta planta da Petrobras – já pedi ao José Sergio Gabrielli – quero que façam um filmezinho, coisa de 5 ou 10 minutos, para eu andar com ele no bolso. Nós estamos hoje aqui lançando a usina de biodiesel com o maior conteúdo tecnológico que existe no mundo, para não dizer a mais moderna que



já lançamos. Por isso foi importante a Petrobras ter entrado, ter assumido. Estamos inaugurando esta, ainda em agosto vamos a Montes Claros, em Minas Gerais, inaugurar outra. Depois vamos a Quixadá, no Ceará, inaugurar outra, e vamos inaugurar mais. Eu acho que a agricultura familiar pode compatibilizar a produção dos alimentos que comemos com o combustível que precisamos para transportar esses alimentos até os consumidores brasileiros. Não há incompatibilidade. É só fazer o zoneamento agrícola correto, demarcar a área para cada coisa e fazer. Quem está contra? Eu acho que nós, por exemplo, somos contra produzir etanol de milho, como os Estados Unidos estão fazendo. Faz de milho, o milho encarece, tem que dar milho para a galinha, a galinha fica cara, e fica cara a comida do povo brasileiro. Então, vamos procurar outras oleaginosas que não sejam comida para nós.

Por que eu estou convencido de que vai dar certo? Isso não vai dar certo agora, não. Isso vai demorar um pouco, porque os trabalhadores vão ter que aprender a se organizar nos sindicatos, a se associar em cooperativas. Nós queremos que a empresa nova faça contrato de, no mínimo, cinco anos, para que o cidadão se levante pela manhã, todo santo dia, sabendo que vai produzir, que tem preço garantido e que tem quem compre. Acabou aquele negócio de o companheiro plantar e não ter para quem vender. Isso vai permitir que o Brasil se transforme, definitivamente, numa nação com muitas opções.

Vocês sabem quanto tempo a Petrobras levou para ser auto-suficiente? Aqui tem muita gente que participou da campanha “O petróleo é nosso”. Certamente, os mais jovens, como o Waldir Pires... Quando inventamos de fazer a Petrobras, em 1954... em 1950. Em 1954 morreu o Getúlio. Quando inventamos de fazer a Petrobras... Tenho dois editoriais – não vou dizer de quais jornais – guardados nos meus arquivos, dizendo que era uma loucura a gente fazer uma fábrica para tentar achar petróleo, que no Brasil não tinha petróleo. Dois editoriais de jornais importantes, dizendo que era mais fácil a gente continuar comprando, porque não tinha como fazer. Tem uma parte da



elite brasileira, que não deu certo, que duvida de tudo o que possa dar certo e do que não é feito pela sua mão, ela duvida de tudo.

De 1950, a Petrobras só veio a se tornar auto-suficiente – produzir igual ou mais do que a gente consome – em 2006, 56 anos depois. Levou 56 anos para a Petrobras se tornar auto-suficiente. Agora, como Deus deu uma passadinha pelo Brasil e fincou o pé no mar brasileiro, descobriu-se o pré-sal. As pessoas pensam que o pré-sal foi descoberto por acaso. Se não fosse a decisão de fazer investimento... Para chegar a 7 mil metros de profundidade sem tocar num japonês lá no fundo, não é coisa fácil, é uma coisa complicada. É preciso investir em pesquisa, em novas tecnologias, e saber que a gente vai colocar dinheiro e que o retorno pode ser zero. É uma decisão de coragem. Pesquisa é isso: às vezes você gasta milhões e o resultado se perde. Mas, às vezes você gasta e o resultado é extraordinário, como esse resultado de termos encontrado o pré-sal. O pré-sal, se Deus quiser – agora em setembro nós vamos “futucar” melhor lá no Espírito Santo – vamos tirar uns 10 mil litros dele.

Em março do ano que vem, nós vamos lá no poço de Tupi tirar um pouco mais. Vamos tirar uns 15 ou 20 mil barris por dia para ver se a gente consegue, lá para 2010, já estar tirando o suficiente para poder vender, não óleo cru, José Sergio, não vamos vender óleo cru. Nós vamos vender produto com valor agregado, é de gasolina *premium* que eles precisam. Enquanto isso, a nossa empresa nova de biocombustíveis vai continuar fazendo investimentos e aprimorando a organização dos trabalhadores. É por isso que eu coloquei um ex-ministro da Reforma Agrária para ser diretor, porque senão fica lá um monte de companheiros, liderados pelo Alan Kardec, todo mundo de Minas Gerais ou do Rio de Janeiro. Eu quero alguém que já foi no campo, para saber como é que vive o pessoal. Eu aprendi, Alan, uma coisa: a cabeça da gente pensa de acordo com o chão que os nossos pés estão pisando. Se a gente passar um ano morando numa favela, a nossa cabeça passa a pensar como pensa um



favelado, mas se a gente sair de lá e for para um palácio, e ficar só no palácio, a cabeça da gente começa a pensar como os freqüentadores de palácios. Então, é preciso fazer essa mistura para que a gente compreenda, definitivamente, que o biocombustível é uma nova matriz energética e que a gente vai começar a utilizar biodiesel nos nossos caminhões. Sonhamos que um dia o biodiesel seja como é o álcool hoje, que a gente tenha um caminhão *flex fuel*, que possa utilizar 100% de biodiesel ou 100% de óleo diesel. Mas em nenhum momento nós podemos perder de vista que esse programa, essa nova matriz energética, tem um objetivo: ajudar a desenvolver as regiões mais pobres deste País, dar ao Nordeste e ao Norte do Brasil as oportunidades que eles não tiveram.

Veja, governador Eduardo Braga, como ajudar os pobres custa barato. É incrível – aqui tem muita gente que já foi governo – como ajudar o pobre é barato. O rico entra no seu gabinete e já quer logo 1 bilhão. O povo pobre se contenta com pouca coisa porque o que ele quer, na verdade, é sobreviver dignamente, o que ele quer é oportunidade de estudar e de trabalhar. Eu me lembro, meu companheiro Jaques Wagner, quando nós fomos criar o Bolsa Família. Alguns diziam: “É esmola”. Outros diziam: “Por que dar dinheiro para pobre? Por que não faz estrada? Por que não faz ponte em vez de ficar dando dinheiro para pobre? Isso é dinheiro jogado fora”. As pessoas que pensavam assim nunca tiveram noção, na vida, do que é um chefe de família se levantar numa segunda-feira ou num domingo e ficar olhando para o céu sem ter um bocado de feijão com água para colocar no fogo. Eles não sabem o que é isso. Eles não sabem e nunca souberam. A única coisa que eles sabiam, pelas estatísticas, é o que é uma mãe com 3 ou 4 filhos agarrados no rabo da saia, pedindo o que comer e não ter para dar. Quando a gente mora no centro da cidade, sempre tem uma coisa para a gente pegar. Mas quando mora no interior, o próximo morador, a 10 quilômetros, é ainda mais pobre do que a gente e o outro, a 30 quilômetros, é mais pobre do que o outro.



O que aconteceu com o Bolsa Família? O que aconteceu com as políticas sociais? Eu pego a estatística do IBGE: houve uma diminuição da desnutrição no País de 40%, e no Nordeste, de 74%. Significa o quê? Que chegou um pouco mais de proteínas e calorias para essas pessoas. Isso incomoda. Agora, nós vamos começar um programa para levar dentistas e oculistas às escolas. Alguns vão dizer: “É luxo. Por que pobre precisa de dentista?” Os mais pobres colocam gengibre, cachaça, álcool, fumo no buraco do dente, pensando que vai parar de doer, enquanto uns poucos vão ao dentista, ao ortodontista, fazem prótese, tratamento de canal. Rico não tem dor de dente, só pobre.

Sempre aparecem alguns criticando tudo isso: “Deveria fazer mais estradas, fazer mais isso...”. Uma coisa não impede que se faça a outra. Mas se eu tiver que escolher entre fazer uma ponte e encher a barriga das nossas crianças de comida, podem ficar certos de que eu não tenho dúvida: as crianças vão comer primeiro do que qualquer outra coisa neste País.

Nós estávamos numa situação muito boa, extraordinária, quando os Estados Unidos entraram em crise. Vocês estão acompanhando pela televisão, não é, gente? Eles inventaram um nome assim: *subprime*. Eu nem tento falar para vocês, porque não sei o que é. Na verdade, é o seguinte: especulação financeira, o nome mais popular, ou calote, o nome que nós conhecemos. Nos Estados Unidos, quando vendem uma casa que custa 200 mil reais, se ela se valorizar, a pessoa pode tomar emprestado no banco a diferença entre o que ela pagou e o que está valorizando. Então, o cidadão vai se endividando para consumir. Só que deu zebra: as casas não se valorizaram. O que aconteceu? Uma crise, que a gente ainda não sabe o resultado. Por conta dessa crise, o mundo entrou numa situação delicada, porque muitos bancos europeus e americanos quebraram, empresas quebraram nessa crise imobiliária.

Se tivesse acontecido essa crise nos Estados Unidos cinco anos atrás, o Brasil teria pegado pneumonia. Agora, eles estão lá com a crise deles e nós



estamos aqui vendo o nosso País ir muito bem, graças a Deus, sem preocupação com a crise deles. Mas aí fui pego de surpresa com a inflação. De repente aparece uma coisa chamada inflação mundial. O Brasil é hoje, dentre os países emergentes, o que tem a inflação mais baixa. A China, a Índia, a Rússia e outros países têm inflação mais alta do que nós. A nossa está controlada e nós vamos fazer qualquer coisa para evitar que ela volte. Só ganha com a inflação quem especula. Quem trabalha e recebe salário só perde com a inflação. Então nós vamos garantir que a inflação fique baixa.

Em vez de ficar achando que essa inflação, por conta dos alimentos, veio criar problemas para o Brasil, nós tomamos uma decisão: para enfrentar a inflação, vamos aumentar a produção. O ministro Guilherme Cassel apresentou uma proposta ao governo que nós imediatamente aprovamos e anunciamos: até 2010 o BNDES terá disponibilizado, para a agricultura familiar, 25 bilhões de reais, e vamos financiar 60 mil tratores para os agricultores familiares deste País. As pessoas vão poder pegar até 100 mil reais emprestados, financiados. Esses 100 mil reais serão pagos em 10 anos, com 3 anos de carência e 2% de juros ao ano. A informação que eu tenho dos técnicos do Ministério, da Embrapa, das Emater, meu caro Wagner, é que com o trator, o trabalhador rural dobra a sua produção em um ano.

Se para alguns países do mundo, faltar alimentos porque o povo está comendo mais é um problema, para nós no Brasil é uma oportunidade. É uma oportunidade de a gente utilizar o potencial da nossa agricultura empresarial e familiar. É uma oportunidade para a gente dobrar a capacidade de produzir, fornecendo máquinas e, ao mesmo tempo, assistência técnica para a agricultura familiar, e para garantir que a gente possa suprir as necessidades de comida do povo brasileiro e, ao mesmo tempo, dos milhões de chineses, de indianos e africanos que precisam comer. Nós também, Lobão, estamos na África. A Embrapa montou um centro de pesquisa em Gana. Nós achamos que o território africano, uma parte dele, é igual ao cerrado brasileiro. Portanto, com



um pouco de preparo da terra, a gente pode transformar a África num grande produtor de grãos. Eu acho que ninguém no mundo merece, mais do que o continente africano, a oportunidade de dar um salto de qualidade e de sobreviver.

Esse programa do biodiesel, a gente também pensou nele para a África. Nós vamos só pedir para o povo compreender, porque essa é uma coisa que leva alguns anos, para poder encarnar a magnitude do projeto. Possivelmente em cinco anos já vai estar dez vezes melhor do que está agora, e em dez anos vai estar dez vezes melhor. O álcool levou mais de 30 anos para se consolidar. Nós levamos 56 anos para ficarmos auto-suficientes em petróleo. Penso que com a entrada da Petrobras, com a criação de uma empresa, com a possibilidade de construir mais usinas como esta pelo País afora, demonstramos que estamos juntando a fome e a vontade de comer, com muita comida certamente, porque fome sem comida não dá certo. É a fome, com a vontade de comer e com muita comida e, ao mesmo tempo, com muito biodiesel.

Alguns dizem aqui mesmo no Brasil: “Mas Lula isso não vai fazer com que o pequeno agricultor deixe de produzir alimento?” Não vai, porque uma coisa que nós vamos também cuidar de orientar é como as pessoas têm que produzir, e eu tenho dito para o mundo inteiro. A Petrobras agora precisa comprar 38 sondas. Cada sonda custa 700 milhões de dólares, mais ou menos; o aluguel/dia de uma custa 500 mil dólares. O aluguel de uma sonda, de um navio grande que vai lá para o meio do mar para furar 100 metros de profundidade, custa 500 mil dólares/dia. Quantos países têm condições de fazer isso? Uma plataforma custa quanto, José Sergio? Quase 2 bilhões? Dois bilhões de dólares. Quantos países têm condições de fazer isso? Nove, 10, 11 países? Quanta mão-de-obra? Pouca, porque é uma mão-de-obra muito qualificada.

Imaginem se um país africano não tem condições de fazer uma



plataforma ou de comprar uma sonda. Imaginem que qualquer ser humano pode cavar um burquinho com a mão, pôr uma semente, enterrar, e com um ano e pouco ele estará colhendo o seu petroleozinho ali. Mesmo que ele seja baixinho, do tamanho do Wagner ou do Geddel, pode fazer uma planta menor para colher sem precisar se machucar. Isso, companheiros, é uma gratificação.

Eu sou um homem que acredita muito em Deus. Acredito em Deus a cada minuto que vivo neste País. Eu acho que chegar ao nível que a gente chegou hoje, de poder vir a Candeias, onde há 67 anos jorrava pela primeira vez um poço de petróleo, de vir aqui inaugurar a primeira usina de biodiesel da Petrobras, na mesma cidade, certamente tão entusiasmado como estava o governante da época vendo o petróleo aqui, posso dizer para vocês que vale a pena acreditar, ser teimoso, ousado e fazer as coisas que as pessoas pensavam impossíveis de serem feitas.

Saio daqui, meu caro José Sergio Gabrielli e meu caro Governador, gratificado. Eu digo sempre o seguinte, quando acontece uma coisa boa na minha vida: se eu sair daqui e 30 segundos depois eu estiver morto, já terá valido a pena viver até poder ver a beleza desta fábrica, a alegria na cara de vocês, a satisfação da diretoria da nova empresa e a crença de que o Brasil, finalmente, se transformará em uma grande nação. Nós não podemos perder essa oportunidade, companheiros. Portanto, à nova diretoria: pelo amor de Deus, Alan Kardec, inteligentes eu sei que vocês já são, competentes tecnicamente eu sei que vocês já são, tem gente aqui da mais extraordinária qualidade. Por favor, não é possível a gente governar um país apenas com a cabeça. Coloquem o coração nas coisas que vocês fizerem, coloquem o coração de vocês, porque não é um combustível apenas para encher o tanque de caminhões. É um combustível para encher a casa dos pobres brasileiros de comida e das coisas que eles têm direito. Então, dediquem a alma a esse negócio.

José Sergio Gabrielli, companheiros, vamos discutir mais dinheiro para



que a nova empresa tenha mais dinheiro para fazer mais usinas dessas. Guilherme Cassel, a sua responsabilidade aumenta porque tem que ajudar a organizar mais os trabalhadores. Rossetto, o seu papel nesse negócio é fundamental, porque você ficou quatro anos lá. Tem até gente que era diretor do Centro de Pesquisas da Petrobras, que está na Direção. Pelo amor de Deus, aproveitem tudo o que Deus deu a vocês e devolvam ao povo pobre deste País.

Um abraço, boa sorte e parabéns.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de lançamento do Plano Nacional de Desenvolvimento da Pesca e Aqüicultura

Salvador-BA, 29 de julho de 2008

Meus queridos companheiros pescadores e companheiras pescadoras, empresários e empresárias do nosso querido Brasil,

Companheiros ministros,

Nossa querida Margareth Menezes,

Nosso companheiro presidente da Federação de Pesca da Bahia,

Companheiros das Federações,

Meus amigos e minhas amigas,

Quero dizer para vocês que o passo que estamos dando hoje, na verdade, é o segundo passo de uma caminhada que começamos em 2003. Em 2003, eu tinha uma indignação porque a pesca era um apêndice do Ministério da Agricultura, e eu achava que nós tínhamos que criar alguma coisa específica da pesca para que pudéssemos aprimorá-la no Brasil. Depois de quatro anos e meio de experiência, eu pedi para o companheiro Gregolin apresentar um PAC da pesca, uma nova estrutura para a área da pesca no Brasil, para que nós pudéssemos dar um segundo passo importante. Quem sabe a gente tenha que dar mais alguns passos...

O terceiro passo que vamos dar, depois da criação do Ministério, é exatamente o de responsabilizar a Embrapa, como instituição de pesquisa, pela pesca no nosso País. A Embrapa tem gente de qualidade, e nós achamos que ela pode ajudar a fazer na pesca, no Brasil, a mesma revolução que fez na agricultura nos últimos 30 anos. Para isso, temos que olhar algumas coisas importantes. É uma vergonha um país com oito milhões e meio de quilômetros



quadrados, com oito milhões de quilômetros de costa, com 190 milhões de habitantes, só pescar um milhão de toneladas por ano. Enquanto isso, um país como o Peru, que tem apenas 27 milhões de habitantes, pesca nove vezes mais do que nós, nove milhões de toneladas de pescado. O Chile, que é um país de apenas 13 milhões de habitantes, pesca dois milhões de toneladas de peixe. Alguma coisa de errado está acontecendo no nosso País.

O que nós queremos? Estamos criando um Ministério hoje que vai se encarregar de implantar, daqui para frente, com muito mais eficácia, estrutura, técnicos, e muito mais gente, superintendências em cada estado para que a gente possa definir a pesca corretamente. É importante a gente lembrar uma coisa que já fizemos. Quando nós criamos a Secretaria de Pesca, tínhamos apenas 62 mil pescadores. Nós tínhamos poucos pescadores recebendo salário-defeso, numa quantia de 90 mil trabalhadores que recebiam apenas 62 milhões. Este ano nós já temos 450 milhões de pagamento do salário-defeso, atendendo 350 mil pescadores neste País.

Há duas coisas... a gente não pode começar a brigar antes de as coisas acontecerem. É preciso ter claro o seguinte: nem a pesca empresarial, nem a pesca artesanal são competitivas no Brasil. Nem a empresarial e nem a artesanal nunca receberam uma decisão do Estado brasileiro de criar, verdadeiramente, condições para que a pesca artesanal vire uma pesca moderna e dê cidadania para as pessoas, e tampouco para que a pesca empresarial pudesse virar uma pesca competitiva com os espanhóis, com os japoneses, com os peruanos e com tantos outros que vêm pescar na nossa terra.

Ali – meu caro governador Eduardo Braga, você que é da Amazônia – na costa do Amapá nós temos o maior banco camaroneiro do mundo. Os japoneses chegam lá, com navio de arrasto, para pegar uma tonelada de camarão. Eles matam oito toneladas de peixes e jogam fora porque só aproveitam o camarão.



Se o governo não profissionaliza a pesca e não cria, como já criamos, programas de financiamento de barco – seja de um pequeno barco para o pescador artesanal, seja de um grande barco para o empregador da pesca – este País nunca vai ser um grande país, com potencial de pesca. Nós não aproveitamos nem as 300 milhas marítimas que consagramos na década de 70.

O que nós precisamos, agora que temos um Ministério, que temos a Embrapa... Eu já disse para o Gregolin: é preciso que além das federações das colônias que já existem, nós façamos parcerias com as prefeituras deste País para mapear cada rio, cada lago, cada pedaço de mar perto dos municípios, para a gente cadastrar mais e melhor os pescadores, saber o tipo de peixe que estão pescando, saber o tipo de vida que está levando o pescador. Quando nós – nós aqui neste palanque – viramos turistas e vamos para a praia, só queremos comprar peixe na canoa, e queremos o peixe mais barato e fresco. Nós não perguntamos as condições em que aqueles companheiros pegaram o peixe, não perguntamos as condições em que eles sobrevivem.

Uma vez, meu caro Governador, eu fiquei 10 dias em Ilha Grande, lá em Angra dos Reis. Todos os dias, durante 10 dias – às seis horas da manhã, às 10 horas da manhã, às duas e às seis horas da tarde – eu ia com os canoieiros tirar o cerco. Teve dia que tinha bastante tainha ou peixe-espada, teve dia que tinha sardinha, mas tinha muitas vezes de a gente atirar e não ter absolutamente nada. Nada! Para esse companheiro, voltar para casa sem nada, significa que naquele dia está faltando pão, está faltando leite para as crianças, está faltando dinheiro para pagar energia.

Nós queremos que os nossos pescadores artesanais e as nossas pescadoras saiam para trabalhar tranquilos, com segurança, sabendo que vão ter a proteção do Estado brasileiro. Nós queremos que os empresários brasileiros possam financiar a renovação do seu barco para disputar com os espanhóis, os japoneses, os noruegueses, em alto mar, onde tem peixe de



melhor qualidade. Nós não podemos mais nos tratar como se fôssemos um país pequeno, de pescadores pequenos, de empresários pequenos, humildes, que não conseguem trazer as coisas para este País. Aqui no Brasil, mesmo que tivéssemos o hábito de comer peixe, a gente não pegaria o peixe para atender o nosso hábito.

Eu falo como pescador, companheiros. Sou capaz de matar muitos de vocês de inveja, porque eu tenho lá no Palácio do Alvorada – eu coloquei, não achei lá, não – um pintado de 15 quilos, tenho um pacu de 12 quilos, tinha um jaú de 60 quilos, tenho pirarara de mais de 20 quilos, tenho dourado, tenho piraputanga. Tudo isso eu tenho lá. De vez em quando vou lá e pego um para comer. Na maioria das vezes, o peixe ronca. A dona Marisa pensa que ele está chorando e manda soltar, porque lá em casa não se permite pescar com aquela garra no anzol, tem que ser um (inaudível) liso. O peixe pensa que é para palitar os dentes e não sente nenhuma dor.

Eu sei exatamente que nós precisamos também fazer com que, se a gente pescar mais, a gente possa colocar peixe na merenda escolar para nossas crianças comerem. Elas vão pegar o hábito de comer carne de peixe e perceber que é mais saudável, e a gente vai aumentando o hábito do nosso povo de comer peixe. Isso é o que nós queremos garantir a vocês, pescadores artesanais e empresários. Como é que pode, com aquele lago de Itaipu, do tamanho que é, a gente não podia nem colocar uma rede lá? Aquilo ficava guardado para evaporar água. Quantos lagos no Nordeste estão a evaporar enquanto a gente poderia pegar companheiros pescadores, dar o espaço para eles, colocar uma rede, eles criarem seu peixe, sustentarem sua família, e terem uma renda mensal? Da mesma forma que a gente faz a reforma agrária na terra, é preciso fazer uma reforma aquária, na água.

Chega de estupidez. Aquele lago de Itaipu, aquela imensidão... Só agora começamos a criar pacu. Mesmo assim nos proibiram de colocar tilápia. Em quantos lagos, Wagner, pode-se criar camarão aqui na Bahia? Quantos de



vocês podem ter duas ou três redes em tanque perto da casa de vocês, nas águas perto de onde vocês moram? Certamente vocês não poderão comprar os tanques-rede, nós é que vamos financiá-los para vocês. Quando a gente fala em permitir que as pessoas possam criar peixe, não estamos pensando apenas em favorecer um segmento, o empresário, não. A gente quer que o empresário possa fazer, mas queremos garantir que o pequeno pescador possa fazer também, como lá em Santa Catarina.

Companheiros e companheiras, eu queria dizer a vocês que este momento é marcante para nós. Ainda falta fazer muito. Nós criamos o Profrota há muito tempo, mas está demorando muito. A burocracia ainda atrapalha a liberação. Estou vendo aqui uma empresária – não vou citar nomes – que ficou um tempão pendurada atrás do empréstimo que não saía. Ela fez o barco com dinheiro próprio e somente depois saiu o financiamento. Ela está me devendo um convite para pescar atum não sei onde...

Estou vendo companheiros aqui que pescam desde que nasceram e ainda não conseguiram sequer rebocar a casa em que moram porque mal e porcamente levam dinheiro para casa. Se pegam peixe e não tem para quem vender logo, estraga ou vendem quase de graça. Por isso é que nós queremos fazer o terminal pesqueiro, a fábrica de gelo, para garantir que o companheiro, ao sair com sua canoazinha, saia preparado para pegar e conservar esse peixe até chegar ao consumidor. Todo mundo quer comer do bom e do melhor, mas quer pagar como se fosse do mal e do pior. É preciso que o governo regule isso.

Companheiros e companheiras, eu queria dizer uma coisa para terminar: nós precisamos trabalhar para que as pessoas possam viver, seja a pessoa que vai catar marisco, seja quem vai criar camarão, criar o que quiser. O que queremos é que a partir de agora, com o Ministério com estrutura, a gente pense, elabore e execute melhor isso. As pessoas não podem continuar vivendo no abandono como viveram até agora. Nós queremos cuidar para que



vocês possam não apenas pescar e comer, mas pescar e poder comprar outro tipo de comida que quiserem, no supermercado. Vão ter barcos, porque o Gregolin vai financiar barcos. A idéia básica é que a gente possa financiar desde uma canoa até um barco grande. Da mesma forma que podemos financiar um carro velho, podemos financiar um barco para melhorar a qualidade de vida de vocês.

Vou dizer mais uma coisa: o Ministério, que é uma reivindicação muito antiga de vocês, foi criado para executar um programa que o companheiro Gregolin falou para vocês. Vocês não estavam ouvindo porque parece que queriam ouvir só a Margareth Menezes. Não sei se ela vai cantar, não.

O dado concreto é o seguinte, companheiros: eu ainda tenho dois anos e cinco meses de mandato. Precisamos executar este programa que foi assumido agora. Tem todas as coisas... são 22 terminais pesqueiros. Obviamente que trabalhando junto com o governo dos estados, lá no Amazonas, aqui na Bahia, lá em Santa Catarina, a gente pode construir mais terminais pesqueiros para poder dar aos pescadores e às pescadoras deste País um pouco de cidadania.

O acordo firmado com o ministro da Educação é para alfabetizar quem é analfabeto e para permitir que filhos de pescadores possam ter ascensão em outros cursos de mais qualificação. É preciso ver que colônia de pescadores não tem luz elétrica para a gente poder levar energia; é preciso ver onde não tem escola, para levar escola. É assim que vocês vão fazer da pesca um meio de vida digno e decente e poder criar a família de vocês.

No mais, companheiros e companheiras, Gregolin, eu quero dizer a vocês que este é o dia mais importante da vida deste rapaz aqui, que criou esse Ministério. Ele não faria isso se não tivesse uma companheira na Casa Civil da qualidade da Dilma Rousseff que elaborou esta medida provisória para eu assinar hoje. Ontem ainda não estava pronta, então trabalharam ontem à noite para me trazer para assinar hoje aqui. Senão o Gregolin morria e, dizem



que junto com ele, muitos pescadores iriam ter enfarto aqui se a gente não cria esse Ministério.

Quero, companheiro Wagner, agradecer de coração pelo seu carinho. Este caboclo aqui eu conheço há 30 anos. Vocês, pescadores, podem saber que têm no Wagner não um governador, mas um companheiro para as horas difíceis, um companheiro para os momentos difíceis. Não é para as horas fáceis, não, não é para festa. Eu tenho certeza que ele vai passar para a história como o governador que melhor tratou os pescadores e as pescadoras desta nossa querida Bahia de Todos os Santos.

No mais, meus companheiros e companheiras, tenho que pegar o avião para ir para Brasília. Que Deus abençoe vocês e boa pesca daqui para frente. Um abraço.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante almoço oferecido ao presidente da Costa Rica, Oscar Arias, em visita oficial ao Brasil

Brasília-DF, 30 de julho de 2008

Minhas primeiras palavras são de calorosas boas-vindas ao presidente da Costa Rica, meu amigo Oscar Arias. Sua luta pela paz, democracia e direitos humanos tem sido uma inspiração para todos nós. O Prêmio Nobel que Vossa Excelência recebeu foi o justo reconhecimento por sua contribuição para a pacificação da América Central.

A América Central hoje se junta ao resto das Américas na construção de sociedades prósperas e vibrantes. A democracia conquistada amplia a cidadania, e o desenvolvimento econômico e social fazem prosperar a paz duradoura. Hoje, a união de nosso continente continua essencial para enfrentar os desequilíbrios e assimetrias que se multiplicam em escala planetária. A Costa Rica e o Brasil defendem a reforma das instituições e práticas multilaterais.

Senhores e senhoras,

Estendi convite ao caro amigo Oscar Arias para vir ao Brasil na certeza de que chegou a hora de alargar os horizontes das relações entre os dois países. A sociedade costarriquense tem sido justamente admirada pela capacidade de aliar ética comunitária e igualdade de oportunidades. O êxito do programa “Avancemos”, na diminuição dos índices de pobreza, demonstra que a luta contra a exclusão social exige políticas inovadoras e consistentes.

O acordo que assinamos hoje em matéria de biocombustíveis é um poderoso aliado nessa luta. O etanol e o biodiesel têm extraordinário potencial na geração de renda e de postos de trabalho, sem falar do impacto na redução da dependência de combustíveis fósseis, mais caros e poluentes. A Costa Rica



é uma referência mundial em matéria de preservação ambiental e é também conhecida por sua longa tradição no cultivo da cana-de-açúcar. Apresenta, portanto, todas as condições para liderar a “revolução dos biocombustíveis” na América Central.

Na visita que fará esta tarde à Embrapa, Vossa Excelência conhecerá o patrimônio brasileiro de tecnologia em agricultura tropical. Estamos colocando a empresa a serviço de outros países na América Latina, na África e na Ásia. Ao ajudar países pobres a produzir mais e melhores alimentos, contribuiremos para erradicar a fome e a extrema pobreza no mundo.

Apesar da frustração das negociações na OMC, a Costa Rica e o Brasil seguirão empenhados na luta para a liberalização do comércio agrícola. Esperamos que os avanços já alcançados durante as discussões sejam preservados, e é o que esperam os países mais pobres, que mais teriam a ganhar com um acordo na OMC.

Senhor Presidente,

Nosso comércio bilateral mais do que dobrou nos últimos cinco anos. O Seminário de Negócios que Vossa Excelência abrirá amanhã, em São Paulo, oferecerá oportunidades para ampliar e diversificar ainda mais nossas trocas.

O Brasil enxerga, nessa parceria com a Costa Rica, o modelo que deseja desenvolver com toda a América Central. A conclusão de uma área de livre comércio entre o Mercosul e o Sistema de Integração Centro-Americano (Sica) aproveitará complementaridades, multiplicará investimentos, bem como promoverá cooperação técnica e transferência de tecnologia.

Nossa união é indispensável no momento em que assistimos à grave crise financeira que assola os países desenvolvidos. Por isso, decidi convidar todos os países da América Latina e do Caribe para uma reunião de cúpula sobre integração e desenvolvimento, no estado da Bahia, na cidade de Salvador, nos dias 16 e 17 de dezembro. A presença de Vossa Excelência é fundamental.



Senhor Presidente,

Nos difíceis anos 80, a vontade de superar os conflitos na América Central aproximou os países latino-americanos. Por meio do Grupo de Contadora e do Grupo de Apoio, que mais tarde resultaram no Grupo do Rio, o continente se uniu para trazer paz à região.

Hoje nos anima o mesmo espírito de diálogo e cooperação. Sabemos que, coesos, estaremos mais fortes para responder aos desafios de uma economia crescentemente globalizada. É com plena confiança nessa aliança solidária que peço a todos que me acompanhem num brinde à amizade entre a Costa Rica e o Brasil, e ao nosso compromisso em favor de um mundo mais próspero, justo e democrático.

(\$211A)